REVISTA DA SEMANA

Nº 44 ★ 3-11-51

CR$ 4,00 em todo o Brasil



SOC. HERMES LTDA.

A MAIS IMPORTANTE E PERFEITA ORGANISAÇÃO DE REEMBOLSO POSTAL

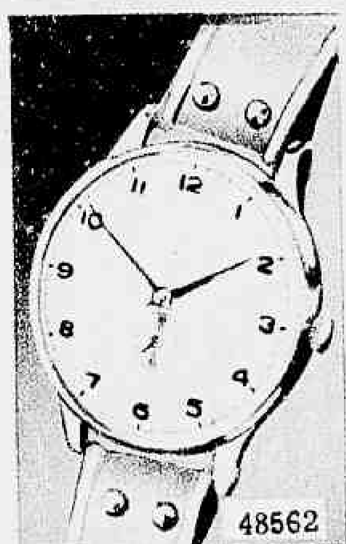
RUA MEXICO, 31 - 12.º And. TEL.: 42-5831

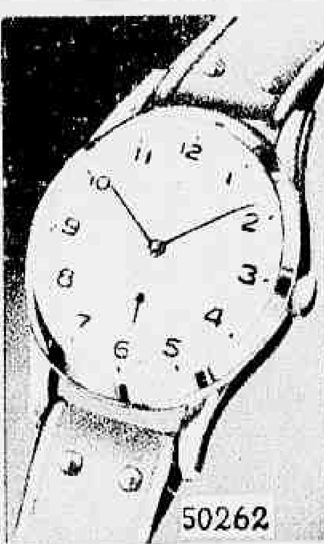
AS VITORIOSAS OFERTAS CONTINUAM

IMPORTAÇÃO PROPRIA DA SUIÇA - CENTRO RELOJOEIRO DO MUNDO

CAIXA POSTAL 3411 - TELEGRAMAS: "GLADIO"

VENCENDO EM TODO BRASIL





48.562 - Bonito relógio suiço, bela apresentação, fundo fosco, máquina suiça, sistema Roskopl c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos, artigo de propaganda **168,00**

50.262 - Bonita caixa, fortemente dourada, c/ fundo de aço inoxidável, boa máquina suiça com 15 Rubis, Oportunidade única! **248,00**

46.062 - Bonito relógio suiço, caixa de bôa apresentação, cromada, fundo fôsco, bôa máquina c/ 4 Rubis, ponteiro central. Oferta de propaganda. Cr$ **150,00**

50.562 - Bonita caixa cromada, fundo de aço inox, boa maquina suiça, com 15 Rubis, elegante mostrador claro, numeração dourada. Oferta especial Cr$ **255,00**

82.362 - Bonito relógio, caixa folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis, elegante mostrador claro, cordonet de seda. Certificado de Garantia. Cr$ **378,00**

83.862 - Moderno relógio suiço, caixa e pulseira folheadas a ouro, fina máquina de Âncora com 15 Rubis, amplamente garantida. Vidro lente. Belo adôrno por preço todo especial. Certificado de Garantia. Cr$ **595,00**

55.462 - Modernissimo DATOGRAF! Elegante caixa folheada a ouro, de espessura extra-fina, fundo de aço inoxidavel, superior máquina de Âncora, de precisão, com 17 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, rico mostrador claro c/ 2 janelas marcando dia e mês. Ponteiro central, ponteiro indicando dia do mês. Certificado de Garantia. Um belíssimo adôrno de grande utilidade! Cr$ **985,00**

36.462 - Modêlo esportivo! Inteiramente cromado, bôa máquina suiça, sistema Roskopl, números e ponteiros luminosos. Oferta de propaganda. Cr$ **118,00**

36.762 - Bonita caixa, cromada, fundo fôsco, bôa máquina suiça c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos. Resistente pulseira regulável, de aço inoxidável. Oferta especial. Cr$ **195,00**

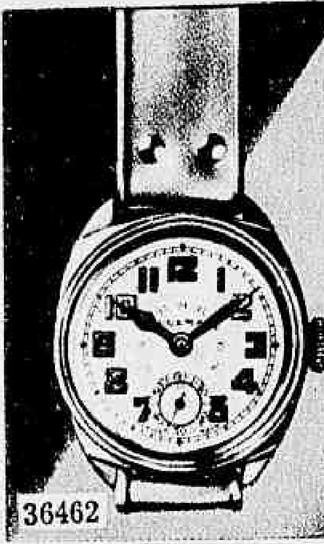
36.662 - Modêlo Gigante! Caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, mostradores variados, luminosos ou não, ponteiro de segundos, com bonita pulseira cromada. Preço todo especial. Cr$ **138,00**

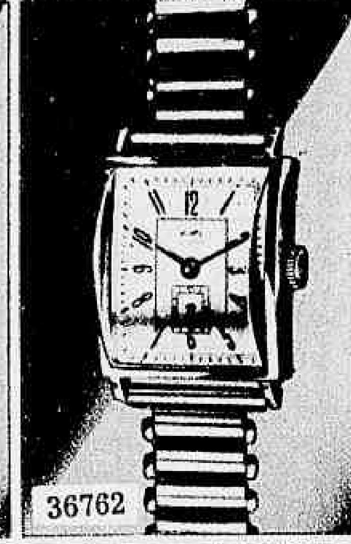
55.162 - Oferta sensacional! Elegante caixa folheada a ouro, espessura fina, máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, fundo de aço inox., ANTIMAGNÉTICO, ponteiro de segundos. Certificado de Garantia. Preço vantajosissimo Cr$ **398,00**

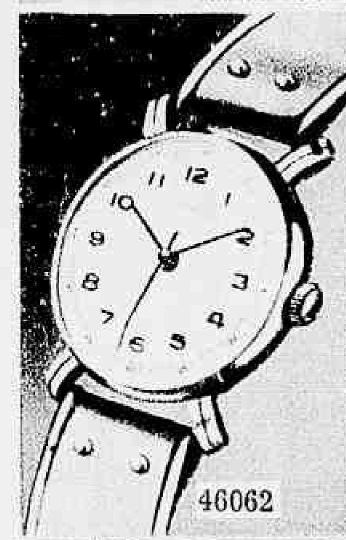
83.362 - Bonito relógio folheado a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis. Mostrador claro, numeração dourada, vidro lente. Dispõe de pulseira inteiramente folheada. Bela apresentação. Certificado de Garantia. Oferta de propaganda. Cr$ **498,00**

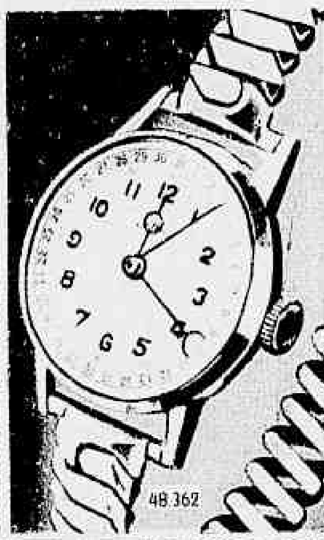
65.662 - Modêlo bonito! Caixa folheada a ouro, fundo cromado, fôsco, bôa máquina suiça, sistema Roskopl, mostradores variados. Cordonet de seda. Cr$ **238,00**

46.462 - Modêlo de rica apresentação! Caixa gigante, esportiva, folheada a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça c/ 15 Rubis, IMPERMEÁVEL, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, numeração dourada, ponteiro central, com moderna pulseira esportiva, folheada a ouro, tipo corrente, c/ mola no centro. Certificado de Garantia. Oferta vantajosissima. Cr$ **438,00**







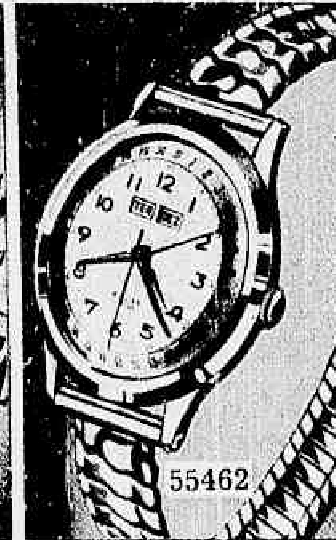


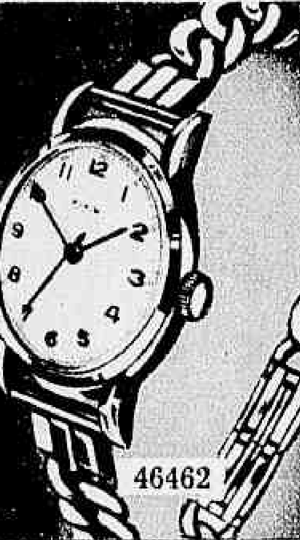
36662

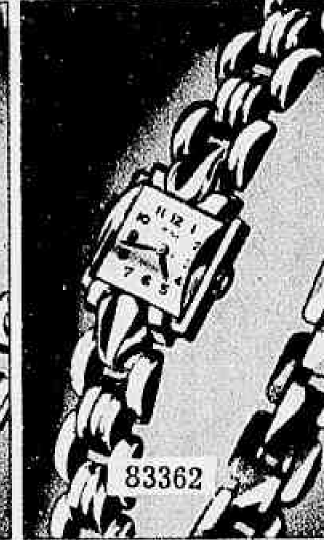
55162

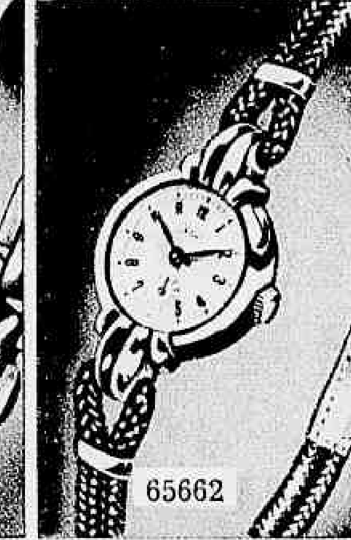
82362

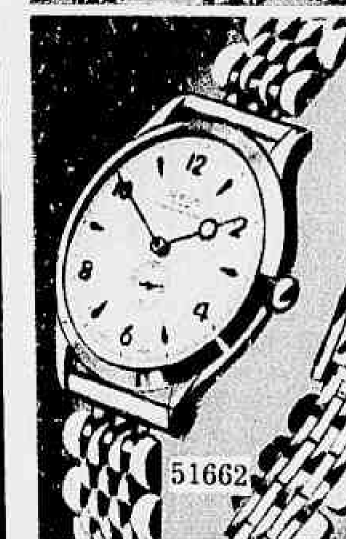
33862













51.662 - Apresentação belissima! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça c/ 15 rubis, ANTIMAGNÉTICO, com elegante pulseira folheada a ouro, de superior qualidade. Certificado de Garantia. Uma bela joia por preço especial Cr$ **438,00**

57.761 - Relógio AUTOMÁTICO! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidavel, máquina finissima de Ancora, de precisão, com 15 Rubis, AUTOMÁTICO (da corda a si mesmo), ANTIMAGNÉTICO, INCABLOCK, mostrador claro, numeração dourada em alto relêvo, ponteiro central. Moderna pulseira estensivel, tipo Royal, folheada a ouro, de qualidade superior. Certificado de Garantia Cr$ **890,00**

47.162 Modêlo "Gigante"! Grande caixa, inteiramente dourada, reforçada, com maquina suiça, sistema Roskopl, com dispositivo para medir TEMPO e DISTANCIA. Preço de propaganda Cr$ **218,00**

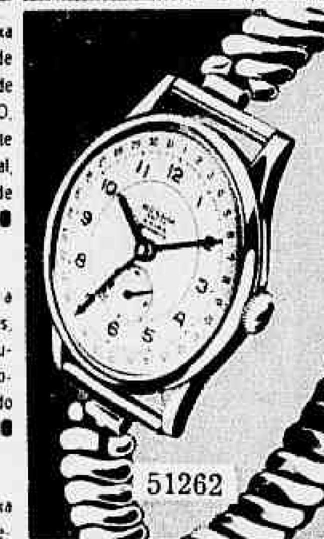
10.662 - Relógio de bolso, inteiramente cromado, boa máquina suiça, sistema Roskopl, oferta especial **98,00**

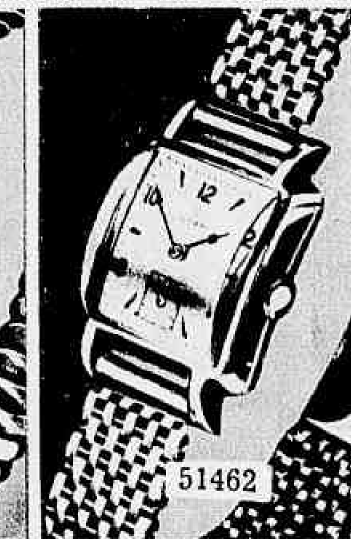
51.262 - Calendário! Indica hora e dia. Caixa folheada a ouro, de fina espessura, fundo de aço inox., superior máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostradores claros, variados, c/ excelente pulseira estensivel, folheada a ouro, tipo Royal, fundo de aço inoxidável. Certificado de Garantia Cr$ **628,00**

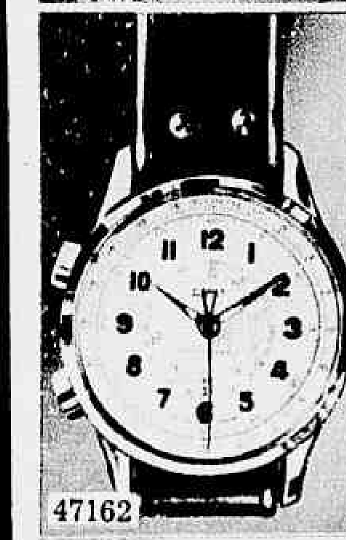
51.462 - Elegante modêlo, caixa folheada a ouro, fina máquina suiça com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, com numeração dourada, ponteiro de segundos, bonita pulseira folheada. Fornecido com Certificado de Garantia Cr$ **375,00**

12.962 - Relogio c/ corda de 8 DIAS! Caixa fortemente cromada, superior máquina de precisão, com 15 Rubis, corda de 8 dias, mostrador esmaltado, 2 tampas protetoras. Certificado de Garantia Cr$ **475,00**

11.562 - Despertador de bolso! Forte caixa inteiramente cromada, bôa maquina suiça, sistema Roskopl, c/ 7 Rubis, numeração luminosa, toque agradavel. Dispositivo para colocar na mesa. De grande utilidade. Preço vantajoso Cr$ **250,00**









ATENDE-SE COM PRAZER AO BALCÃO

SOC. **HERMES** LTDA.

RIO DE JANEIRO

R. MEXICO, 31 - C. P. 3411 - TELEGR. "GLADIO"

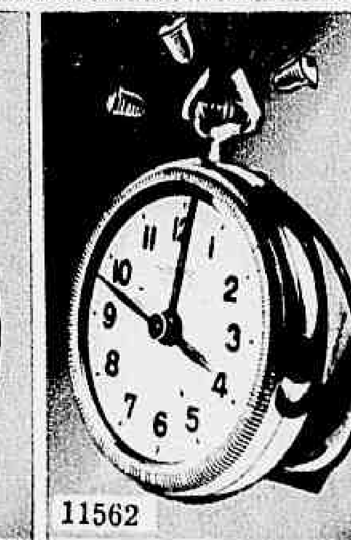
CUPOM — RS

NOME ____

RUA ____

CIDADE ____ ESTADO ____





ENVIE-NOS ESTE CUPOM JUNTO COM SEU PEDIDO DE RELOGIOS E RECEBERÁ GRATIS ESTA AGENDA DE 1951

PEÇA OS NOSSOS CATALOGOS COLORIDOS DE RELOGIOS, BIJOUTERIAS, JOIAS-ARTEFATOS DE COURO E OBJETOS PARA PRESENTES



Jurema e Figueiroa, da delegação da cidade de Santos, simbolizam os dois sexos em face dos Esportes. O homem e a mulher irmanados num mesmo esfôrço para eternizar o velho axioma latino, «Mens Sana In Corpore Sano», base da alegria do espírito e da fortaleza física, na mesma caminhada para um ideal comum.

A MULHER BRILHA NOS ESPORTES

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR

Fotos de DARIO TERINI

O QUE FORAM OS XVI JOGOS ABERTOS DO INTERIOR ★ 2.896 ATLETAS, REPRESENTANDO 79 CIDADES, DERAM MAGNÍFICO ESPETÁCULO DE ESPORTIVIDADE ★ COUBE A CAMPINAS O VICE-CAMPEONATO ★ SERÃO EM RIBEIRÃO PRÊTO OS XVII JOGOS ★ SAÚDE, ALEGRIA E MOCIDADE ★ UMA LIÇÃO PARA OS PROFISSIONAIS

DE 30 de setembro a 7 de outubro, reuniram-se, nesta cidade, 2.896 atletas amadores, de ambos os sexos, representando 79 cidades do interior de S. Paulo, Minas, Paraná e Estado do Rio que, durante nove dias, empolgaram a população local e o mundo esportivo nacional, com o desenrolar dos maiores jogos desportivos interioranos da América do Sul.

Espetacularmente, Santos venceu, **pela 12ª vez, o campeonato aberto do interior, totalizando** os seus pontos mais que o dôbro dos da cidade vice-campeã, que foi Campinas.

A competição encerrou-se domingo à noite, culminando com a entrega dos prêmios individuais, de 48 troféus de posse transitória ou definitiva e com a realização de magnífico baile de confraternização.

Durante os nove dias que durou o certame, presenciamos confrontos dignos de nota, eivados de técnica e de organização dignas de elogios. Em



Rosa Russo não se está vendo «em calças pardas». Está rindo, radiante, porque sua cidade é campeã do interior.



Matilde Assunção, belo tipo de atleta, representante do Município de Santo André, descansa durante algum tempo.



Nisei não gostava de fotos; mas consentiu êste flagrante para a REVISTA. E' grande estrêla do cestobolismo.

tôdas as modalidades, o padrão técnico foi excelente e todos os jogos decorreram dentro de apreciável ordem, tendo os índices, **apresentados** nas jornadas finais, atestado, sem sombra de dúvida, o grande progresso do esporte amador interiorano brasileiro.

★

Santos sagrou-se campeã com absoluta justiça, porquanto apresentou, a seu favor, as melhores equipes em tôdas as modalidades disputadas e, mesmo não tendo vencido tôdas as provas, conseguiu sempre uma classificação significativa, evidenciando o bom nível técnico dos que defenderam suas côres.

Por outro lado, Campinas, lutando arduamente, conseguiu a vice-liderança do certame, levando para a "Cidade das Andorinhas" o almejado cetro de vice-campeã.

A abertura dos XVI Jogos Abertos do Interior realizou-se na tarde de 29 de outubro e o dia não era o que de melhor poderíamos esperar para recebermos os esportistas. Uma garoa enjoativa caiu sôbre o desfile inaugural. Porém, mesmo assim, centenas de pessoas lotaram as ruas da cidade e, a despeito da perseverante garoa, foram render seu preito de homenagem à mocidade interiorana que iria medir fôrças em sete modalidades esportivas, lutando pela melhoria das marcas do amadorismo nacional.

Era sábado e, portanto, os milhares de paulistas que fugiam dos afazeres diários tiveram oportunidade de assistir ao belíssimo desfile inaugural, de apresentação dos atletas e que, nove dias depois, daria à cidade hospedeira, pela 12ª vez, o honroso título de campeã do interior.

★

O espetáculo apresentado pelos participantes dos XVI Jogos Abertos do Interior foi dos melhores e culminou com maravilhosa demonstração de camaradagem e esportividade, ponto alto das relações entre os atletas.

A execução do programa, sem falhas, e sem uma simples discussão, provocada pela exaltação dos ânimos ou pelo entusiasmo das disputas, a empanar o brilho da competição. Cidades houve que não lograram classificação, porém merecem nossos respeitos, pois contribuíram, de maneira positiva, para provar que há espírito esportivo e de amizade entre os disputantes do esporte amador brasileiro.

Das 79 cidades participantes, apenas 24 lograram marcar pontos e Santos totalizou três pontos mais do que Ribeirão Prêto, Sorocaba e Campinas reunidas. O certame foi deveras brilhante e apenas um ou outro desencontro de horário foi anotado, o que era insignificante, ante a majestosidade do todo.

Das modalidades de esporte disputadas devemos salientar o cestobol,



A delegação de Descalvado com sua faixa conduzida por três crianças em marcha vitoriosa pelas ruas da cidade de Santos, onde se desenrolaram as competições.



Outro aspecto do imponente desfile, quando a delegação de Campinas, — que se sagrou vice-campeã dos Jogos — marchava com cartazes de grante efeito cênico.



Noêmia Assunção não pôde conter as lágrimas quando os cestobolistas de Santo André foram derrotados.



Ligeiro descanso ao sol, depois de mostrar que a mulher moderna pode competir com o outro sexo nos esportes.



O Serviço Médico foi impecável durante todo o período de exibições e passeatas. Uma jauense sendo medicada.

que apresentou alto nível técnico, capaz de agradar, prometendo grande progresso no seio dos cestobolistas do interior.

Brilharam Santos e Ponta Grossa — Estado do Paraná — podendo-se dizer que, das 63 equipes disputantes, a maioria apresentou excelentes condições de técnica, muito boa-vontade e preparo físico.

★

Não há dúvida que para os rapazes santistas e paulistas, êstes que desciam do Planalto para assistir às competições da cidade praiana, o ponto alto do certame foram as maravilhosas representantes dos nossos municípios e das cidades de outros Estados, que fizeram de Santos verdadeira "casa de bonecas".

As "pin-up-girls" encheram a cidade com seus sorrisos, com suas vozes melodiosas, mostrando-nos o quanto pode fazer pela raça o esporte amador.

Ali vimos e positivamos o verdadeiro significado do esporte e louvamos seus organizadores, porquanto o espetáculo a que assistimos durante os nove dias de permanência em Santos foi, de fato, uma prova de estoicismo e perseverança, nos dias que atravessamos, com falta dos alimentos básicos, com a constante preocupação da elevação do custo de vida e com a dificuldade que tem o esporte amador, em vista do reduzido número de estádios que existem para o seu desenvolvimento.

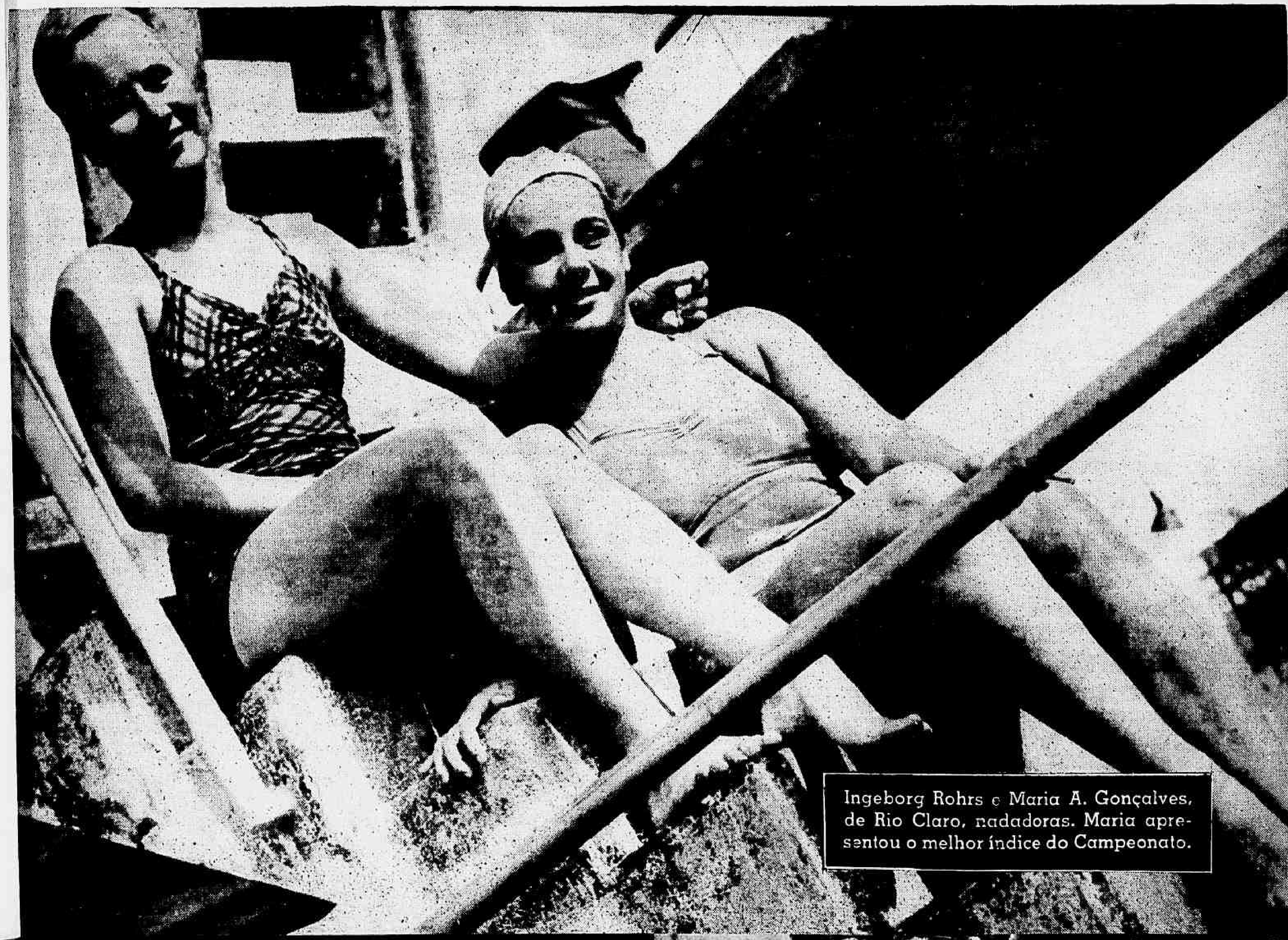
A população de Santos e os responsáveis pela organização do certame primaram pela eficiência e pela hospitalidade, tendo, os jogos, realizados em quatro ginásios diferentes, em piscinas, pistas, tabuleiros, "courts" e vias públicas, sido satisfatórios, não havendo falha alguma que pudesse prejudicar seu desenvolvimento.

Foi uma festa de confraternização atlética e as cidades que não tiveram a ventura de levar para "casa" os honrosos títulos de vitória, souberam honrar os fardamentos que envergavam, dando, aos profissionais do esporte nacional, uma belíssima lição de esportividade.

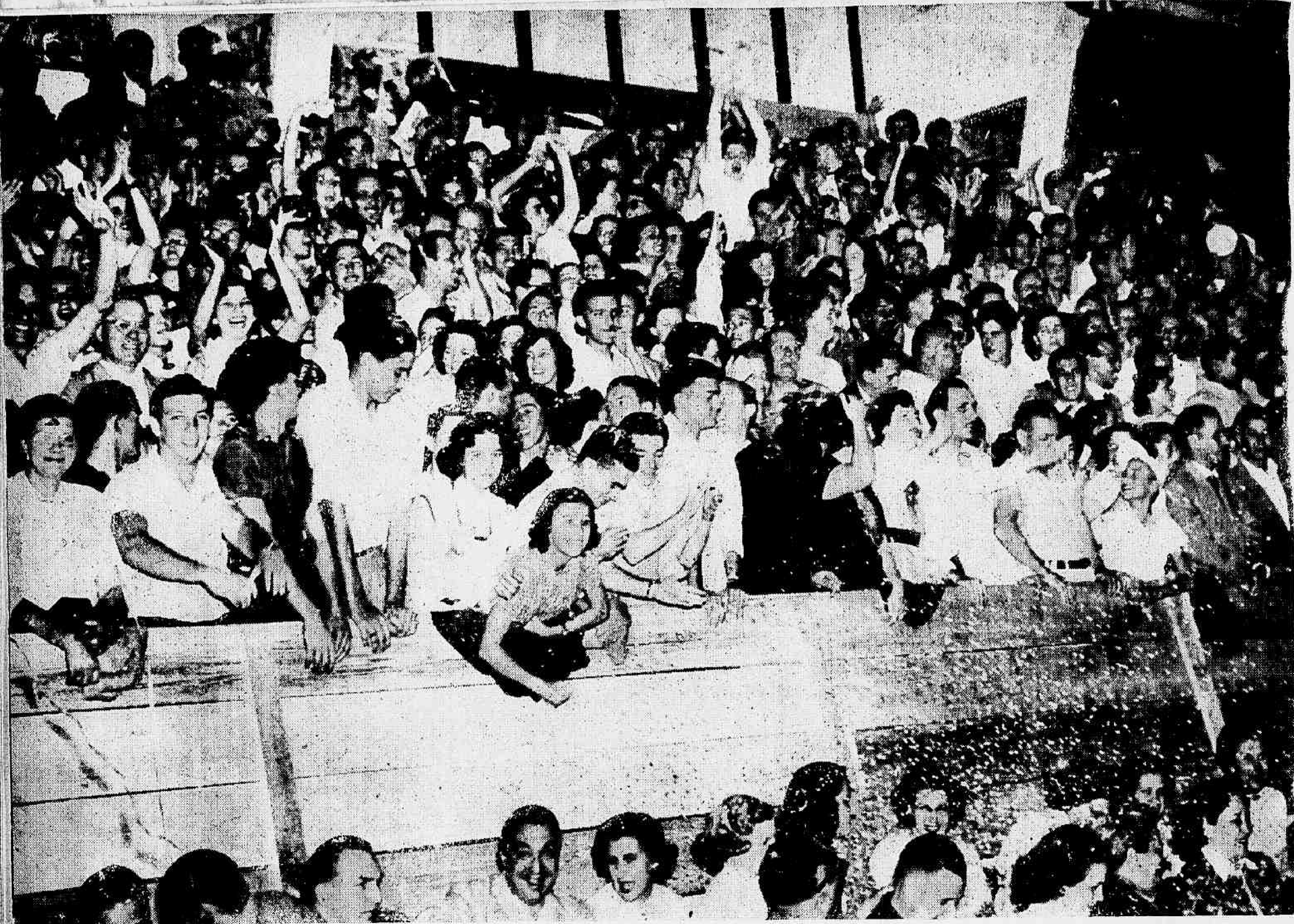
★

Depois de Santos e Campinas, respectivamente, na liderança e vice-liderança do certame, destacaram-se as cidades de Ribeirão Prêto, Sorocaba, Rio Claro e Marília.

Coube a Ribeirão Prêto o título de campeã de voleibol feminino, a Sorocaba a vitória de xadrez e a Rio Claro a de natação, também feminina.



Ingeborg Rohrs e Maria A. Gonçalves, de Rio Claro, nadadoras. Maria apresentou o melhor índice do Campeonato.

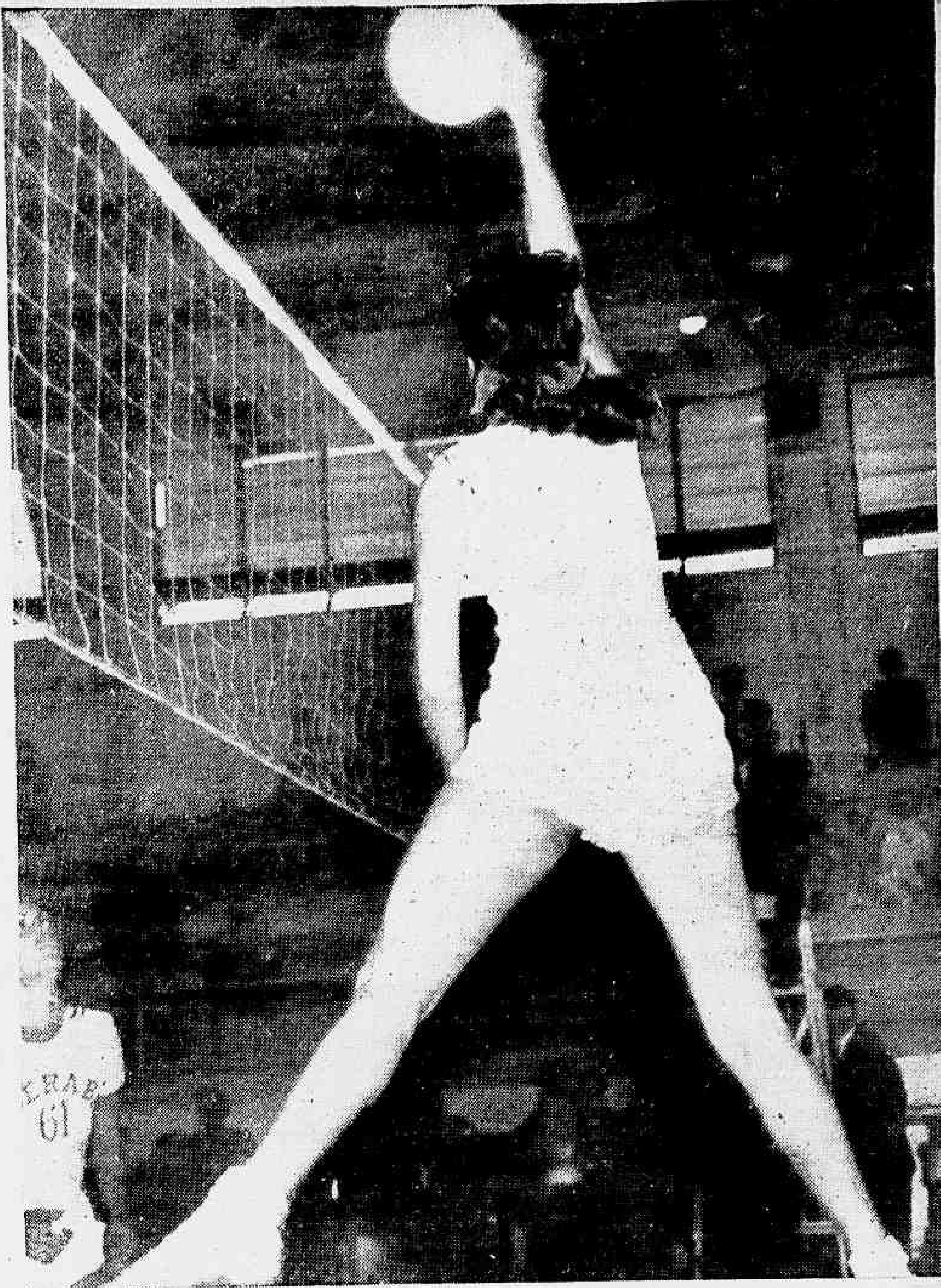


A torcida de Santos vibra em delírio, estimulando os seus representantes na sensacional competição. Talvez isso ajudasse a marcar 12 grandes vitórias. Os próprios atletas, das várias cidades em competição, se converteram em torcedores, numa bela demonstração de educação esportiva, no maior certame de amadores.





Os atletas de 79 cidades do Brasil, num total de 2.896 competidores no Juramento Solene de respeito ao código de honra e ética desportiva, o que foi cumprido.



Lance de uma uberabense no voleibol, e, na outra foto, as sorocabanas sagrando-se vice-campeãs de bola-ao-cesto, na finalíssima dos XVI Jogos A. do Interior.

marcando, esta cidade, 102 pontos, contra 57 de Santos.

Cumpre-nos destacar a atuação de Uberaba, Uberlândia e Ponta Grossa. As duas primeiras lograram colocações finais, respectivamente, no 5º lugar em xadrez feminino e 4º em natação, também feminina e a segunda classificou-se em 5º lugar no esporte aquático para moças. Ponta Grossa, por sua vez, ficou sendo a segunda colocada em cestobol masculino, tornando-se, portanto, vice-campeã do esporte da "cestinha", que foi a única modalidade da qual participou.

A contagem final dos XVI Jogos Abertos do Interior foi a seguinte:

1º lugar — Santos, 138 pontos; 2º — Campinas, 65 pontos; 3º — Ribeirão Prêto (onde se realizará o XVII Campeonato) — 36 pontos; 4º — Sorocaba, 34 pontos; 5º — Rio Claro, 22 pontos; 6º — Marília, 21 pontos.

Por modalidade desportiva a contagem foi a seguinte:

MASCULINO — 1º — Santos, 181 pontos; 2º — Campinas, 98; 3º — Araçatuba, 45; 4º — Ribeirão Prêto, 39; 5º — Bauru, 33; 6º — Sorocaba, 30.

FEMININO — 1º — Santos, 62 pontos; 2º — Campinas, 42; 3º — Ribeirão Prêto, 41; 4º — Sto. André, 13; 5º — Taubaté, 12; 6º — Araçatuba, 11.

VOLEIBOL FEMININO — 1º — Ribeirão Prêto; 2º — Santos; 3º — São José dos Campos; 4º — Campinas; 5º — Uberaba; 6º — São Carlos.

VOLEIBOL MASCULINO — 1º — Santos; 2º — Campinas; 3º — Sorocaba; 4º — São Vicente; 5º — Mogi das Cruzes; 6º — Araraquara.

BOLA-AO-CÊSTO MASCULINO — 1º — Santos; 2º — Ponta Grossa; 3º — Campinas; 4º — Sorocaba; 5º — Guaratinguetá; 6º — São José dos Campos.

BOLA-AO-CÊSTO FEMININO — 1º — Santos; 2º — Sorocaba; 3º — São José dos Campos; 4º — Rio Claro; 5º — Descalvado; 6º — São José do Rio Prêto.

XADREZ MASCULINO — 1º — Sorocaba; 2º — Campinas; 3º — Santos; 4º — São José do Rio Prêto; 5º — Jundiaí; 6º — Ribeirão Prêto.

CICLISMO — 1º — Santos, 26 pontos; 2º — Santo André, 15; 3º — Araraquara, 15; 4º — São Carlos, 6; 5º — Campinas, 2.

NATAÇÃO FEMININA — 1º — Rio Claro, 102; 2º — Santos, 57; 3º — S. Vicente, 30; 4º — Uberaba, 25; 5º — Uberlândia, 2.

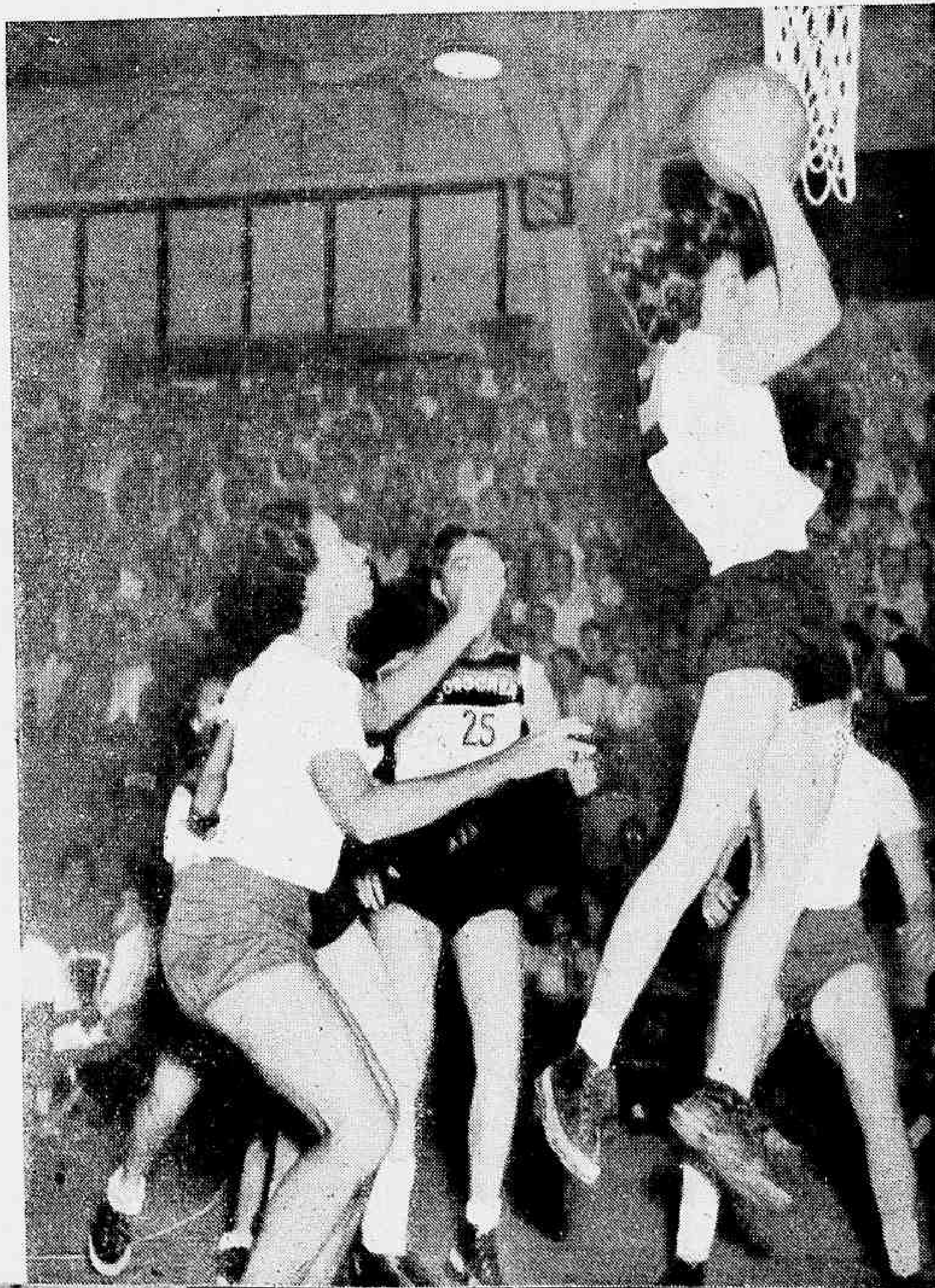
NATAÇÃO MASCULINA — 1º — Santos, 91; 2º — Marília, 76; 3º — Rio Claro, 67; 4º — Ribeirão Prêto, 34; 5º — Campinas, 22; 6º — Sorocaba, 12.

TÊNIS FEMININO — 1º — Santos; 2º — Guaratinguetá; 3º — Campinas; 4º — Ribeirão Prêto; 5º — raçatuba e 6º — Araraquara.

TÊNIS MASCULINO — 1º — Santos; 2º — Ribeirão Prêto; 3º — Marília; 4º — Campinas; 5º — Lins e 6º — Catanduva.



Uma pôse especial para a REVISTA DA SEMANA, concedida pelas pequenas de cidades do interior paulista, nessa festa de grande confraternização pelo esporte.



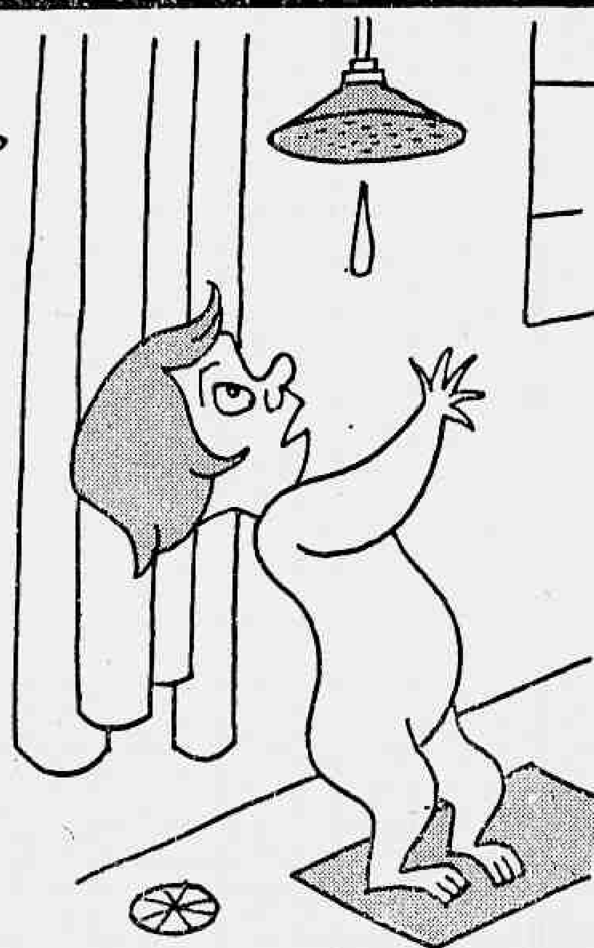
DIA da CREANÇA



Na hora do café (almôço de pobre), o menino rico bebe leite com água e come pão sem manteiga



Já de manhã cêdo, o menino pobre faz ginástica com a barriga vazia.



Na hora do banho, o menino rico continua sujo, como o menino pobre.





Na hora da escola, o menino pobre aprende às suas custas...



A merenda do menino pobre é variada... E' só escolher a lata.



Na hora do recreio, a cousa é divertida e perigosa.



À noite, dorme TRANQUILO, à luz das estrêlas e dos refletores...

A MORTE DA TERRA

CENA DO FILME DA PARAMOUNT, "O FIM DO MUNDO"

TODOS nós conhecemos a famosa frase latina que começa com aquelas duas palavras lúgubres: "Memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris". Isso, convertido em linguagem vulgar da Guanabara, significa: "Lembrem-se todos que a carcassa não vale um níquel e que todos nós nos tornaremos em pó, de uma hora para outra".

Mas, — perguntará o leitor — a que vem isso? Vem muito a propósito. Estamos na vez de orar em favor dos que já se foram e pedir aos Céus a necessária misericórdia para os que ainda não se converteram em pó.

Além de tudo, dessas fatais contingências da morte certa em dia incerto, voltam sábios e estudiosos das coisas físicas e metafísicas a repetir que o fim dêste mundo não anda muito longe. Como acabará a existência na Terra em que vivemos?

Os sábios não chegaram a um acôrdo. Acham uns que a Terra morrerá de velhice, como a Lua, aquêle delicioso e poético subúrbio do nosso planêta. Esta é a mais agradável das hipóteses, sabendo-se que, perante o Kosmos, a Terra está nos primeiros balbucios de sua vida. Uma garotinha que ainda não tem um segundo de vida na eternidade dos mundos do universo. Assim, para os que estiverem vivendo daqui a um bilhão de anos, ainda o fim da Terra estará muitíssimo distante. Que bela teoria! Mas há outros que não se mostram otimistas, e dizem as coisas com muito mais proximidade: "A Terra será tragada, de um momento para outro, por um cataclismo meteorológico". E explicam: "Dois milhares de cometas que atravessam a atmosfera da Terra, um dêles se aproximará tanto dêste mundo, que se dará a colisão fatal, e o nosso globo se despedaçará como se fôsse uma panela de barro!"

Ora, todos sabemos que certos cometas, como, por exemplo, o de Halley, têm capacidade bastante para destruir-nos num abrir e fechar de olhos. Halley estêve em visita de "observação" à Terra, em 1910. Segundo cálculos matemáticos da mecânica celeste, o nosso "turista" dos espaços estará novamente em visita a êste mundo, no ano de 1985. E é aí que o caso se torna perigoso. Se Halley não obedecer bem aos sinais do tráfego aéreo, virá de cabeça sôbre nós, e... era uma vez a Terra com tôdas as suas mazelas e esplendores.

Dizem outros astrônomos e astrólogos, que o fim não será êsse. A coisa terá outros aspectos. Dar-se-á profunda modificação na eclíptica, e a Terra mudará de posição perante o Sol, que é o centro de nosso sistema e a fonte de vida para todos os viventes do planêta. Com essa alteração sideral, a Terra tomará outra feição, dar-se-á deslocamentos tremendos em sua superfície, e os pólos mudarão de local. As imensas e grandes massas de água dos oceanos invadirão partes de terras até então enxutas, e tempestades de vagas colossais, rugindo na arrebentação de ondas da altura da serra da Tijuca, destruirão cidades inteiras, mesmo quando situadas em planaltos como o nosso de Goiás.

Opulentas metrópoles, com seus edifícios de cento e cinqüenta andares; templos maravilhosos, no rendilhado de seu estilo gótico; estádios, avenidas, parques, catedrais, universidades, pontes, estradas de ferro, tudo será devorado em minutos pela invasão tumultuosa e estrondeante das torrentes em fúria inesbarrável.

E' o fim do mundo pelas águas, numa repetição do dilúvio, mas sem nenhum Noé, sem nenhuma barquinha de salvação, sem nenhum pico de Ararat que nos sirva de pouso para dar graças a Deus pelo salvamento. Sòmente nos outros lugares, até então submersos, surgirão novos continentes. Pouco a pouco os animais irão retomando feições e hábitos diferentes, acomodando-se à nova vida. De gente, porém, não sobrará nenhum para a reportagem. Nem mesmo um "foca".

Será assim o fim do mundo? Há outras teorias. Uma delas é pavorosa: acham os sábios e feiticeiros que a Terra acabará abrasada em fogo. Sôbre essa hipótese há mesmo uma tradição de natureza religiosa. Quando Jeová submergiu êste mundo nas águas do dilúvio e verificou estar ainda vivo o "espírito de porco", apesar do castigo, prometeu a si mesmo que, quando tivesse de arrasar o mundo e sua gente, não recorreria mais à água. Lançaria sôbre o nosso planêta as chamas devoradoras do próprio inferno, de maneira que nem bacilos de Kock escapariam.

Nada mais oportuno do que a gente se lembrar agora daquelas palavras proféticas que o Criador pronunciou diante de Adão, na famosa e inesquecível passagem do Gênesis, quando o homem era castigado por sua desobediência às leis do Paraíso...

RENATO DE ALENCAR

SUMÁRIO

REPORTAGENS

A mulher brilha nos esportes (N. De Lucca Junior) 3/7
No quilombo da Caiana 12/15
Adélia será operada dia 18 (Abdias Rodrigues) 18/21
O canal de Suez 27/31

HUMORISMO

O Dia da Criança (Tréo) 8
Êste Mundo e o Outro (Darcy) 23

LITERATURA

A morte da Terra (Renato de Alencar) 9
Um assombro (conto relâmpago de Geo William) 16
Máscaras (Elias M. Raide) 38
Semana Literária (Edmundo Lys) 48/49

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 10/11
Personagem da Semana 11
Palavras Cruzadas (Renato Cartacho) 16
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 22
Puxe pelo cérebro 46
Correio da Revista 51
Tudo isto aconteceu 56/57
A REVISTA há 50 anos 16

ROMANCE

A Insatisfeita 24/25

FOLHETINS

A volta de "Bugs" Coonan 26
O preço de um crime 35

EXTRA

Diário de James Forrestal 32/33

FEMININAS

Para uma pianista (Lyse) 39
Elegantes 36/37
Detalhes originais 39
Variações da Moda 40/41
Week-End na cozinha 42/43

CINEMA

Na bôca do lôbo (Cine-novela) 44/45

ILUSTRAÇÕES

Jerônymo Ribeiro — Gil Coimbra

FOTOS

Dario Terine — F. Stukert — Abdias Rodrigues — Adalberto Mendes — Newton Viana — Nódgi — Paramount — Avulsas.

NA CAPA:



EVELYN KEYES (Foto Columbia)

A SEMANA

MATANDO GENTE

DENTRE os agentes de morte dêste Rio imenso, há um que estava mesmo a merecer sérias providências por parte da Prefeitura: as passagens de nível atravessando as vias férreas nos arredores da capital. Diàriamente há pânico em tais passagens, e, quando não se corre o mais depressa possível, é morte certa. Fique uma pessoa observando o que se passa em tais lugares de movimento de pedestres e de veículos e veja como se arrisca a vida nesta cidade. As cancelas, mesmo fechadas, com os guardas de vigilância, não impedem que os pedestres mergulhem por baixo dos varais e andem pelo leito das estradas de ferro, a fim de economizar tempo. Daí o registrar a imprensa, de quando em quando, colisões fatais entre comboios e veículos, resultando disso mortes, ferimentos, prejuízos de tôda sorte. O meio de corrigir tudo isso é construir passagens subterrâneas ou viadutos sôbre as linhas de ferro. Os desastres nas estradas de ferro da Auxiliar e da Leopoldina são quase diários. E isso porque nem há mesmo "cancelas", e sim uns pranchões que não oferecem nenhum obstáculo aos que atravessam o leito. A reportagem da imprensa carioca já chegou mesmo a fazer esta experiência: em várias cancelas o veículo do jornal atravessou calmamente a linha, apesar do sinal "fechado". O guarda não opôs nenhum obstáculo nem censurou a "imprudência". Ora, diàriamente é isso que se vê. O Prefeito Vital decidiu mandar construir viadutos onde houver passagem de nível, pois as tais cancelas vivem a matar gente.



O CONTO DO CINEMA



A indústria cinematográfica brasileira de longa metragem já é um fato incontestável, apesar de todos os obstáculos, desde os circuitos de exibição, até à fiscalização para os devidos encontros de contas com os distribuidores. Mas a persistência dos pioneiros, a tenacidade dos que têm fé, deram ao Cinema Brasileiro a consistência que todo mundo já reconhece. Não é de admirar que, dentre as várias modalidades de "cavação" e ludíbrio, esteja também incluída a cinematografia, fornecendo planos para espertalhões e chantagistas bem falantes e muito bem vestidos. Foi assim que nasceu uma nova produtora de filmes de grande metragem e lindos enredos: a "Centauro Artística Ltda." Que belo nome! "Centauro Artística"! Sim, senhores, um nome retumbante, sugestivo e que, por si só, seria capaz de resolver o cinema nacional. O seu fundador, um cidadão de nome Eunino, instalou-se muito confortàvelmente em excelente apartamento num dos edifícios do Russell, onde recebia amigos e interessados no soerguimento do cinema brasileiro. Seu programa era indiscutivelmente exequível. O homem era um grande organizador. O escritório ficava na Rua do Carmo, no centro da cidade. Mandou imprimir ações e se lançou no comércio. Em pouco tempo estava com um milhão e quinhentos mil cruzeiros no bôlso. E os filmes? Tudo "fita". Tudo o que fêz foi enriquecer o sabidão que, cinematogràficamente, ficou milionário de um dia para a noite, como nos filmes policiais...

O PREFEITO DE PARIS

O Prefeito do Rio, Sr. Carlos Vital, recebeu do seu colega de Paris amável convite para que o chefe do executivo carioca fôsse à capital da França assistir às comemorações do bi-milênio da fundação da Cidade Luz. Estava o Sr. João Carlos Vital com as malas arrumadas, quando a sêca do Rio lhe pregou uma falsêta. A cidade inteira estava a debater-se com falta do chamado "precioso líquido", e, por isso, S. Excia. desistiu, à última hora, de tão belo passeio, com possibilidades de observar o que de mais prático houvesse para ser aplicado ao Rio. Se há uma espécie de administrador que deve fazer excursões, de quando em quando, pelas maiores cidades do mundo, é a de Prefeito. E' observando que se aprende, e, mesmo com as angustiosas faltas de verba com que lutamos, é útil um turismo prefeitural aí pelas grandes metrópoles da América, da Ásia, da África e da Europa. Dizem que o Sr. Prefeito de Paris, ao ouvir as desculpas da ausência do seu colega do Rio, muito lamentou, e, ao que parece, ficou na dúvida se, em verdade, estaria o Rio assim tão "sêco", a ponto de obstruir uma excursão de amizade e compreensão entre Prefeitos. E não pôde evitar a obstinada vontade de vir ao Rio de Janeiro ver de perto a nossa situação subaquática. E' claro que tais "constas" não passam de boatos; mas, a gente fica pensando: "Qual o motivo básico dessa vinda ao Rio do Sr. Prefeito De Gaulle? Embora irmão do Charles, não é político, nem tampouco o Vital Queira Deus que, ambos unidos, consigam **resolver a sêca desta terra, que, apesar de Rio, mais parece o Saara...**



EM REVISTA

OS VASSOURINHAS



HÁ uns dois ou três meses apareceu na imprensa do Rio uma notícia que causou certa estranheza: o famoso clube Carnavalesco "Vassourinhas", do Recife, estava na iminência de morrer, por causa de um débito de dezoito mil cruzeiros. O credor já entregara o caso a advogados e os meirinhos iriam penhorar tudo, passando depois ao leilão. Era o cúmulo. Num país em que a fé carnavalesca chega a ser uma religião, deixar-se uma relíquia popular, como o grande clube pernambucano, ir de Capibaribe a baixo apenas porque não era possível pagar quantia tão pequena! O "Vassourinhas" é patrimônio do Estado, e seu nome rememora uma das mais saudosas e heróicas fases da vida dos pernambucanos. Foi ao som da "Vassourinha" que o povo fêz uma das maiores revoluções cívico-políticas do nordeste. Cantar a "Vassourinha" era como que cantar o hino da redenção do Estado. Como admitir que o "Vassourinhas" levasse a breca? E os afeiçoados a Pernambuco e ao seu carnaval — o mais "carnavalesco" do mundo — ficaram impressionados com a situação e esperando que a crise fôsse resolvida satisfatòriamente. Pois acaba de suceder o que todo mundo ansiosamente desejava: o Clube Vassourinhas está salvo! Como se deu o milagre? O governador Agamenon Magalhães vendo que os credores iam mesmo dar uma "vassourada" nos troféus e móveis do "Vassourinhas", pagou a dívida e livrou o Clube da derrota final. Muito bem, Sr. Governador!

OS MILAGRES DO RÁDIO

HÁ nas "Histórias de Trancoso" uma que nos conta a aventura daquele mocinho esperto que, encostando o ouvido ao solo, dizia que "estava ouvindo uma missa em Roma". Todo mundo ficava maravilhado com essa capacidade auditiva, sabendo-se que a Cidade Eterna estava a milhares de léguas do ouvido daquele homem extraordinário. Mas, depois que se construíram as emissoras e os respectivos aparelhos de recepção de ondas curtas, pode um cidadão de país antípoda da Itália, sintonizar seu "dial" e ouvir a missa do Santo Padre em Roma, desde que a mesma seja irradiada, é lógico. E isso não causa mais nenhuma estupefação. Os milagres do rádio são assombrosos, mas já estão de tal maneira vulgarizados que a ninguém mais provoca perplexidade. Recordemos, porém, um dêsses milagres, passado aqui no Rio em outubro de 1931. Inaugurava-se a estátua do Cristo Redentor no Corcovado. Segundo disseram os jornais, o monumento iria ser iluminado por uma ligação radiotelegráfica lá da Itália para o Rio. Milhares de olhos ficaram voltados para o pico do Corcovado, à espera que o milagre da ciência se verificasse. Houve quem não desse o menor crédito. Na hora fixada, os refletores inundaram de luz o soberbo monumento. De onde viera a energia? De Coltane, na Itália, em ondas de 35 metros, para a estação receptora de Jacarepaguá, que a amplificou e retransmitiu à Comp. Rádio Brasileira, na Av. Rio Branco, que, por sua vez, a amplificou e expediu por linha telefônica ao Alto do Corcovado, iluminando-o.

TURISMO PARA O RIO



FAZ poucos dias reuniu-se a C.P.C.C.T. (Comissão Permanente do Conselho Consultivo de Turismo), órgão da Prefeitura subordinado à Diretoria do Departamento de Turismo, sob a chefia do Sr. Alfredo Passos, autoridade municipal no assunto, e que está vivamente interessado em tornar o Rio uma atração turística universal. Um dos pontos mais debatidos nessa reunião foi a da maneira por que recebemos os que nos visitam e aqui deixam dinheiro. Segundo tem sido reclamado, mas sem nenhum resultado, as exigências alfandegárias se caracterizam pelo maior rigor, muitas vêzes produzindo nos turistas indisfarçável mal-estar. Não são poucas as pessoas estrangeiras que, vindo pela primeira vez ao noss país, se animam a repetir a experiência. Saem daqui indignadas, e, como não pode deixar de ser, vão transmitindo com aumentos, de acôrdo com seu grau de ódio, as notícias mais escabrosas sôbre o nosso país, os nossos costumes e os absurdos das exigências aduaneiras. E' verdade que não agiríamos legalmente se deixássemos passar contrabandos sob a capa de turismos. Mas, pelo que parece, é preciso encontrar um meio têrmo. Outra face das discussões: montagem de estabelecimentos comerciais para o consumo de café. Há quem proponha instalar excelentes Cafés, montados com grande luxo, exigindo-se, porém, que tenham orquestras de primeira classe. Ótimo; mas não vamos cobrar cinco cruzeiros por xícara, alegando que turista é bicho endinheirado. Nada disso: fornecer ao turista coisa muito boa e barata. Sofrimento por sofrimento, ficariam em suas terras...

A PERSONAGEM DA SEMANA



Rei Gorge VI

Uma série de contrariedades vem desabando sôbre a Inglaterra. Nação que tem sido comparada a uma rocha pela solidez de seus fundamentos, o Reino Unido da Grã-Bretanha atingiu o seu apogeu histórico, durante o longo reinado da Rainha Vitória, e suas tradições de lutas e de glórias se projetam até hoje numa esteira de acontecimentos de registro universal. Os primeiros indícios, porém, de que sopram, sôbre o trono e o país, as mais inesperadas manifestações de novos climas para o famoso Império, foram aquêles de caráter político, quando a velha política conservadora de Churchill, logo após a derrota do fascismo, cedeu lugar ao Trabalhismo, entrando a Grã-Bretanha nos domínios do socialismo, com vastas providências de nacionalizações e reformas da propriedade privada como meio de produção. Embora o novo regime não tenha abalado os fundamentos da Commonwelth, a aristocracia britânica passou a sentir a influência das massas, e, até hoje, a política não voltou ao antigo nível de antes da segunda grande guerra. Na vida da política e relações exteriores, o "Foreign Office" se tem visto em casos que exigem a mais serena das providências, tendo culminado tais problemas com o caso do Irã, agravando-se a situação do Oriente Médio com a rebelião do Egito, que reclama soberania em Suez e a anexação de todo o Sudão. Lavra no mundo verdadeiro simun de exaltações de autonomia, e a Inglaterra, como maior país colonialista da humanidade, terá seu maior quinhão entre as nações líderes. Verifica-se o duelo entre o Direito constante de tratados e Convenções, e o fato que também é fonte de direitos, quando o consenso universal assim determina. E o Rei George VI, em seu leito de enfêrmo, recentemente operado de padecimentos graves, toma aspectos de um Rei-Mártir, pressentindo em tôrno da coroa o zunir dos ventos tempestuosos, sem poder gozar da tranqüilidade de uma convalescença mais calma.

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição física lhes permite ser activas, espertas e bem-humoradas.

É, de facto, uma verdade incontestavel que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é patrimônio precioso, é indiscutível factor de êxito: Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vítima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos, tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, Ventre-Livre é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais paises onde penetrou.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante.



A «musga» da Caiana, em conjunto, executando as composições constantes do texto. Está completa. Os músicos não cantam. Longe dêles a alegria do jaz. Embora usando trajes civilizados ainda conservam a melancolia da senzala.

NO QUILOMBO DA CAIANA

A SERRA DA CAIANA, UM REDUTO FOLCLÓRICO ★ A "MUSGA" QUILOMBA ★ O QUE NOS DISSE O MAESTRO SIQUEIRA

Fotos de E. STUKERT



O maestro José Siqueira colhendo, pessoalmente, na própria fonte, os dados para esta reportagem.

O último Congresso Folclórico Nacional levado a efeito no Rio, há pouco, despertou-nos o desejo de ouvir uma pessoa autorizada a discorrer sôbre música popular folclórica: o Maestro Siqueira. A literatura dessa natureza, embora das mais atraentes, ainda não chegou a empolgar os editôres brasileiros, havendo, de longe em longe, lançamentos de livros novos ou edições de obras antigas dos tempos de Silvio Romero, Melo Morais, João Ribeiro e outros. Nota-se, como razão do desinterêsse livreiro, desarticulação entre os grandes centros do pais e o interior, em cujas cidades e povoados há inesgotáveis motivos folclóricos. O Brasil se torna, assim, uma grande pátria uniforme, mas composta de compartimentos estanques, ignorando os brasileiros o que se passa na própria pátria. Quem vive na "sala de visitas", não sabe o que há nos corredores; os que moram nos vestibulos, ignoram a vida dos vizinhos das "camarinhas", e assim por diante, causando sensação aos próprios nacionais o "descobrimento" de melodias e histórias que vicejam no sertão, e que só chegam às capitais, quando um pioneiro vai até lá e colhe os frutos saborosos de lirismo e poesia. O "Luar do Sertão", por exemplo, com os versos catulianos, não tem autor. Sua música se perde nos séculos de povoamento do interior nordestino. Ao ser estilizado pelo autor do "Evangelho das Aves", tornou-se como que um hino de brasilidade. No dia em que houver no pais uma organização turística que possa levar o homem do litoral aos sertões, e de lá também vierem até aos centros civilizados, o que mais típico e inédito há na vida sertaneja, o Brasil será muito mais querido e admirado pelos próprios brasileiros.

Foi pensando nisso que procuramos o Maestro Siqueira, que nos recebeu com a maior cortesia:

— Em que região do Brasil há mais motivos folclóricos? — perguntamos.

— Segundo consenso geral, é no nordeste onde há o mais puro e mais belo. Sòmente ali se verifica nas usanças melódicas, o constante emprêgo de três escalas originais, de alto poder expressivo

e sentimental, desde as cantorias dos cegos, até aos desafios dos cantadores e os baiões à viola.

— Apresentou algum trabalho agora por ocasião do I Congresso Brasileiro de Folclore?

— Sim! A tese intitulada Sistema Trimodal Brasileiro, e que foi relatada pelo sr. Eurico Nogueira França e aprovada em plenário para inclusão nos anais.

— Já teve oportunidade, Professor, de ouvir, "in loco", os nossos músicos rústicos de alguma parte do sertão nordestino?

— Como não! Em janeiro de 1949 fiz uma viagem de pesquisas e observações folclóricas nos Estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, tendo antes estado nas capitais dos Estados do Espírito Santo e da Bahia. Mas foi na Paraíba onde mais aprofundei as minhas pesquisas, tendo ido ao município de Alagoa Grande. Informaram-me que ainda havia ali, no lugar denominado Serra da Caiana, um autêntico Quilombo.

— Sertão brabo?

— Sertão típico do nordeste. Mas o que poderia desanimar era a localização da tal Serra da Caiana. Lugar inacessível, não se podendo ir cômodamente a automóvel. Mas o sacrifício valia a pena. Quem não teria ânsias de ver um Quilombo com as mesmas características do famoso Quilombo dos Palmares? Auxiliado pelo govêrno do Estado, fui até Alagoa Grande, no que fui auxiliado pelo sr. Francisco Luís, e abandonamos o automóvel até aonde nos levou a rodagem que liga Alagoa Grande a Campina Grande . E tivemos a prova provada da hospitalidade tradicional do sertanejo: um desconhecido nos arranjou montadas, sem indagar quando voltaríamos! A serra está a mais ou menos mil metros sôbre o nível do mar. O caminho é pavoroso. Passamos maus quartos de hora. Finalmente, às 14 horas do dia 3 de fevereiro, sob os efeitos de um sol inclemente, apeamos para descansar sob uma árvore não muito frondosa, mas que nos oferecia sombra para uma soneca.

— E o Quilombo?

— Ao despertarmos, estava junto de nós a figura principal do Quilombo: o velho mestre José Punaro. Veio ver quem eram os invasores de seus domínios. Mestre Punaro é uma espécie de chefe, de pajé, nas tribos indígenas. E parece que vivem ali fora do mundo. Imagine que, ao lhe perguntar quem era o governador do Estado, êle declarou que ignorava. E é filho do município o sr. Oswaldo Trigueiro, então governador da Paraíba. Mas, depois que esclarecemos nossa missão, o velho quilombola, homem que tem mais de setenta janeiros, não opôs nenhum argumento e permitiu o trabalho livre do fotógrafo, ordenando que os componentes da "pancadaria", ou "Musga da Caiana", comparecessem para uma audição especial.

— São muitos êsses músicos, Maestro?

— Sete, ao todo. Os instrumentos são: dois "pifes", corruptela de pífaro ou pífano; um *triângulo* de ferro, um "zabumba" ou bombo, um tambor, uma caixa clara ou tambor militar. Seus executores, são, respectivamente: Antônio Teó, Zé Teó, Augusto Luís, José Punaro Filho, José Punaro, João Teó e Mané Teó. Depois de executarem uma marcha, um baião, uma "peça" e um tango, cujos temas musicais são aqui expressos, começamos o nosso inquérito, o qual abrangeu vários aspectos muito interessantes para os estudiosos dessa ciência que é o folclore, tanto no campo etnográfico, como no antropológico e musical.



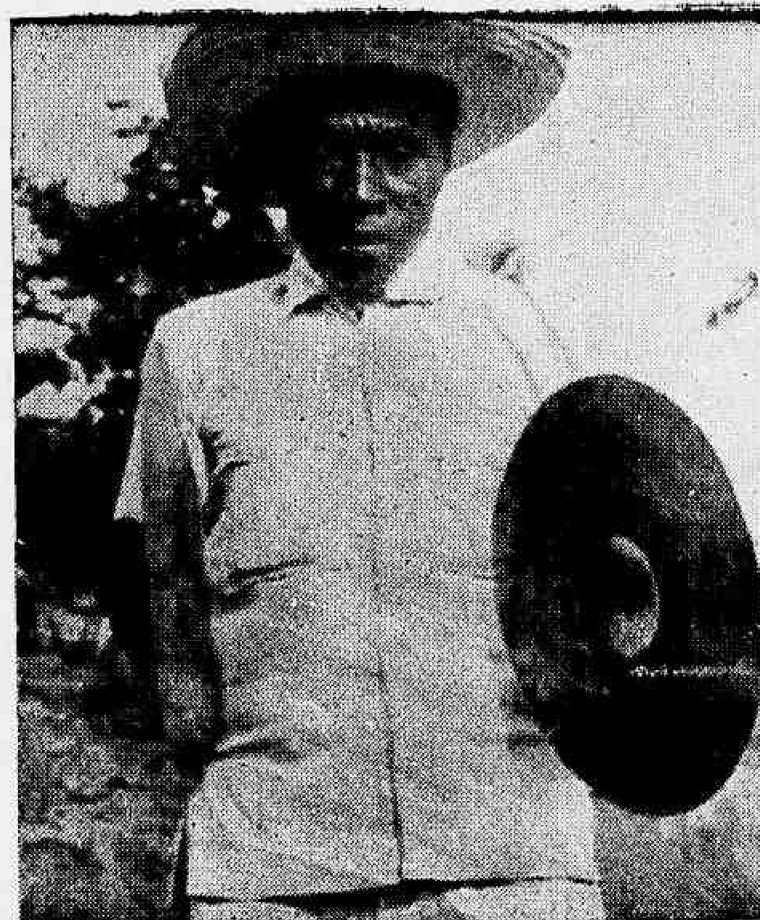
O tambor: madeira e pele de caprino. A maçaneta é chamada «macêta».



O triângulo: é chamado «ferrinho». **De origem européia, não sabem como entrou ali.**



A caixa: em vez de parafusos é feita com cordas estendidas triangularmente.



O prato: de origem oriental. Êste foi um presente feito ao Quilombo.



O bombo: é o maior instrumento do conjunto, também chamado «zabumba» ou «bumba».



O pífaro: é chamado «pife». Quando atua mais de um é o «pifeiro».



A «muié» de Zé Punaro numa pose especial bem característica.

— Como aprendem êles a sua arte?

— Essa pergunta lhes fiz eu. Sabe qual foi a resposta? "Com os mais velhos". E' o exato sentido folclórico. Uma produção artística de que se sabe o autor, não é folclórica, não é "do povo". Aquêles "musgos", na sua ingenuidade sertaneja, sem cultura, sem "escola", representam para nós, os civilizados, para os mestres do folclore nacional, como os Srs. Câmara Cascudo, Roquete Pinto, Gustavo Barroso, Mário de Andrade, Luciano Gallet e outros, magnífica fonte de belezas que o Brasil esconde naquelas montanhas tão distantes da civilização literânea!

— Com certeza essa "Musga da Caiana" é contratada para exibições fora do Quilombo, não?

— Sim. Informou-nos o mestre Punaro que sua banda vai tocar em festas religiosas e outras, como sucedera com a de Ano-Bom em Alagoa Grande. Como folclorista especializado em música, quero deixar aos etnólogos e antropologistas a parte que lhes diz respeito, para consagrar-me inteiramente às observações de caráter musicológico. Assim, a apreciação musical da "Musga do Quilombo", abrange: I — o estudo dos instrumentos componentes do conjunto; II — o estudo da melodia; III — o estudo do ritmo; IV — o estudo das formas musicais por êles praticadas. Começando pelo "Pife", tipo de flauta primitiva, cujo tubo de bambu ou taquara, contém sete furos abertos a fogo: seis do lado superior e um do lado oposto. A tonalidade do "Pife" varia segundo o comprimento do tubo. São utilizadas as duas mãos, como na flauta transversal européia. A extensão do pife é de cêrca de treze sons diatônicos. Há no nordeste um conjunto musical em que êsse instrumento é predominante, e chama-se: "Os pifeiros", a "Cutilada" ou a "Zabumba". Agora o "Triângulo", também conhecido por "Ferrinho". E' instrumento de procedência européia, transplantado para ali há muitos anos. Interrogados os "musgos" não souberam informar como foi ter ali o "Triângulo". Em seguida vem o Bombo, ou Zabumba, com peles de cabrito ou carneiro, já muito conhecido. Junto ao Bombo, os pratos, instrumento oriental, também conhecidíssimo do nosso povo. A "caixa clara", instrumento muito usado nas bandas militares, se diferencia da "caixa da musga", porque, em lugar de parafusos para esticar as peles, possuem cordas estendidas triangularmente, como nos zabumbas. O Tambor é semelhante à caixa, com o arco um pouco mais largo. Nêle não se usam as cordas de tripa sôbre a pele inferior; por isso a sonoridade obtida torna-se mais surda, mais sombria. A caixa e o tambor, combinados, formam o fundo



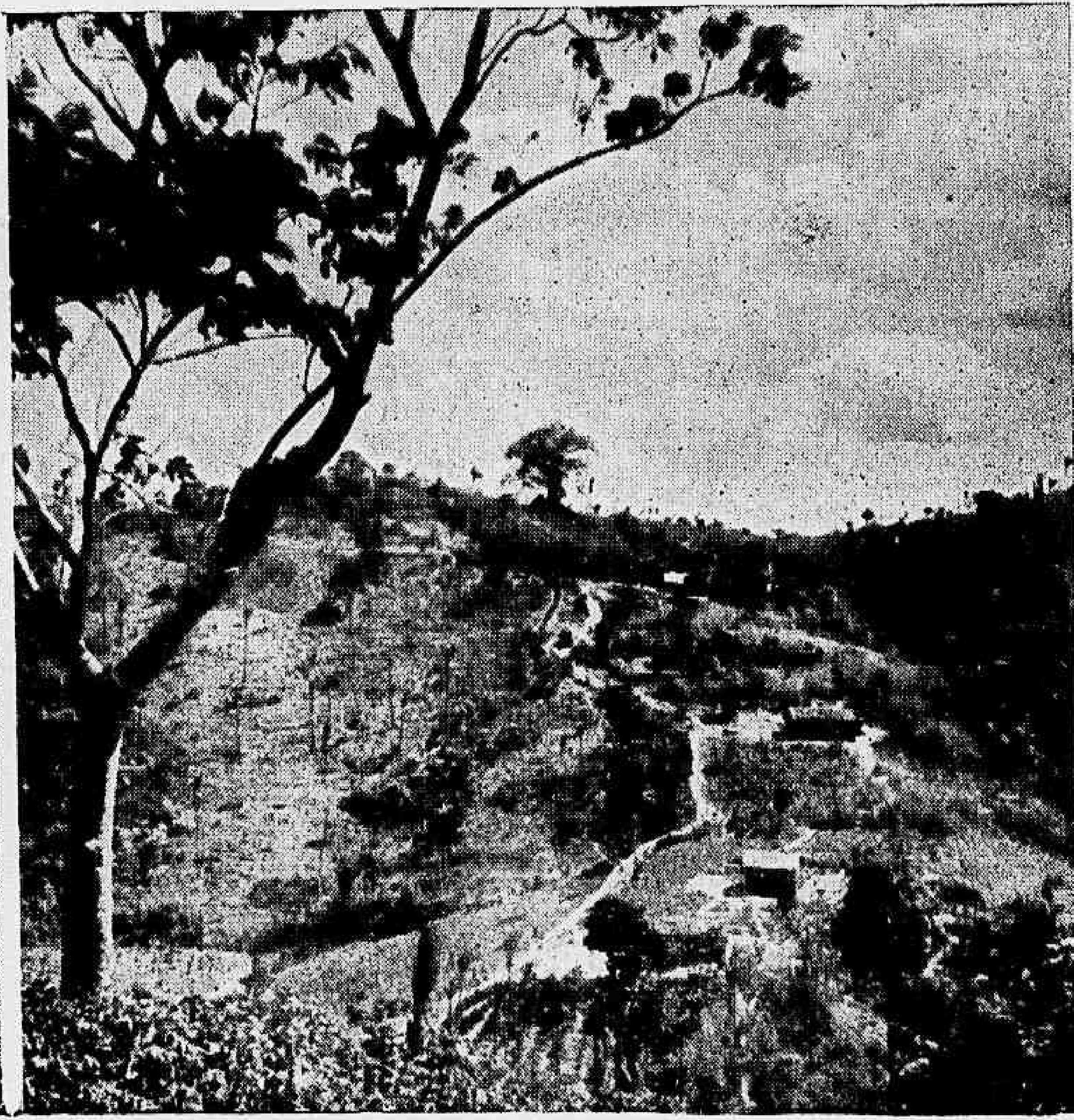
Zé Punaro, tocando pratos, comanda o conjunto com o «pifeiro» à direita.

rítmico de que se servem os militares quando em marcha. As melodias que nos apresentaram contêm esta curiosa particularidade: embora praticada por negros, possuem ritmos muito simples e não oferecem indícios pelos quais possamos concluir, com segurança, suas origens. No Tango e no Baião nota-se a influência crioula, através do ritmo sincopado. Na Marcha e na "Peça", porém, já não há tal influência. Sob o ponto de vista da "Intonação", tôdas são *unitônicas*, constituídas dos mais simples intervalos. Essa é, aliás, uma das características da melodia folclórica. Os negros não cantam. Apenas tocam, donde se conclui que as

3 «quilombinas» vão às compras: sapatos, sacos de farinha, garrafas de querosene



Região onde está situado o Quilombo. E' alta e não muito árida.





O abastecimento dágua de Quilombo é quase como da do Rio de Janeiro.

melodias são instrumentais e não vocais. Agora, uma breve análise das melodias colhidas:

A MARCHA



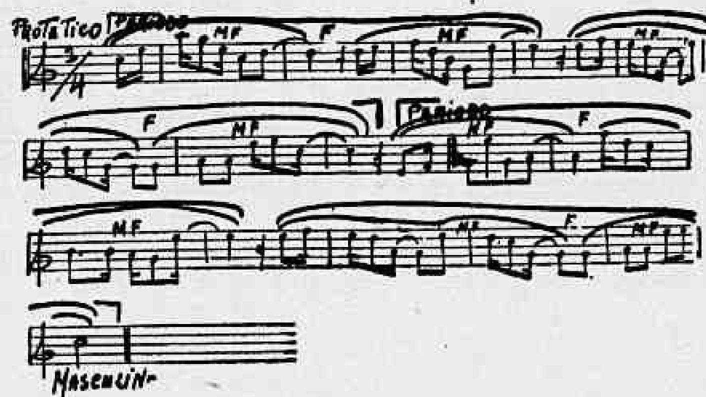
O BAIÃO



A PEÇA



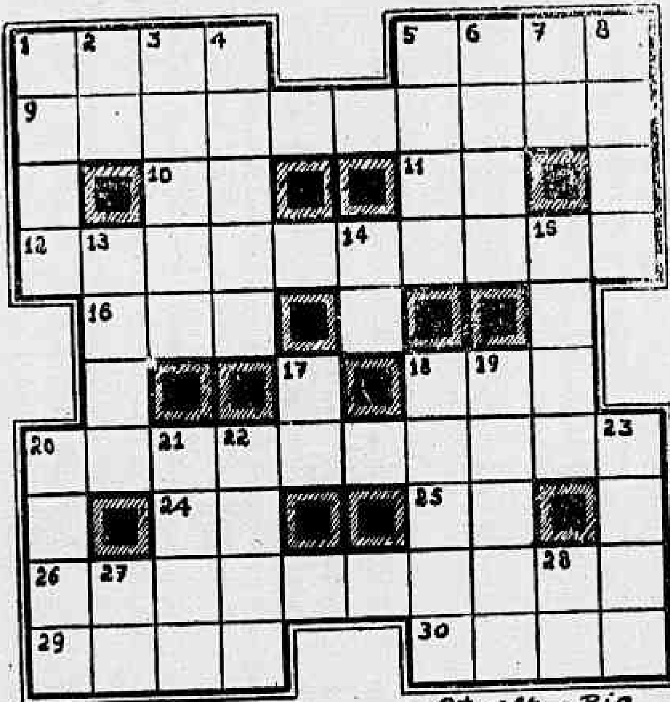
O TANGO



O RITMO: — Apreciarei cada música ouvida, dando indicação sôbre tôdas as particularidades observadas. Assim, temos: *a)* — Na Marcha — A polirritmia empregada na Marcha resulta da combinação de cinco ritmos bem diferenciados, incluindo-se, entretanto, é claro, a Melodia. Os pratos fazem o mesmo ritmo do Bombo. Dessa maneira um dos instrumentos resulta anulado, sob êsse aspecto, embora disso resulte um bom efeito no que toca à côr. *b)* — Na Peça — Aqui aumenta a complexidade ritmica. Temos cinco ritmos diferentes nos instrumentos de percussão e mais o da melódia. *c)* — No Tango — Como na Peça, a combinação de seis ritmos é constatada observando-se ainda que, dois dentre êstes têm caráter nitidamente sincopado. d) — No Baião — Nesse a polirritmia atinge uma complexidade flagrante em vista do desdobramento dos ritmos do Bombo e da Caixa. O Baião, gênero de música popular tão comum aos povos do nordeste e sòmente agora divulgado no Rio, é dos mais interessantes que conheço. O que aqui serve de exemplo colhido na Serra da Caiana, não é, porém, dos mais belos, confesso. A rigor, não podemos chamar de "forma", as peças que consegui trasladar para a pauta musical nessa primeira visita ao Quilombo da Caiana. São sim, plenamente, gêneros. Essa é outra caracteristica da música folclórica. Constam, geralmente, de uma ou duas partes repetidas pelo povo inúmeras vêzes e nada mais. Muito mais raramente se verifica a forma de repetição, o *Rondó*, em que um solista faz as *Estrofes*, e o povo, o *Estribilho*. A *Marcha* e o *Baião* constam apenas de uma parte que se repete, enquanto a *Peça* e o *Tango*, mais desenvolvidas possuem duas partes, cada uma, também, infinitamente repetidas. Aqui ficam as minhas observações colhidas na Serra da Caiana, ligadas ao estudo da musicologia. Espero, assim, haver contribuido para desvendar os segredos musicais daquele rincão paraibano, que ainda não foi visitado por outros estudiosos do Folclore, Nacional.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N. 77 para Veteranos

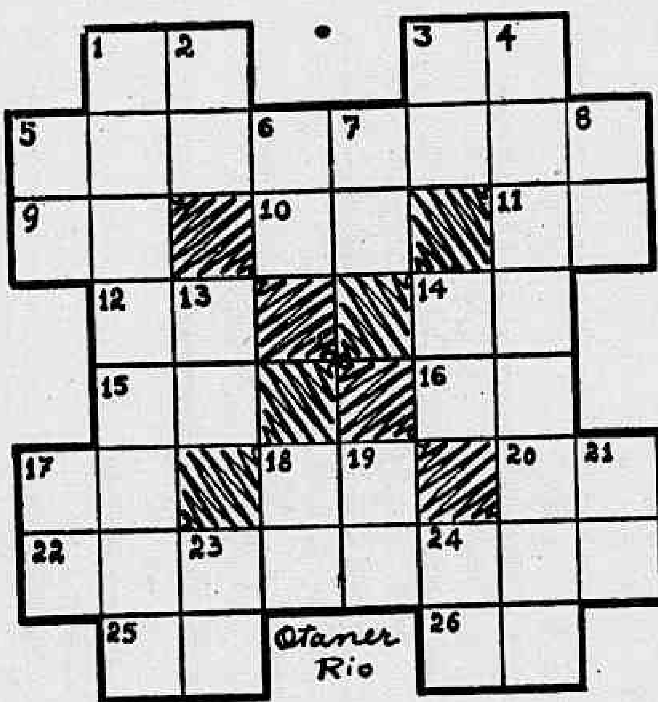


HORIZONTAIS: — 1. Decrépito — 6. Peixe dágua doce — 9. A garça real — 10. Vila da Itália na Ligúria - 11. 14º caráter da escritura sânscrita — 12. Espírito protetor dos selvagens muras — 16. Rio da Suiça — 18. Ninfa, ama de Júpiter — 20. Fonte de riqueza — 24. Rio da França — 25. Divisão territorial instituida pelos mouros na Espanha — 26. Modo de gracejar sem ofender — 29. (Adolfo) Marechal de França (1802-1869) — 30. Pessoa doida por efeito maléfico.

VERTICAIS: — 1. Blasona — 2. Prefixo que denota tendência, direção — 3. Nome de uma ave galinácea — 4. Tornar pateta — 5. Descascar milho — 6. Carta relatório dos sucessos de um ano — 7. Símbolo do tungstênio — 8. Variedade de palmeira — 13. O inferno dos malês — 14. Cidade da Síria, berço de Jó — 15. Toquei — 17. Gênero de árvores da família das Coniferas — 18. Aparelhos de pesca — 19. Assimila — 20. Cidade da França, capital de Calvados — 21. Está oculto — 22. No ritual escandinavo, o representante do rei que cuidava do templo — 23. Embarcação dos mares do Norte — 27. Espécie de flecha usada pelos índios brasileiros — 28. Sufixo verbal.

*

Problema N. 77 para Novatos



HORIZONTAIS: — 1. Instrumento agrícola — 3. Perversa — 5. Feitiçaria, bruxaria — 9. Prefixo que denota movimento para dentro — 10. Brisa — 11. Interjeição de surprêsa — 12. Artigo plural — 14. Criminosa — 15. Batráquio — 16. Atmosfera — 17. Aqui — 18. Existes — 20. Escarnece — 22. Alimento dos deuses — 25. Nesse lugar — 26. Seguia.

VERTICAIS: — 1. Paisagem — 2. Prefixo designativo de privação, negação — 3. Simbolo do manganês — 4. Do verbo aguerrir — 5. Nota musical — 6. Oferece — 7. Caminhar — 8. Grito de dor — 13. Sadia — 14. Símbolo do rádio — 17. Neste lugar — 18. Sufixo verbal da 2ª conjugação — 19. Isolado — 21. Andava — 23. Prefixo designativo de repetição — 24. Nota musical.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 76 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Cuí — Cal — Ora — Ems — Ris — Baqueanos — Re — Unsia — Os — Sai — Zis — Ambívio — Irá — Ssu — Em — Nicot — Ra — Profanara — Tio — Ano — Mol — Lis — Sol.

VERTICAIS: — Ce! — Umbês — Isa — Chun — Liai — Oró — Risos — As — Quimano — Espinça — Nazista — Aar — Ios — Impio — Urano — Ifol — Onus — Rol — Ras — Tm — Ol.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Amo — Bar — Limar — Americano — Dial — Mó — CI — Oi! — Pó — Uirá — Atlântico — Areia — Eis — Mia.

VERTICAIS: — Ala — Oleícolas — Bramiriam — Rio — Ira — Mil — Ac — MD — Nó — Oití — Pt — Une — A.C. — Are — Ar — Ora.

Colaboração e correspondência para: REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.

UM ASSOMBRO!

(Conto)



NA sala de espera do famoso detective, entre outras pessoas, estava um senhor de meia idade, algo nervoso, aguardando a vez. Aquilo mais parecia uma antecâmara de um gabinete dentário do que a ante-sala de um escritório de farejador de crimes.

A loira secretária, depois de ter palitado os dentes, atendeu o chamado do chefe, sumindo pela porta que conduzia ao santuário do famoso policial.

Ao sair, indicou o nosso personagem que, lépido, levantou-se e introduziu-se.

— Bom-dia, senhor...

— Bom-dia! Sente-se!

Sentou-se. Circunvagou o olhar pelo ambiente. Nada de extraordinário a não ser uma linda pistola "Colt 45", reluzindo sinistramente sôbre a escrivaninha do detective.

— Estou às suas ordens...

— Sucede que...

— ...que o sr. veio se queixar da fuga de sua espôsa!

— ???

— Não é preciso o sr. dizer qual o motivo que o trouxe. Adivinho-o.

— Mas...

— Explico: enquanto o sr. estava aguardando a vez para entrar, observei-o por uma "espia". Vi-o nervoso, tresnoitado, torcendo as mãos, olhando carrancudamente para minha secretária, como para recriminá-la de ser mulher. Às vêzes, retirava do bôlso uma fotografia feminina, olhava-a embevecido ou fustigava-a com os dedos, no desejo ardente de proporcionar um castigo físico ou original. De mais a mais, sou um dos especializados em procurar pessoas desaparecidas e oitenta por cento de minha clientela é justamente formada por cônjuges que buscam as "metades" sumidas... Na totalidade dêsses oitenta por cento, são maridos que abandonam as espôsas ou estas que tomam rumo desconhecido em companhia de "príncipes encantados"...

— Entretanto...

— ... o sr. ao chegar em sua residência não mais encontrou a espôsa, bem mais jovem. Sucede que andou a noite tôda, sem poder conciliar o sono. Fumou muito, conforme posso deduzir do amarelado de seus dedos indicador e médio da mão direita. Depois saiu e perambulou pelo National Park, pois que seus sapatos estão sujos de terra roxa, única existente nesta cidade. Posteriormente atravessou o rio pela Central Bridge, visto que tem os cotovelos do paletó sujos de tinta cinzenta. Essa ponte está sendo pintada atualmente. Parou longamente, encostando os cotovelos no balaústre...

— Assombroso! Foi isso mesmo...

— Mas há mais! O sr. ficou paralisado largo tempo nessa ponte, temendo que o corpo de sua espôsa, da qual era tremendamente ciumento, viesse à tona após tê-lo atirado desde cima, tendo antes apunhalado a vítima, pois que o punho de sua camisa está salpicado de sangue. Portanto, meu caro "cliente", prendo-o pelo crime de uxoricídio!

*

Ainda quando o infeliz subiu os degraus da fôrca, onde ia ser dependurado, lembrando do detective, que procurara para despistar e criar um álibi salvador, murmurou:

— Assombroso!

O estilo de Amanhã



Em linha com a nova moda feminina, eis os radiofones de Novo Estilo - uma série inteiramente nova de receptores, criação da Philips, lider mundial da indústria radiofônica.

O *Novo Estilo* dos radiofones Philips criou um novo encanto para a rádio-recepção. São infinitamente mais belos, mais decorativos do que o tipo comum de receptores. E apesar de essencialmente novos e diferentes, harmonizam-se maravilhosamente com qualquer estilo de interior. A seletividade, a pureza de som, a gama de estações que abrangem, a facilidade com que se sintonizam, são outros tantos fatores de satisfação nos receptores de *Novo Estilo*. Por seu admirável funcionamento e magnífica aparência, estão acima de qualquer comparação... Na verdade, são tão notaveis sob qualquer aspecto, que vale a pena ir vê-los e ouví-los num revendedor Philips. **E faça isso hoje mesmo, para estar *em sintonia* com as linhas da moda de amanhã.**



SOIRÉE - Modêlo FR-617-A

Móvel de Imbuia de grande luxo. Rádio com 4 faixas de ondas (3 curtas e uma média). 6 válvulas com 8 funções. Cambiador de discos de 3 velocidades, equipado com agulha de safira. Alto-falante de iman "Ticonal", com difusor de tom.

RADIOFONES PHILIPS



Novo Estilo

1951 • 1952

A REVOLUÇÃO QUE NÃO HOUVE



A RÊDE É BOA, legítima rêde nortista. E o lar é muito amigo. Raimundo, sem ódios, sem mágoa, recorda os dias e as noites da luta, a desilução e a fuga com o nome trocado

"ADÉLIA SERÁ OPERADA DIA 18"

TRADUÇÃO: REVOLUÇÃO ESTOURARÁ DIA 18 ★ PORMENORES DA REBELIÃO MARANHENSE ★ DEPOIMENTOS DO SENADOR CLODOMIR CARDOSO, DOS DEPUTADOS LINO MACHADO, JOSÉ NEIVA E DO SR. EVANDRO VIANA ★ AS CIDADES TOMADAS, OS COMBATES TRAVADOS E, FINALMENTE, A ESPETACULAR FUGA PARA O RIO DE JANEIRO ★ O "GENERAL" RAIMUNDO BASTOS VALEU 100 MIL CRUZEIROS ★ A ÁGUA TRAIU ★ SALVO PELO ESPIRITISMO ★ OS 12.000 ERAM APENAS 30!

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES



ERA ASSIM que Raimundo Bastos falava às massas: o braço direito simbolizava o pensamento; na mão esquerda o instrumento da ação

"NÃO quero voltar ao Maranhão, para não criar novas dificuldades ao sr. Eugênio de Barros. Estou completamente radicado à *Praça da Liberdade*... e receio que o povo me faça manifestações de aprêço e eu seja obrigado a entrar outra vez em luta"...

Foram estas as primeiras palavras de Raimundo Bastos, quando o abordamos no apartamento do deputado José Neiva, no bairro da Tijuca.

O revolucionário maranhense chegou ao Rio incógnito, tendo escapado milagrosamente do cêrco que lhe moveram os seus adversários políticos. Veio em busca de novos recursos, a fim de prosseguir na luta... Todavia, os seus correligionários acharam de bom alvitre dar por finda a batalha, embora temporàriamente.

— "Não estávamos suficientemente preparados — disse-nos Antônio Justa, líder que comandou a revolta na capital maranhense — por isso o movimento deixou de alcançar o êxito esperado; as oposições da capital não contavam nem com 20 rifles; se tivéssemos ao menos 100, a polícia não teria saído do quartel..."

"O povo não pensava em revolução — retoma a palavra o "general" Raimundo Bastos — aguardava, sim, com impaciência, a decisão do Tribunal Superior Eleitoral. E como esta foi injusta, então, êsse mesmo povo, que sempre fôra pacífico, se rebelou. O grito de revolta saiu do seio das massas. Antônio Justa liderou o movimento na capital e eu fui levantar o interior do Estado. E era grandioso ver-se como a miséria e a desolação alia-se à revolta... Com a minha palavra reavivei os ânimos e com a minha arma incrementei a coragem



FALAVA-SE do Senador Vitorino. O Senador Clodomir se concentra. Mas o jeito de Raimundo, à esquerda, recorda a frase carioca: «NEM TE LIGO...»



RAIMUNDO BASTOS, o chefe do levante no interior, e Antônio Justa, líder na Capital do Maranhão, «gozam» juntos o fracasso da rebelião.

A nossa bandeira era a liberdade... "*Libertação do Vitorinismo*", que, atualmente, esfacela todo o Estado. E, de um momento para outro, vi-me metido numa aventura arriscada. Minha captura foi estipulada em 20 mil cruzeiros. Assim que comecei a tomar as primeiras cidades o preço aumentou. Finalmente, Vitorino já não me queria vivo; queria, sim, morto; 100 mil cruzeiros era quanto ganharia quem me matasse."

Raimundo Bastos deita-se numa rêde, entrelaça as mãos por detrás da cabeça e passa a recordar para o repórter os episódios da luta, que o fêz "general" sem vitória.

— "Só mesmo quem viveu os grandes dias da greve geral em São Luís poderá compreender a minha atitude. O povo da capital estava tomado de verdadeiro delírio. O entusiasmo contagiava a todos. Não era possível assistir de braços cruzados ao espetáculo de uma população angustiada que clamava por uma solução, mesmo de desespêro. Só a guerra civil resolveria tamanha crise. Decretada a intervenção, os ânimos se arrefeceriam. E, num clima de serenidade, talvez fôsse possível pacificar o Maranhão, através de uma composição política, que a todos nos se afigurava impossível naquele ambiente de profunda exaltação popular.

"Deliberei com alguns amigos que iria fazer um movimento armado em todo o Estado. Saí no dia 10 de setembro de São Luís. Visitei os municípios de Coroatá, Pedreiras, Presidente Dutra(antigo Curador), Colinas, Passagem-Franca, Pastos Bons, Nova York, São João dos Patos(onde instalei o meu Quartel-General) e Barão de Grajaú. Entendi-me com os chefes-políticos dos respectivos municípios e obtive de todos êles a promessa de que no dia 18 de setembro, de madrugada, irromperia o movimento, com um efetivo de 1.200 homens armados. Requisitei da Prefeitura de Passagem-Franca 10 mil cruzeiros. Recebi contribuições de pessoas amigas e simpáticas ao movimento. Enfim, tinha em mãos mais ou menos 15 mil cruzeiros. Tudo estava preparado e bem articulado. Até o código revolucionário fôra elaborado: "ADÉLIA SERÁ OPERADA DIA 18". A tradução era a seguinte: "REVOLUÇÃO ESTOURARÁ DIA 18"...

Nesse ponto, o revolucionário levanta-se da rêde, acende um cigarro, tira umas baforadas, e depois deita-se novamente, tomando, agora, outra posição, e continua:

— "Desgraçadamente, ninguém cumpriu o prometido. Tive que lutar sòzinho. Na madrugada do dia 18, com 12 homens, ocupei as cidades de Pastos Bons, Patos e Nova York. Procurei evitar que o govêrno estadual enviasse tropas para a zona conflagrada. Deixei instruções em Colinas e Pastos Bons para obstruírem os campos de pouso daquelas duas ci-

O JOVEM «GENERAL» conta aos seus primos Elmar Reis, José Sérgio Reis Neto e Cândido Ribeiro Reis como foi o barulho lá na terra.



O SR. LINO MACHADO, general de verdade, ainda hoje não ri. E dir-se-ia que está jurando: Raimundo, vamos sair para outra...



dades. Previ exatamente o que viria a acontecer. Minhas ordens não foram cumpridas. O govêrno estadual conseguiu fazer desembarcar dois contingentes da polícia militar, transportados de São Luís por avião, que enfrentaram os revoltosos sob o meu comando, na rodovia Barão de Grajaú — Patos e estrada de Patos à Passagem-Franca.

"De Patos parti com 16 homens. Pela estrada apareceram 10 voluntários. Tomamos Passagem-Franca com cerrado tiroteio que durou 2 horas. Prendemos o chefe-político — Germano Cardoso — que é um ferrenho vitorinista. Foi um feito rendoso, pois conseguimos nos apoderar de 36 rifles. No povoado de nome *Manga* travamos outro combate. Saímos também vitoriosos. Seguimos para Patos, onde ficamos três dias e conseguimos isolar aquela cidade do resto do Estado. Todavia, sabendo que havia desembarcado um contingente policial, vindo de São Luís por avião, então transferi o Q.G. para um ponto da estrada de rodagem — rodovia Barão-Patos, onde passei quatro dias e quatro noites acampado com 16 homens. Essa região fica na Serra Dois Irmãos e é um ponto verdadeiramente estratégico, pois é muito alta e de lá se consegue dominar vários quilômetros da estrada.

"Como o ataque adversário demorou, transferi o Q.G. para Barão de Grajaú, no lugar denominado *Muquem*, deixando de atacar aquela cidade em vista de vários pedidos das famílias locais. Como tivesse necessidade de ocupar um ponto que desse acesso ao Estado do Piauí, ocupei, na madrugada do dia 23 o lugar *Manga*, às margens do Rio Parnaíba, ainda no município de Barão de Grajaú.

"Tive que comandar pessoalmente o ataque à *Manga*. De posse do lugar, deixei os homens sob o comando de um pernambucano, que se dizia experimentado na luta. Aconteceu que, tendo faltado água para os homens que estavam de emboscada, êstes mandaram um dêles ao acampamento da Inspetoria de Obras Contra a Sêca, com uma ancoreta a fim de que fôsse provido. Os "cassacos" (é como são chamados os trabalhadores nas obras da sêca) desconfiando de que se tratasse de movimento armado, conseguiram localizar a emboscada, tendo em seguida denunciado ao tenente Euclides Bezerra, comandante da Fôrça Policial, que surpreendeu os homens pela retaguarda. Houve forte combate, tendo havido mortos e feridos. Os restantes se dispersaram e foram encontrar-se comigo às margens do Rio Parnaíba. Daí seguimos para *Tucuns*. Na estrada Patos — Passagem-Franca, entrou mais um contingente de homens, comandado pelo companheiro José Batista Filho. Aí, então, travou-se o combate mais importante. A polícia e os "capangas", em número bastante superior, com armas modernas, bem municiados, conseguiram fechar o cêrco, deixando-nos sem defesa. José Batista e outros companheiros caíram em poder dos chamados legalistas. E eu consegui escapar por um milagre. Aliás, acresente isso: — EU SABIA QUE SAIRIA SÃO E SALVO DA LUTA."

Essa afirmativa, ditada com voz firme e ponderada, levou o repórter a perguntar: — Por quê? Ao que Raimundo Bastos, acrescentou:

— Porque sou espírita. Antes, durante e ainda agora depois da luta, continuo ouvindo uma voz que me diz: "NÃO TENHA MÊDO... ESTÁS PROTEGIDO PELO TEU ANJO DE GUARDA". Digo isso por convicção, pois sou espírita; mas bem sei que muitos não acreditam...

"Mas... como eu ia dizendo... tendo escapado do cêrco de *Tucuns*, encontrei-me com Euclides Neiva. E, na tarde do dia 28 de setembro, deixamos o Maranhão. Numa pequena canoa descemos o Rio Parnaíba rumo a Floriano, no Estado do Piauí. Tomamos em seguida um "jeep", que nos levou à Terezina. Aí me separei de Euclides. No mesmo "jeep" fui até Campo Maior. Hospedei-me em casa de um irmão meu. Fui procurado no dia seguinte por dois desconhecidos, que, depois soube serem "capangas" de Vitorino e que estavam interessados em me liquidar para ganhar o prêmio prometido... Fugi para o Ceará. Tomei lugar num caminhão de carga e parti com o nome de José Cardoso. No dia 2 de outubro cheguei a Fortaleza. Comprei passagem no avião da *Aerovias*, usando, então, o nome de José *Cordeiro* da Silva. E no dia 3 chegava eu à "Cidade Maravilhosa". Procurei a residência do meu grande amigo, o deputado José Neiva, que me recebeu com os braços abertos e a carteira também... Porque, eu, que, uma semana antes, valera cem contos, não tinha um cruzeiro no bôlso...

"Em resumo, a revolução durou apenas 10 dias, mas foram 10 dias que abalaram todo o país. Quero frizar que fiz tôda a revolta com apenas 30 homens e não 12 mil como fôra errôneamente noticiado. Os rebeldes maranhenses conduziram-se com absoluto acatamento às normas militares, respeitando acima de tudo a família e a propriedade. Cheguei mesmo a redigir um Código, que os meus comandados cumpriram à risca. Com o cumprimento simultâneo do movimento em 11 municípios, conforme



O DEPUTADO Neiva Moreira, sereno, em atitude de quem diz ao seu aliado: Rapaz, vamos cuidar da vida. Política é isso mesmo.



SÔBRE UMA AGUIA, numa praça do Rio. Raimundo Bastos contempla o infinito, rumo ao Norte, como que dizendo: faltaram-me asas...



E, sentado sôbre êste leão de pedra, medita e lamenta não haver podido arrancar o ceptro a Pernambuco.



REFEITO da luta, consciência tranqüila, Raimundo Bastos devora, nos jornais do Rio, a sua glória fugaz. Leu tudo o que disseram.

SAÚDE DO BEBÊ

Pureza e Sanidade dos Alimentos

Dr. SABOIA RIBEIRO

A boa qualidade do alimento, não fraudado, não falsificado, sádio e fresco, possui uma importância insubstituível, e assim o leite, que ocupa o primeiro lugar durante os seis meses iniciais da vida, se é o leite animal, não deve deixar de ser vigiado com o maior rigor dada a extrema facilidade com que se altera.

Uma das causas mais freqüentes, nos disturbios que acometem a criança, reside justamente na contaminação do leite, sendo por demais conhecidas as defraudações, água e outras substâncias, já de si contaminadas.

Colhido, nos estábulos, sem maiores cuidados, tudo isso faz com que o índice de germes nêle encontrado, entre nós, tenha sido encontrado entre 10 e 20 milhões por centímetro cúbico!

Um bom leite animal, para que se recomende ao consumo público, deverá ter a garantia contra essas contaminações, o que depende, em primeiro lugar, do funcionamento rigorosamente higiênico do respectivo estábulo, e um serviço de fiscalização honesto e atento a fim de que o não adulterem contaminando-o ainda mais.

De sua vez a carne se altera normalmente, após o período de frigorificação, nas diferentes fases de destribuição e manipulação nos açougues. De modo que seu consumo pela criança deverá assegurar-se sempre de seu bom estado de conservação, pois enquanto o individuo adulto tolera, ás vêzes, algumas alterações já iniciadas, a criança não, reagindo intensamente pela diarréia tóxica, semelhante à água de peixe (botulismo). No período, portanto, em que a criança passa à chamada alimentação variada — carne, vísceras, legumes, féculas, etc. — as carnes em conserva, os alimentos menos frescos, como peixes, devem permanecer fora do cardápio da criança, pois com muita facilidade levam ás intoxicações com diarréia, jacto, vômitos, etc.

Como se sabe, aos 6 meses têm início as sopinhas, em caldo de carne, e engrossadas com legumes e farinha ou feculas; e aos 11 meses, comida de prato com 50 gramas de carne (carne cozida e moida, bife mal assado, raspado), ou frango, peixe cozido, pirão de fígado, timo e miolos.

E tudo isso deve ser absolutámente fresco e sadio.

O mesmo deve ser dito do ôvo, que já pode ser introduzido na alimentação da criança ao 6º mês.

Antigamente havia grande prevenção com o ôvo na alimentação da criança nos primeiros anos, pois era incriminado por muitos estados alérgicos peculiares à criança; hoje porém se acredita que, bem fresco e cozido 10 minutos, e reduzido a pequenos fragmentos misturados à comida, em pequena quantidade a começo, e de modo que seu uso seja espaçado (2 vêzes por semana, por exemplo), tal intolerância não costuma apresentar-se, nem manifestações alérgicas.

Em lugar da carne o ôvo pode ser empregado nas sopinhas, como nas refeições sólidas; assim, por exemplo:

Puré de batata — meia ou uma gema de ovo cozido — ou inteiro, gema e clara — 1 a 2 tomates passados na peneira.

Também o fígado substitui com bons resultados a carne, e mesmo possui certas qualidades que levam vantagem, mormente mal passado e feito pirão.

A melhor carne de peixe é a branca, e a melhor forma de servi-lo à criança é cozida, pelos 9 ou 10 meses.

Ha uma espécie de feijão — o feijão soja, que possui qualidades semelhantes ás da carne, e portanto hoje muito recomendado como podendo substituí-la uma vez por outra. Já se encontram no comércio farinha de soja para seu emprêgo na alimentação infantil.

★

Diante dos distúrbios agudos (vômitos, diarréia) que se apresentam quando a criança está sendo alimentada à mamadeira e com leite de vaca, a idéia de uma infecção deve ser escogitada, e a primeira medida é suspender o leite e passar a dieta hídrica por algumas horas e prosseguir mais tarde sob as vistas do pediatra.

Não se contando com leite de vaca, em ordem a merecer confiança, a alimentação pelos leites em pó é que deve ser adotada, porém o tipo do leite em pó deve ser indicação do médico de acôrdo com a idade da criança e certas particularidades variáveis de caso para caso.

De sexto mês em diante, instituido o regímen de sopinhas e de alguma carne, deve-se também estar advertido de que umas e outras sejam de um pequeno sóbrio, e a carne perfeitamente fresca e sadia, e assim os demais. Referimo-nos ás vísceras e o peixe, (maxime pelo 11º mês,) e também ôvo fresco e cozido, 1 a 2 vêzes por semana.

"ADÉLIA SERÁ OPERADA DIA 18"



ATÉ PARECE que o sr. Evandro Viana conclui esportivamente: Raimundo que mágica besta!

havia planejado, tenho certeza de que a revolução teria sido vitoriosa.

E finalizando:

"Quero deixar bem patente que nada pretendo do govêrno do sr. Eugênio de Barros. E se por ventura houve a meu respeito algum pedido de clemência, tudo se processou à minha revelia. Não posso proibir que amigos sinceros, como o deputado José Neiva, se preocupem com a minha situação pessoal. Continuo na mesma posição que sempre me animou: estar incondicionalmente com o povo de minha terra."

Seria dificil acabar com a "raça", como se diz no norte. Vejamos:

Raimundo Bastos é um moço moreno, de 31 anos de idade; tem 1,56 de altura e pesa 56 quilos. E' bem falante, de olhos vivos e de temperamento irrequieto. Nasceu no dia 19 de agôsto de 1920, no município de Buriti — Estado do Maranhão. E' filho de José de Freire Bastos e D. Corina Ribeiro Bastos. Seus pais residem em Caxias — terra do governador Eugênio de Barros. Tem 11 irmãos, sendo 6 homens e 5 mulheres, todos vivos. Fêz os estudos primários em Buriti e os secundários em S. Luis. Há 10 anos trabalha no Fôro da capital, como rábula. Em 1945 casou-se com Acy Reis Bastos. Tem dessa união 2 filhas — Glady, de 4 anos, e Myrtes, que atualmente conta 3 anos de idade; e, segundo afirmou, está em vias de ser pai pela terceira vez. Presentemente a familia reside em S. Luis.

Em chegando ao Rio entrou em contato com todos os elementos da oposição e que são *ipso facto* seus naturais correligionários politicos. Tivemos ocasião de o acompanhar por várias vêzes em casa de muitos deputados e senadores, entre os quais se destacam o general e deputado Lino Machado, que a seu respeito disse o seguinte:

— "Raimundo Bastos é um jovem maranhense do magnífico sertão, onde também tive a fortuna de nascer, que representa nesse episódio os ideais não só da sua mocidade, senão de todo um povo, contra a época de opressão em que tem vivido a terra maranhense desde o inicio do domínio do sr. Eurico Dutra. Entrou nesse movimento certo de que outros municípios se rebelariam, facilitando, assim, a intervenção do Govêrno Federal, no sentido de evitar a posse de um govêrno ilegitimo."

Aproveitamos o ensejo e interrogamos o general Lino Machado sôbre os acontecimentos no Maranhão e a resposta foi incisiva:

— "Recordar a página que vem de escrever a gente maranhense, durante a quinzena áurea de rebeldia, é recordar também ciladas, recuos, traições, misérias, tudo o que nos fêz a nós maranhenses o T.S.E. e de como se conduziram indèbitamente alguns politicos de minha terra, entre êles o sr. Amaral Peixoto. Assinalo-vos a esta altura, quanto do meu orgulho de ser maranhense, malgrado o melancólico fim da magnifica rebelião, cujo objetivo era o de libertar a terra maranhense do policialismo do reinado da domesticidade ali instalado, desde a época do dutrismo. Mas o episódio é de ontem e não vejo assim por que não renovar. Na hora em que, embainhadas as armas, cuidamos todos de iniciar uma nova fase da vida, mantendo a mais viva vigilância de espirito em tôrno do govêrno ali instalado por decisão do T.S.E. e, por que não dizê-lo, pelas baionetas do Chefe da Nação, que ali se mantiveram intimidando o povo e o fatigando durante 17 dias e 17 noites ininterruptas."

Apesar das incisivas declarações do prócer maranhense (que tomamos por têrmo) arriscamos ainda uma pergunta:

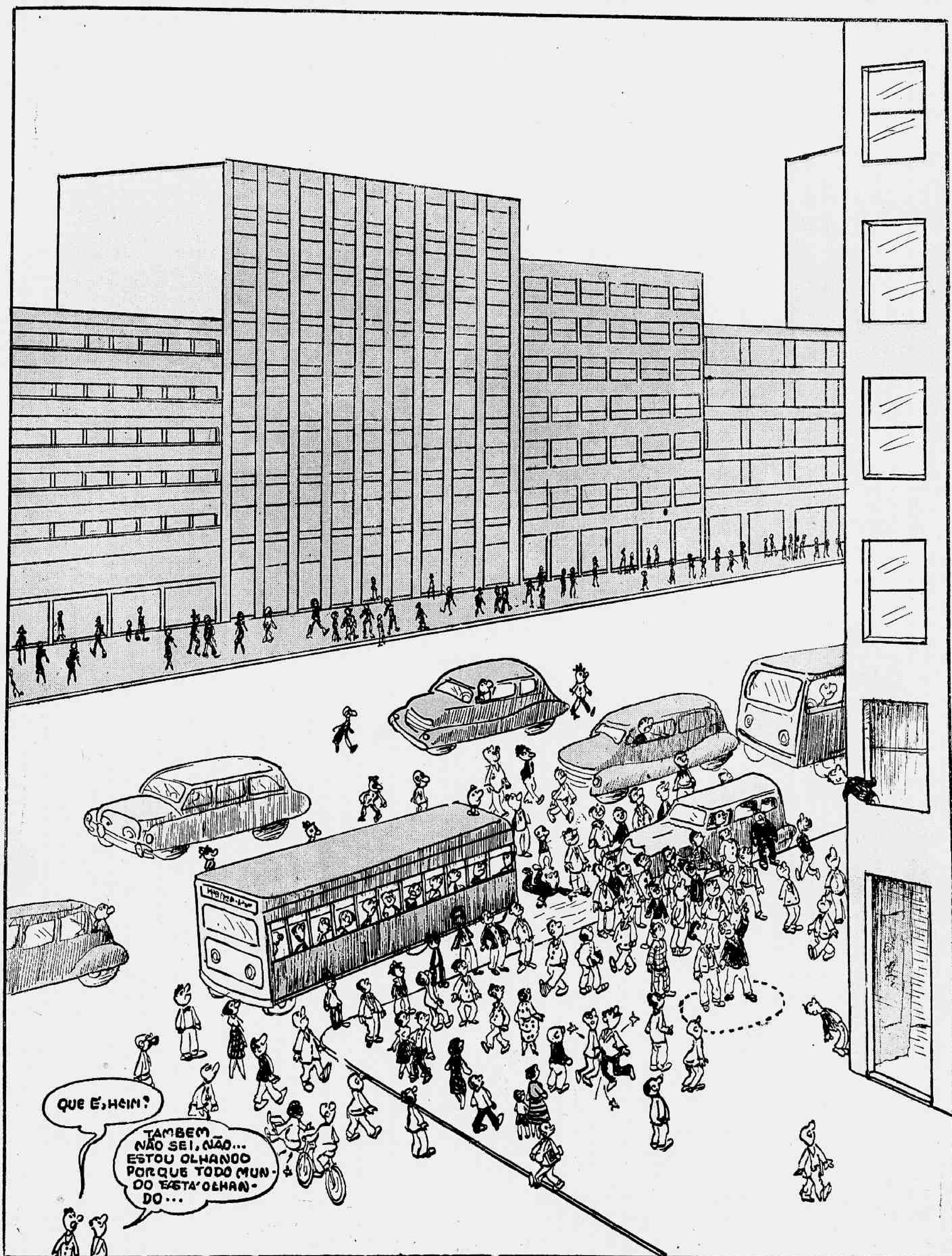
— Acha V. Excia. que o sr. Eugênio de Barros possa fazer bom govêrno?...

(Cont. na pág. 46)

ESTE MUNDO E O OUTRO

Criação de DARCY

NO PAÍS DO "PRESENTE" - 1 - NÃO SOMOS CURIOSOS



— Teu pai se sentia sempre muito só?

— Sim, depois da morte de mamãe. Êle trabalhava muito e as coisas não iam bem para seu lado. Eu ia, por vêzes, furtivamente até aos seus aposentos nos últimos dias. Encontrava-o com a velha bíblia aos joelhos e o retrato de mamãe à mão.

Os olhos de Mary estavam úmidos.

— Êle adorava tua mãe. Ela lhe fêz terrível falta.

— Pior do que isso. Êle tinha muito receio do futuro, tanto por mim, como por Constance. Também se preocupava com Barry.

Susan Jenks, conduzindo uma bandeja de acaju sôbre a qual se via uma cafeteira de prata, prato com queijo e torradas, pergunta ao atravessar a porta da sala:

— Devo guardar o jantar do sr. Barry?

— Êle está a chegar, diz Mary. Porter Bigelow nos leva ao teatro e Barry deve ir conosco.

Barry estava sempre atrasado; mas, nessa noite êle estava passando dos limites. Eram sete e meia quando aparece e entra como um furacão.

— Não quero comer nada, exclama surgindo à porta da sala de refeições onde ainda Mary e tia Isabelle o esperavam pacientemente. Tomei chá na cidade com o general Dick e com amigos de Leila. Nós dansamos. Havia uma garôta de Nova York, que era uma pequena rainha!

Mary sorriu. Aos vivos olhos de tia Isabelle pareceu que o sorriso de Mary exprimia desconfiança.

— Oh! Estêve então você com o general e com Leila, hein?

— Claro. Onde pensava a senhora que eu houvesse estado?

— Em parte alguma!

Tia Isabelle se tornara vermelha.

Barry subiu as escadas e depois desceu.

— Eu gostaria de que você tivesse confiança em mim, Mary, bem como que soubesse que sou capaz de cumprir uma promessa. Você sabe do que eu disse a Connie!

— Não é disso que eu descreio em ti.

Mary atravessa a sala de jantar e fica perto da porta.

— Sim, sei que você não crê em mim. Com certeza está pensando que eu estive com o meu antigo bando de amigos. Eu faria bem se voltasse novamente a unir-me com êles, já que você está julgando isso e que acabo de estar com êles.

— Eu não penso nisso constantemente.

— Sim! Você vive a pensar nisso. — Disse êle com estouvamento.

— Barry! Tem modos! Eu te peço.

O rapaz ficou ao pé da escada com ares de zangado.

— Você não pode imaginar o que sinto. Se você fosse um rapaz...

Ela lhe tomou a palavra da bôca:

— Se eu fosse um rapaz, Barry, se eu fosse um rapaz, eu faria o mundo diferente. Oh! vocês, os homens, querem fazer tudo a seu modo, mas sempre deixam que as coisas sigam como elas são.

Mary elevara a voz de maneira que terminaram por chegar aos ouvidos de Roger Poole que apareceu ao alto da escada. Seu semblante demonstrava tal sorte de estupor, que provocou silêncio durante alguns instantes. Depois Mary falou:

— Barry, aqui está o Sr. Poole. Acho que ainda não se conhecem.

Os dois homens foram um ao encontro do outro alí mesmo na escada e apertaram as mãos. Depois Barry pronunciou alguma coisa de desculpas por ter que ir vestir-se e Roger fica a sós com Mary. Era esta a primeira vez que se encontravam depois daquela noite das festas do casamento. Tôdas as combinações foram feitas pelo telefone, e, na curta visita que êle fizera aos cômodos do apartamento, fôra recebido e acompanhado por Susan Jenks.

Pareceu a Roger, agora, que, da mesma forma que a casa, também Mary tomara formas menos radiantes. Estava pálida e fatigada. Seu "robe" branco bordado de estreita faixa de camurça escura, lhe dava ares de ser mais alta e mais idosa. Seus cabelos louros ondeantes estavam separados de lado, penteados sem qualquer ornamento. Novamente foi êle surpreendido pela maneira franca, quase masculina, de suas maneiras, quando ela lhe disse:

— Muito desejo apresentá-lo a tia Isabelle, para que se conheçam. Ela não ouve bem, e é preciso falar mais alto.

Quando êles iam um após o outro, Mary foi obrigada a reajustar certas opiniões que tivera antes a respeito de seu inquilino. Naquela outra noite, êle lhe pareceu como um ser à parte da classe dos elegantes jovens exibicionistas, sem nenhum aspecto de modernismo. Pareceu-lhe um senhor um tanto melancólico e com um ar de mistério. Mas já agora êle trajava um "veston" amplo, que ela percebeu ser uma peça de roupa de primeira ordem. Sua cabeleira negra estava agora penteada com esmero, em con-

Tradução de RENATO DE ALENCAR

ilustração de JERÔNYMO RIBEIRO



Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

traste com a cabeleira revolta daquela noite. Seus cabelos estavam penteados para trás, muito lisos e brilhantes como os de Gordon Richardson. Seus olhos sombrios tinham uns tons animados. Suas faces apresentavam tons mais rosados.

— Desci, disse êle, para agradecer-lhe pelo café, pelos jacintos, pelo fogo, pela boa hospitalidade com que fui acolhido em meus aposentos.

— Oh! Isso lhe agradou? Fizemos apenas o nosso dever. Trabalhamos muito durante tôda a manhã. Tia Isabelle, Susan Jenks e eu.

Depois que foi apresentado a tia Isabelle, êle disse a sorrir:

— E há ainda uma outra nota agradável: a grande gata cinzenta. Ela estava sôbre a cadeira da janela, e, quando me sentei para ver as luzes, ela roçou sua cabeça em minha mão e começou a ronronar.

— Pittiwitz! Oh! Tia Isabelle! Será que deixamos Pittiwitz lá em cima? Ela julga que está no seu próprio quarto, explica Mary a Roger. Nós a possuimos desde muitos anos já. Sempre estêve com papai, e, depois, com Constance e comigo. Se o senhor for incomodado por ela, basta pô-la na escada dos fundos e ela descerá imediatamente.

— Mas a gatinha em nada me incomoda. E' até agradável ter alguma coisa de vivente para fazer-me companhia.

Êle não fêz essa referência com segundas intenções e para que fossem interpretadas suas palavras diferentemente do seu exato sentido. E' claro que êle não tinha o direito de sugerir "camaradagens" com a gente daquela casa da qual era apenas inquilino. Não devia pretender introduzir-se assim no seu círculo de relações.

Susan Jenks chega trazendo os braços carregados de capas e mantôs.

— O Sr. Portes está alí. E já são oito horas.

— Vamo-nos.

Mary reparou que seu locatário tomara o mantô de tia Isabelle e lh'o colocava sem nenhum embaraço. O seu era de veludo verde cinzento e brilhante, com um colarinho de pelúcia escuro.

— E' um belo vestuário, diz-lhe Roger estendendo-o. Dir-se-ia o mar envolto em neblina.

— Eu gosto muito dêle, diz ela à sua maneira direta. E' muito bonito. Tia Frances m'o trouxe de Paris no ano passado. Tôda vez que o senhor me vir usando qualquer coisa particularmente bela, saiba que foi oferta de tia Frances, irmã de tia Isabelle. E' ela a única rica em nossa família. Quanto a nós outros, todos nós somos tão pobres como a própria pobreza.

Lá fora um carro businou fortemente. Em seguida aparece Porter Bigelow, um jovem perfeitamente atualizado com a moda e a civilização.

— Está pronta, Mary Rebelle? — Vai dizendo. Ao perceber a presença de um estranho, Roger, interrompeu-se.

Porter era um gentleman. Nada a respeito de Roger Poole revelava o que êle pensava a respeito dos inquilinos em geral e dêle em particular. Aperta-lhe a mão e diz algumas palavras de amabilidade superficial. Pessoalmente teve a impressão de que o homem estava abatido e fatigado. Mas ninguém poderia dizer o que Mary pensava. As apreciações de Mary eram mais poéticas. O que ela procurava jamais encontraria num homem comum. O perigo residia no que ela pudesse, por engano, ligar sua afeição a qualquer objeto terra a terra, a que batizasse como o "Ideal".

Quanto a Porter mesmo, apesar de seus trajes finos e de sua aparência de galo de terreiro, era, no que tocava a Mary, uma criatura de aspécto humilde. Êle sabia que seu dinheiro, a importância de sua família, sob o ponto de vista social, nada disso era importante aos olhos de Mary. Sua única esperança era que, por detrás dêsses elementos convincentes, pudesse Mary descobrir que êle era homem capaz de amá-la. E esta esperança o havia mantido durante anos em ambições bastante calmas e produzido um ideal moral que espantara sua mãe e intrigado seu pai.

— Se bem que eu me sinta com personalidade, foi você, Mary, que fêz de mim o que sou, dizia êle, duas horas depois, no intervalo entre o segundo e o terceiro ato da comédia musical que acabava de exigir tôda a sua atenção.

Tia Isabelle, junto ao parapeito do camarote, sorria docemente, sob reflexos da luz dourada e da música próxima. Barry conversava com o general e com Leila, que se achavam em poltronas na platéia, abaixo do camarote de Mary e juntos à orquestra.

— Foi você que fêz de mim o homem que hoje sou, repetia Porter a Mary, e agora eu só desejaria que você me permitisse cuidar de você.

Até então Mary não demonstrava levar muito a sério as declarações amorosas que lhe dirigia Porter; mas naquela noite do teatro, ela tinha nos olhos uma turbação de pensamentos, uma inquietação espiritual.

— Porter, você sabe que eu não posso fazê-lo. Mas, há momentos em que eu desejaria poder.

— Mas... e por que não?

Ela lhe faz um gesto como quem pede não continuar.

— Não ficaria bem. Sinto-me simplesmente sòzinha e abandonada com a partida de Constance para tão longe! Mas isso não é razão bastante para decidir desposá-lo. Você merece uma mulher que seja sua, verdadeiramente sua, de corpo e alma. E eu não o poderei ser, meu caro amigo!

— Pois eu estava certo de que você poderia ser essa mulher!

Depois, com um relâmpago de raiva:

— Um homem que tem cabelos vermelhos é sempre objeto de contentamento!

— Mas isso nada tem a ver com o nosso sentimento.

— Tem, sim, Mary. Você sabe tão bem quanto eu, que quando eu era garôto, sempre fui Bigelow le Rougeaud para tôdas as nossas relações. Bigelow le Rougeaud com cabelos em cachinhos e pele sardenta. Se eu fôsse pobre e vivendo em meio modesto, a vida não deveria ter sido vivida. Mas, a família de mamãe e o dinheiro de papai arranjaram muito bem as coisas para mim. Eu sempre dispunha de bastante dinheiro para distribuir bombons pela vizinhança. Você ainda era muito pequenina, mas já se mostrava esquiva a meu respeito e eu não conseguia conquistá-la como a outros. Portanto, agora, eu terei que vencê-la, com uma casa na cidade e outra no campo, automóveis, vestidos suntuosos; e acho, Mary, que tôdas estas servirão para algo na vida.

— Você jamais poderia "comprar-me" desta maneira.

— Eu quero possui-la de qualquer forma!

Ele teve que interromper-me quando o pano se erguia e a obscuridade se fazia em tôda a sala de espetáculos. Mas êle ainda continuou a repetir, num sussurro, como se sua voz saísse da penubra":

"Eu desejo possui-la seja de que maneira for, Mary!".

Depois do espetáculo foram cear, tendo o general e Leila vindo juntar-se a êles por instâncias de Porter. Durante os preparativos da ceia, Barry reteve Leila por um momento a um recanto do suntuoso corredor por trás de uma fila de palmeiras.

— Essa jovem de Nova York, miss Jeliffe, qual é o seu nome próprio, Leila?

— Delilah.

— Não é possível!

Leila se pôs a rir com ares de mofa.

— Mas é isso mesmo, Barry. Ela se diz chamar Lilah, e o faz como eu estou a pronunciar. Mas quando assina os cheques escreve Delilah.

Barry se refaz da surprêsa.

— Onde a conheceu?

— Na escola. Seu pai é do Congresso. Êles devem vir a casa amanhã, pois papai me pediu que os convidasse como nossos hóspedes, até que êles conseguissem um apartamento.

— Ela é verdadeiramente fascinante!

Leila protesta:

— Não compreendo como você possa gostar de seu tipo!

— Minha pequena dama, pronuncia êle com um tom sentencioso, a senhora está com ciúme! Dancei quatro vêzes com ela e apenas uma com os seus novos sapatinhos côr de rosa.

Leila apresentou um pé:

— São lindos, Barry, diz com delicadeza, e eu que ainda não lhe havia agradecido!

— Para quê? Quero apenas que você me seja gentil, é o que peço. Já tenho estado bastante amolado hoje.

— Quem o amolou?

— Mary.

Leila estira um olhar lá para a sala de jantar, onde em sua beleza irradiante, Mary parecia um lirio pálido entre as femininas tulipas, as orquídeas, tôdas mulheres da côr da noite do jardim social.

— Se Mary o aborreceu, é porque você fêz alguma coisa que o merecesse, disse ela lealmente.

— Ah! E' assim? Leila, se você me abandona, e despreza já não tenho mais nada que renunciar na vida.

Barry estava com cara de quem está em profundo desgosto. Ela então esquece o bailarino de Delilah; esqueceria mesmo tudo, exceto essa maravilhosa criatura masculina que estava ressentido.

— Barry, disse ela com simplicidade, infantil: eu não o abandonarei nunca, enquanto viver!

Os olhos do rapaz se baixaram cheios de adoração e sua voz se abrandou um pouco:

— Eu o creio, Leila. Você é a criatura mais bela, a obra mais perfeita de meu Deus.

A sobremesa de frutas geladas já estava na mesa quando êles entraram na sala de jantar. O general, com a fisionomia de extasiado pela excelente ceia que lhe fôra servida, começou a dissertar sôbre a arte culinária. Não poupou elogios aos pratos e perorou: "Para cozinhar bem, disse êle acomodando-se confortavelmente em uma poltrona, a lançar um olhar radioso a Mary que se achava ao seu lado, para cozinhar bem é preciso ser-se poeta. Para mim há nesses pratos muito mais do que coisas que comer. Há muito mais do que isso. Há a côr dos tomates, o verde dos pimentões, o alvo pálido dos cogumelos, o branco de neve dos crustáceos. Além de tudo, há a atmosfera, o aroma.

— A diferença, diz Mary a sorrir, entre a sua cozinha e a de Susan Jenks, é a que existe entre um poema épico e uma canção infantil. Ambas têm do bom e do melhor; mas a de Susan possui arte sem premeditação.

— Tiro meu chapéu a Susan Jenks, exclama o general, quando sua poesia se exprime em quitutes e frango assado!

Mary se consagrava ao general. Porter assentado ao pé dela, conversava com tia Isabelle, estava à sua direita. Tia Isabelle parecia estar muito contente com sua nova posição de matrona da casa.

— Eu não consigo entender bem numa tal confusão de gente, diz ela. Além disso há muita coisa a ver.

E' a época das celebridades, diz Porter, e escreveu a um canto do cardápio o nome de famosa condessa russa da mesa vizinha. Mais além estava o presidente da Câmara; depois, o embaixador da Inglaterra com sua bela companhia de senhoras louras; mais além, o embaixador da Espanha em companhia de belezas morenas.

(Continua no próximo número)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

May Ballard era a proprietária de grande solar, tipo acastelado, onde morava em companhia de umas tias e irmãs. No dia do casamento de sua mana Constance, ela recebeu, à revelia da família, o sr. Rooger Poole, que ali fôra atraido por um anúncio sôbre cômodos a alugar do mesmo castelo. Mary podia alugar um dos apartamentos do edifício, uma vez que era a dona do prédio, embora isso trouxesse contrariedades aos seus maiores. Recebendo às escondidas o futuro inquilino, já em cima da hora da cerimônia, todos de casa ficaram preocupados com a sua ausência, até que começaram a gritar por ela. Mary deixou o visitante e retornou ao salão onde pululavam os convidados. Mr. Poole se retirou depois de ter fechado o negócio com a jovem.

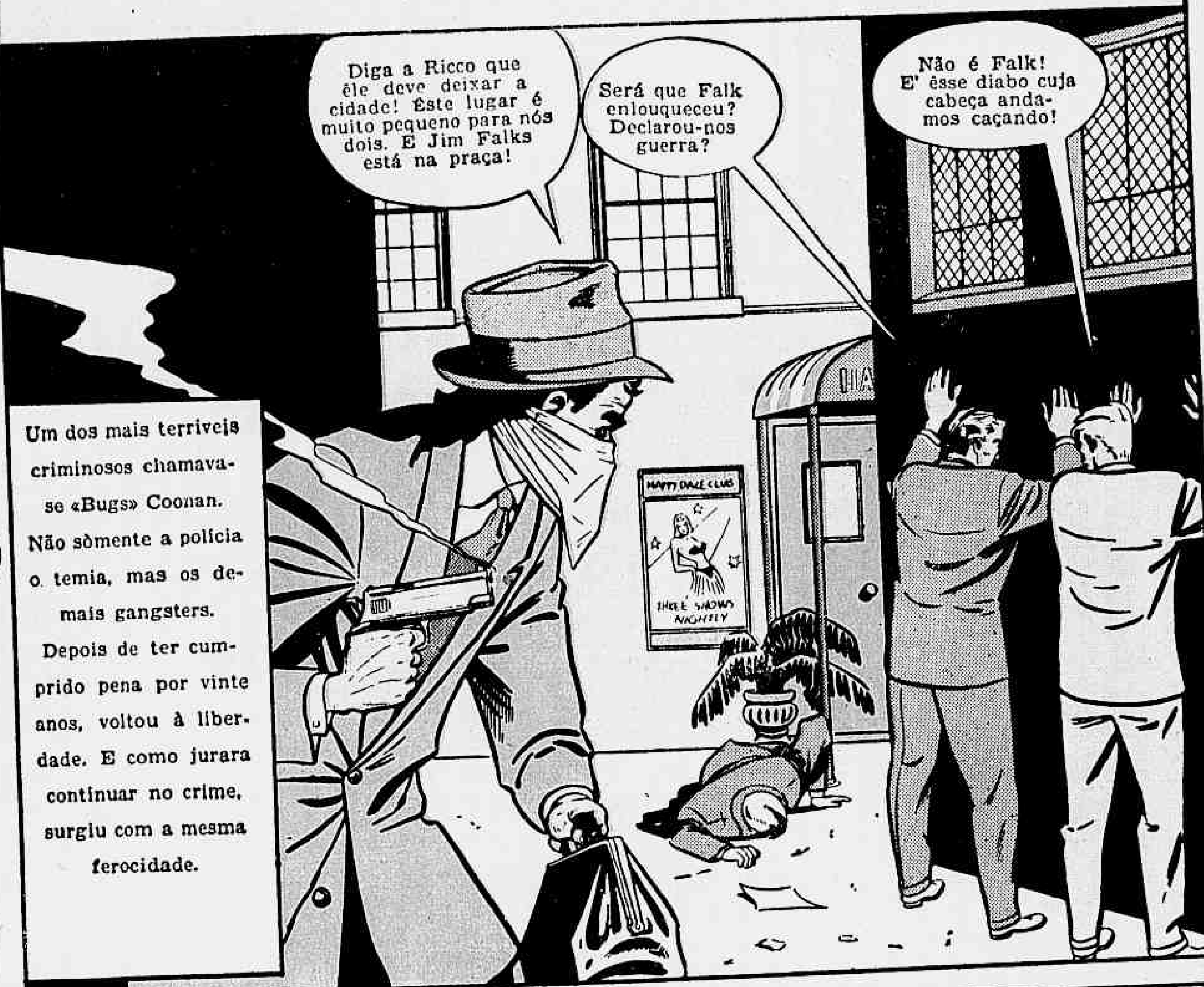
Mary ainda não se sentia desolada com a ausência da irmã Constance; mas tudo indicava que dias amargos se aproximavam. Mary encarava o mundo com absoluta indiferença e não se decidira a amar ninguém com a paixão que gera o sacrifício. Era voluntariosa e isso causava à sua tia Frances constantes motivos de rusgas domésticas.

Quando Constance teve que deixar o castelo, seguindo em viagem de núpcias com o espôso, Mary concebeu a idéia de fazer-se ouvir nos negócios da casa e sua diferença com tia Frances começou quando esta lhe disse que Mary precisava ir para Nice.

Tia Frances já havia preparado tudo para que a casa ficasse vazia e, talvez, fôsse vendida. Mas Mary previu o golpe e o aparou. Ela queria ficar sempre ali, e alegou que precisava permanecer ali a fim de tomar conta de Barry. Além disso, sua tia Isabelle ficaria também, e o problema de Susan Jenks, que havia embalado todos êles nos braços, estaria resolvido. Tia Frances insistiu na ida de Mary para Nice, mas a moça revelou a grande novidade: não podia ir porque alugara o apartamento da Tôrre. Era a primeira vez que se admitiam inquilinos ali. A um canto, Porter Bigelow, que nutria por Mary uma paixão louca, achou extraordinária a decisão de Mary.

A VOLTA DE "BUGS" COONAN







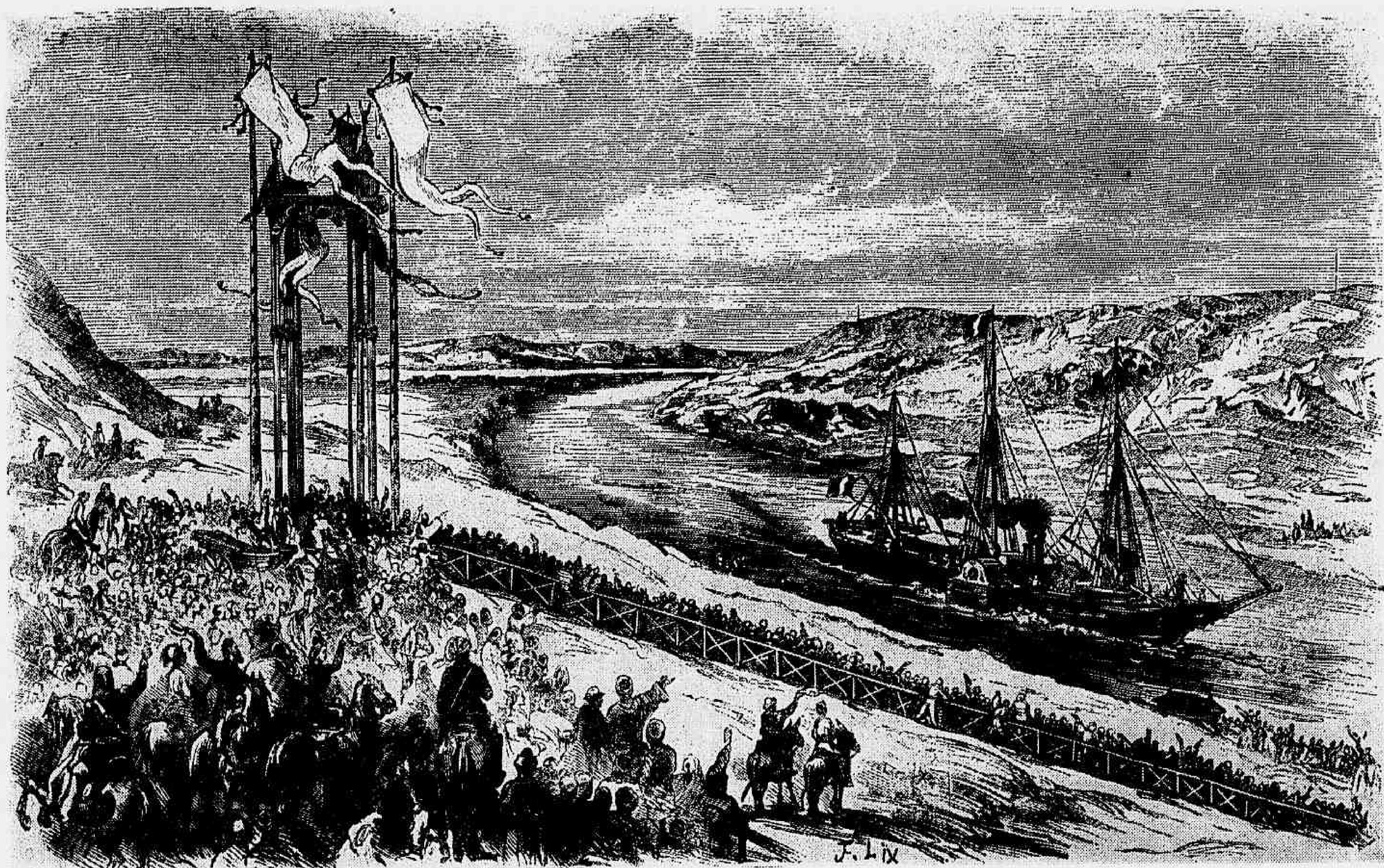
lasto procurou desculpar-se com Coonan...

O instinto de conservação era maior do que o temor a Coonan. Houve pânico e as balas de Coonan ricochetavam em tôdas as direções.



Em 1950, no Estado de Pensilvânia,, Coonan foi detido e processado...





COMPOSIÇÃO APOTEÓTICA do dia da inauguração do Canal de Suez, que liga o Mar Vermelho ao Mediterrâneo, trabalhos que começaram a 25 de abril de 1859 e terminaram no dia 17 de novembro de 1869. Chegada do navio «L'Aigle» trazendo a Imperatriz ao pôrto de El-Guishr. O sonho se realizou com a técnica de Fernando Lesseps.

O CANAL DE SUEZ

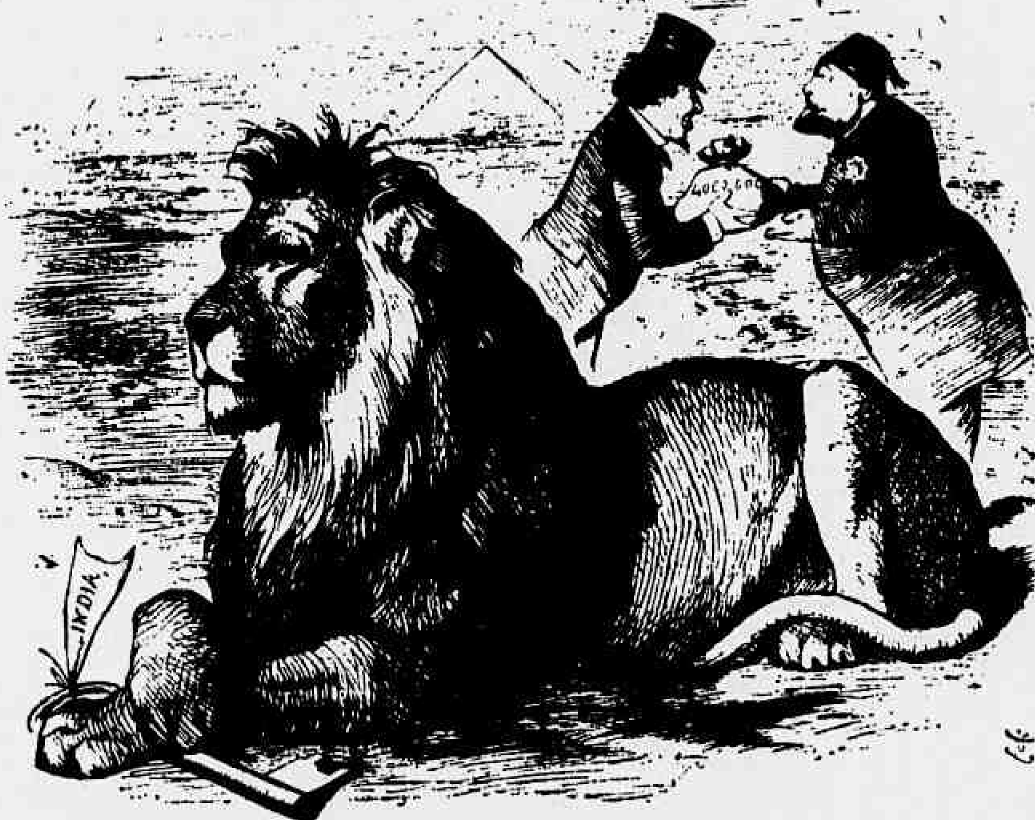
Um Sonho milenário - História atribulada - Os trabalhos As festas inaugurais - A significação da obra

A foi realização de pensamento a abertura do Canal de Suez não do Século XIX. Segundo narra a História, seiscentos anos antes de Cristo, já reis e imperadores do Oriente-Médio procuravam resolver a ligação Mediterrâneo — Mar Vermelho, aproveitando o istmo de Suez, para o comércio com as indias. Dario continuou a obra de Nechaó, para a ligação, não diretamente, mas aproveitando o lago Timsah e braços do Nilo; Ptolomeu prosseguiu a obra e a concluiu, mas os canais foram obstruidos e perdidos para a navegação. No ano de [illegible], o projeto voltou a ser executado pelos venezianos, os gênios da navegação da época, procurando a junção dos dois mares vizinhos, mas sempre rebeldes à ligação, como se vissem nesse "casamento", motivos insuperáveis de desarmonia universal, ao invés de compreensão e humanidade.

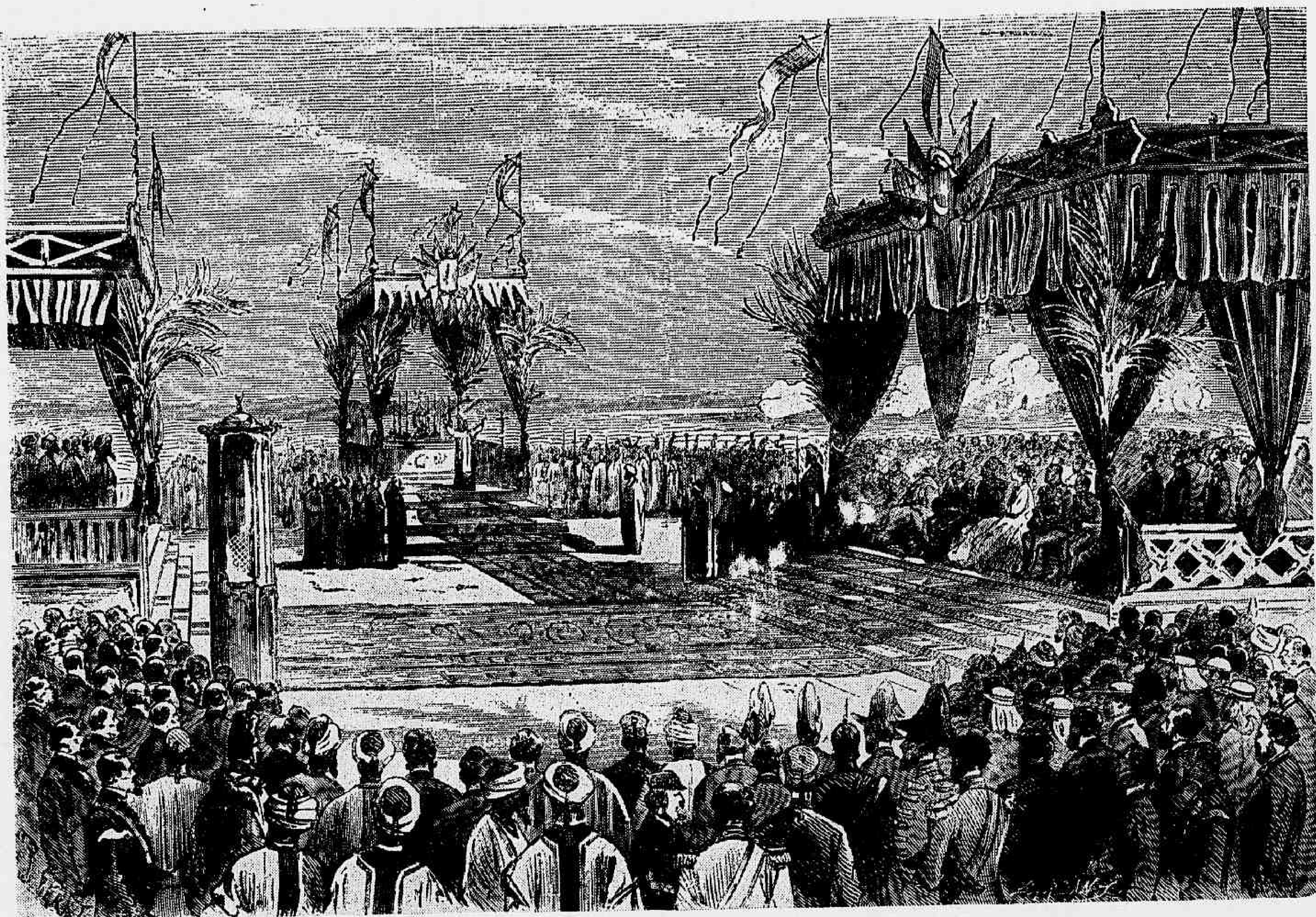
Quando Napoleão estêve no Egito, naquela famosa expedição da qual resultou tanta novidade para o mundo civilizado, novamente foi restabelecido o projeto, mas sem maiores resultados. A rebeldia dêsse Canal desafiou ainda os esforços do imperador Adriano e do conquistador árabe Amru, aí pelos anos de 640 da era cristã, tudo terminando em decepções e perda de vidas, dinheiro e tempo.

Depois de tantas tentativas frustradas, inclusive as de Enfantin em 1846, o francês Fernando de Lesseps apresentou ao Khediva um plano de perfuração do istmo, única maneira de vencer a separação entre os dois mares, desprezando-se os velhos projetos romanos, venezianos, persas e árabes, e enfrentando a situação frontalmente, rasgando as rochas de Suez e unindo as águas do Mediterrâneo com as do Mar Vermelho.

O Khediva, depois de muitos estudos, conselhos e opiniões, aceitou o plano de Lesseps. Em 1856 foi lavrado um contrato de concessão para rasgar o canal e começaram os trabalhos a 25 de abril de 1859. Durante dez anos, milhares de operários, engenheiros, assistentes, se dedicaram ao ingente serviço da ligação das águas entre a Europa e a Índia. O que foi êsse trabalho só se pode contar em volume especial. Tragédias e dramas, com mortes por epidemias, desabamentos, esmagamentos. Um inferno de torturas físicas atapetou o rasto da civilização contra a Natureza hostil. Mas Lesseps venceu. A 17 de novembro de 1869 era inaugurado o Canal de Suez, entre festas, pompas, procissões religiosas, bênçãos e champanha.

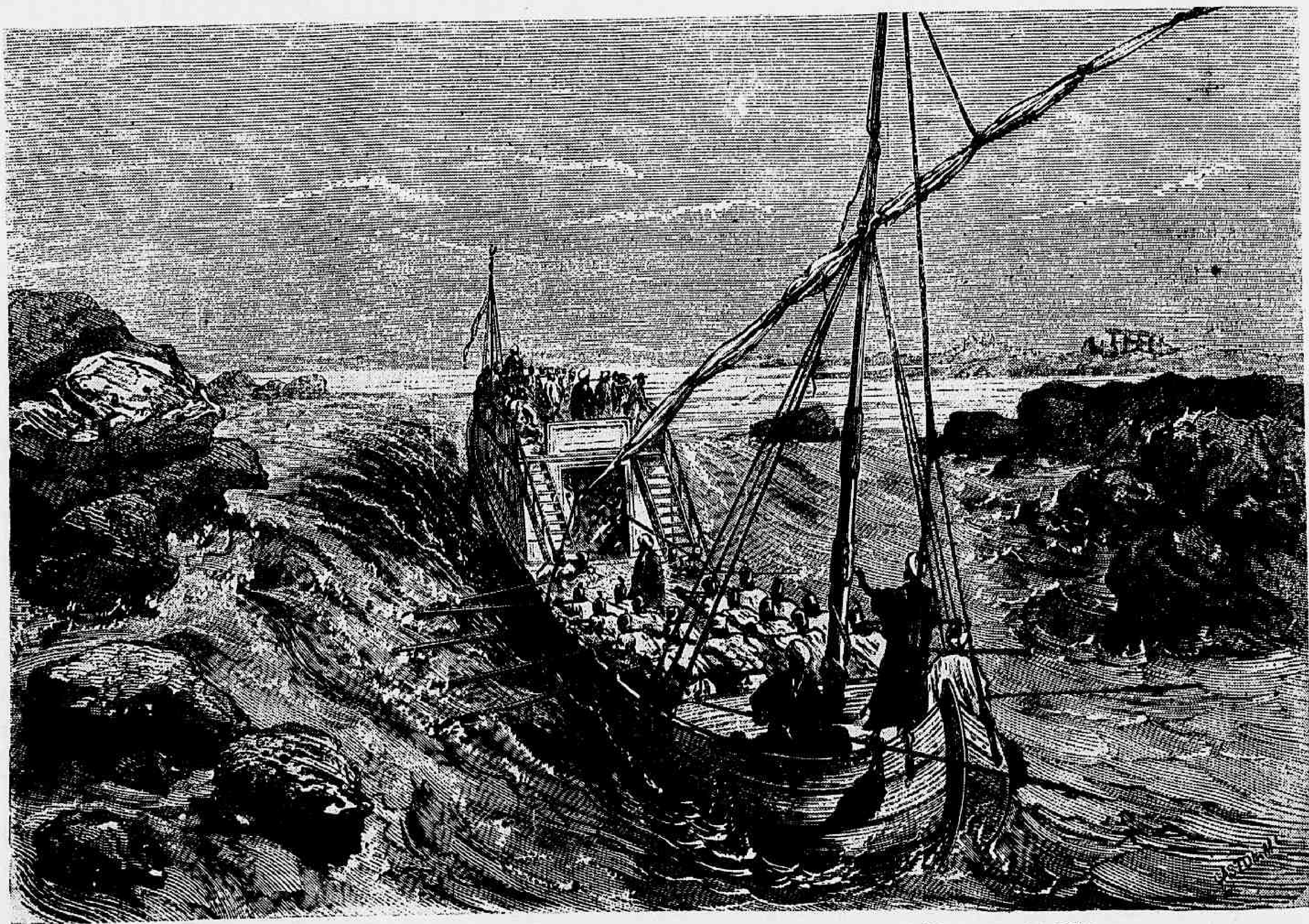


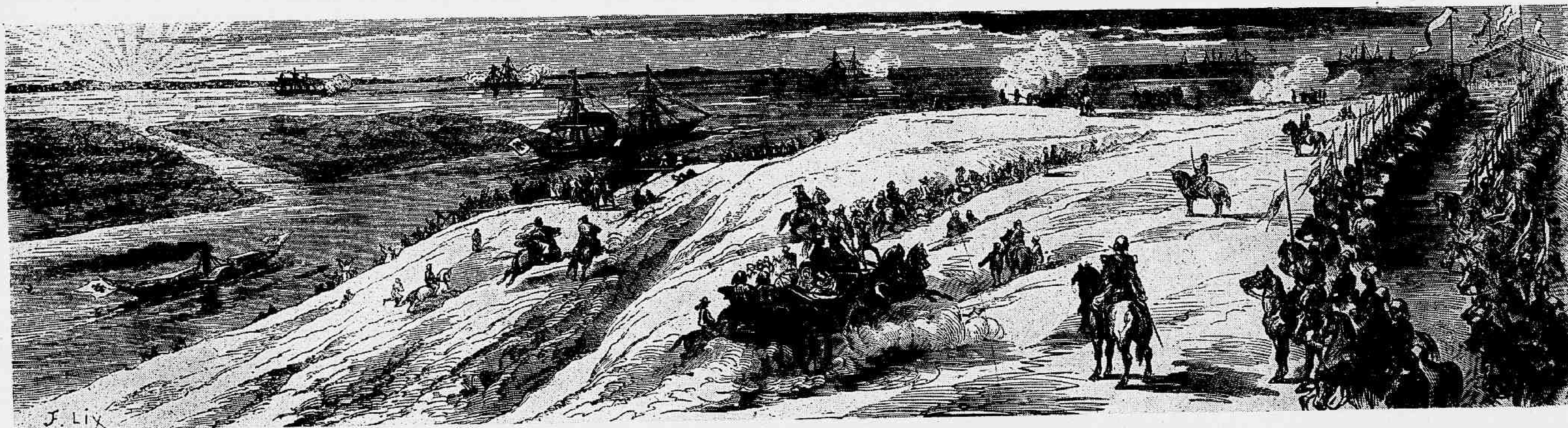
«CHARGE» INGLÊSA, criticando a compra pela Inglaterra das ações do Khediva Ismail, no total de 177 mil, em 1875, perdendo o Egito o contrôle sôbre o Canal.



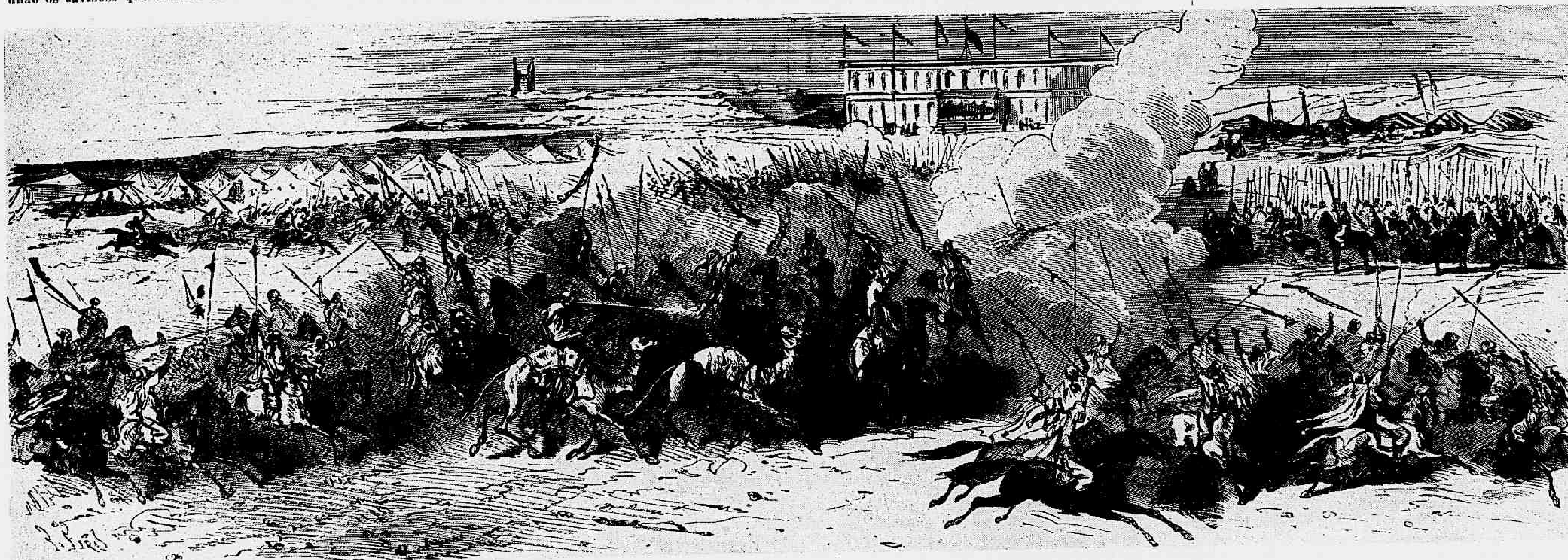
MAJESTOSO ESPETACULO em Port-Said, no dia da inauguração, com pomposa cerimônia religiosa e discursos oficiais. O sonho que data de 600 anos antes de Cristo, desde o faraó Nechaó, acabava de realizar-se com Fernando Lesseps.

VIAGEM DOS CONVIDADOS do Khediva Ismail à inauguração do Canal de Suez. Note-se o desnível da primeira corredeira, o que hoje não existe, de certo por fôrça de melhoramentos que a prática foi sugerindo.





MOMENTO de grande emoção em Ismailia, no Canal, quando «avisos» vindos de Suez, saúdam a salvas de canhão os «avisos» que vinham de Port-Said, no Mediterrâneo, encontro que se deu no Lago Timsah, lago histórico, pois foi daí que partiu a primeira tentativa de unir os dois mares, projeto de Dario que Ptolomeu chegou a concluir. Tudo porém, ficou perdido pela obstrução. Fernando Lesseps, entretanto, conseguiu o milagre.



OUTRO ASPECTO festivo da inauguração do famoso Canal, em Ismailia, quando as diferentes tribos do deserto compareceram montadas em camelos e cavalos árabes e se exibiram para embaixadores e imperadores, em brilhante parada de batalhas simuladas com número impressionante do programa das comemorações, no dia 18-11-1869. Abria-se para o mundo uma nova era de comércio e comunicações inter-continentais.



O CANAL DE SUEZ desvendou às potências interessadas no comércio com os outros povos do Atlântico e do Índico, o problema do Sudão, imensa região afr cana vizinha do Egito. Seu conquistador foi o pachá do Egito, Mehemet-Ali, em 1823, tendo fundado Khartum, sua capital. Muitas lutas sobrevieram, até que

O Canal de Suez se converteu numa Sociedade Civil, de cujo montante de ações coube ao Khediva do Egito nada menos de 177 mil, no valor aproximado de 4 milhões de libras esterlinas. Mas sucedeu que o soberano do Egito, o mesmo Khediva que havia dado a Lesseps a concessão, estava, anos depois, muito endividado. A Inglaterra, sempre vigilante nos negócios para as Índias e para a África, aproveitou a oportunidade e fêz uma proposta ao rei endividado: comprar-lhe-ia as 177 mil ações.

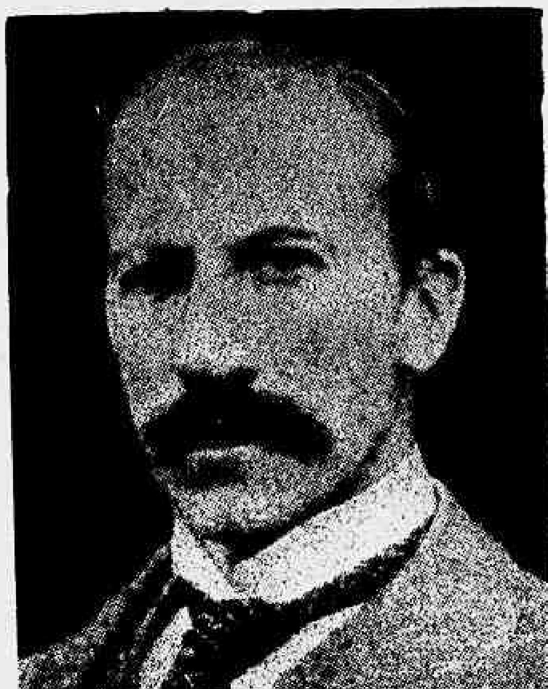
O Khediva Ismail fechou negócio e, a partir de 1876, ficou a Grã-Bretanha com o contrôle do Canal perante as outras potências, e, dois anos mais tarde, mediante uma Conferência em Londres, ficou o Canal de Suez neutralizado, não podendo servir de motivo de disputas entre os povos, mesmo em caso de guerra. Nessa convenção internacional ficou assentado que o Canal ficaria aberto em todos os tempos e para todos os Estados, não poderia ser bloqueado, e, num raio de três milhas de seus portos, nenhum ato de hostilidade poderia ser praticado.

A extensão do Canal é de 162 quilômetros, de Port-Said a Suez, entrada do gôlfo que tem êsse nome, formado pelo Mar Vermelho; sua largura inicial variava entre 68 a 100 metros, com uma profundidade de quase nove metros. No trajeto há treze estações, sendo a de Ismailia, ao centro, a mais importante.

Foi sensacional a revolução que a abertura do Canal provocou no mundo, do ponto de vista político, social e econômico. Londres, por exemplo, que distava, com o costeamento da África, 6 mil quilômetros de Bombaim, passou a estar apenas a três mil e cem quilômetros. O trânsito se intensificou de tal maneira que, em 1883, quatorze anos depois de inaugurado, era urgente melhorar suas condições. Em 1885 começaram as modificações e melhoramentos, terminando em 1898. Já em 1900 o tempo médio da travessia era de 18 horas e meia. Com a luz elétrica foi possível a passagem de navios à noite.

Com a guerra de 1914-18 os turc fizeram várias tentativas para ap derar-se do Canal, sendo frustrad os seus planos. Na última gran conflagração, o Canal se manteve e serviço, embora fôssem visadas suas vias de comunicação.

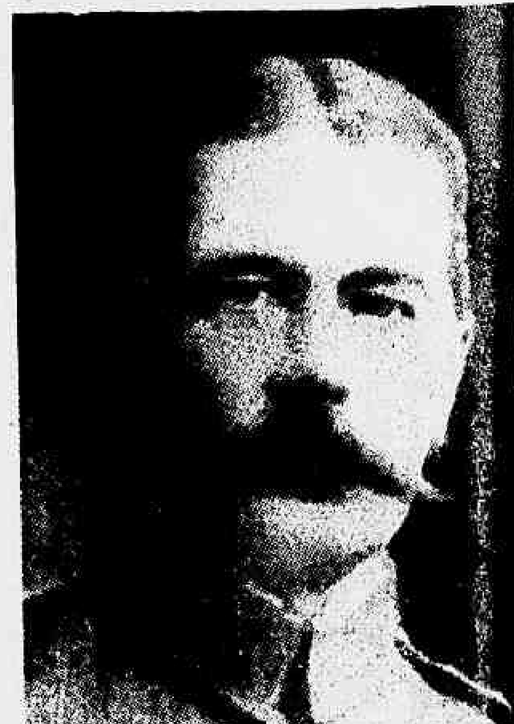
O caso Egito-Inglaterra se acen agora de maneira perigosa e ala mante. Pelo tratado de 1899, fic



VISCONDE MILNER (1854 - 1925)
Secretário das Finanças e que conduziu, em 1919, e chefiou a Missão Milner no Egito.



LORD LLOYD (1879 - 1941)
Organizador do tratado anglo-egípcio de 1927, sucessor do General Allemby perante o Egito.



LORD KITCHNENER (1850-19
Sirdar do Exército Egípcio em 1 e que chefiou a expedição que d rotou os sudaneses.



governo egípcio confiou a Lord Kitchener, com as honras de Sirdar do Egito, combater os insurrectos Mahdists. Esta ilustração mostra uma fase da guerra entre expedicionários inglêses e sudaneses em Omdurman, do que resultou, até agora, a submissão de todo o Sudão aos soberanos da Inglaterra, no Egito.

a Inglaterra em igualdade de direitos com o Egito na administração sudanêsa, mas cabe sempre à Grã-Bretanha a nomeação dos Altos Comissariados, que têm o título de Sirdar do Sudão. Em 1936, quando a situação do mundo já se desenhava com grossas nuvens de tempestade nos horizontes, os inglêses firmaram outro tratado com o Egito, ficando a Inglaterra com o direito de manter na zona do Canal uma fôrça militar, armada e municiada de, no máximo, dez mil homens. Em troca, o Egito teria suas fôrças armadas instruidas pela Inglaterra, além de outros benefícios de caráter econômico-financeiro.

E agora surge o fato sensacional: o govêrno egípcio denuncia o tratado de 1936, sob a alegação de que os inglêses violaram por vários modos aquêle estatuto, não sòmente porque excederam de muito o número de soldados, como ocuparam zonas não previstas no mesmo tratado, ofendendo a soberania nacional. O ato do govêrno egípcio, não é, porém, muito novo. No discurso do trono em 1950, já o Egito prometia denunciar o tratado de 1936 e o acôrdo de 1899. Alega o Egito que o tratado de 1936 já não pode ser mantido, porque as condições do mundo mudaram completamente, e a própria Carta das Nações Unidas está contra êle. Por essa Carta, cabe ao Egito o direito de defender o Canal militarmente contra tôda agressão, uma vez que o mesmo Canal atravessa o seu território.

O assunto está interessando o mundo inteiro. Nas ruas de Alexandria, do Cairo e de outras cidades egípcias o povo promove distúrbios, e já se deram encontros entre soldados inglêses e egípcios na zona do Canal, agravando a tensão entre as duas nações. Por sua vez, os Estados Unidos, pela voz de Acheson, já declararam que não reconhecem validade alguma no decreto do govêrno egípcio que anexou o Sudão ao território do Egito, nem o direito do referido govêrno assumir a inteira posse do Canal, expulsando as tropas inglêsas.

Em que dará tudo isso? Vamos ver se a ONU poderá resolver o litígio, cujas raízes são muito profundas e há argumentação de ambos os lados. Não se pode negar, porém, que foi o caso do Irã que despertou os anseios egípcios de quebrar a influência britânica em seu território e de unir o Sudão à coroa do Cairo.



LORD WOLSELEY (1833 - 1913)
Que conseguiu dominar uma rebelião em 1882 e socorreu Gordon em Khartum, capital do Sudão.



LORD CROMER (1841-1917)
A quem se deve a consolidação da Inglaterra no Egito, após a revolta de Arabi Pasha, 1882.



SIR MILES LAMPSON
Alto Comissariado do Egito e Sudão de 1934 a 1936 e Embaixador no Egito, de 1936 a 1946.

O DIARIO DE JAMES FORRESTAL

DIFICULDADES ECONÔMICAS E ORÇAMENTÁRIAS ★ TRUMAN PEDE $400.000.000 PARA AUXILIAR A GRÉCIA E A TURQUIA

Tradução de OCTAVIO A. DE AZEVEDO

(Exclusividade para o Brasil adquirida pela REVISTA DA SEMANA — Interditada a reprodução no todo ou em parte)

9. AUXILIO A GRÉCIA E A TURQUIA

A despeito das múltiplas complicações internacionais em conseqüência da falta de poderio militar eficiente, o ano de 1946 findou com pouquissimas probabilidades de reabilitação das nossas defesas. Em outubro, Forrestal, com a idéia firme na projetada unificação dos serviços, conversou com James E. Webb, diretor da Receita.

16 de outubro de 1946 — Orçamento

PERGUNTEI hoje a Webb, diretor da Receita, quais as próximas providências que serão tomadas com relação ao orçamento militar e se êle estava esperando que o exército e a Marinha apresentassem um orçamento único... Sua resposta foi que o Exército e a Marinha não teriam orçamento dobrado e que, além disso, seria bom que nós submetessemos à sua apreciação os respectivos orçamentos para 1947/8, com as devidas descriminações referentes à eficiência e capacidade da frota. Isso, segundo nos declarou Webb, era uma oportunidade para formularmos tudo quanto sôbre o assunto desejássemos e assim, quando fôsse ver o Presidente, já sabia o que recomendar ao Congresso para a defesa nacional no período fiscal de 1947/8.

Em dezembro, numa reunião do Gabinete, o Secretário Krug fêz um protesto contra os métodos adotados na elaboração orçamentária, porque a verba destinada à manutenção da Marinha é pouco maior do que a verba dispendida com salários de funcionários dos diversos departamentos navais. Forrestal salientou que, na gestão do antecessor de Webb, foi "encarregado do cálculo das nossas cifras um jovem, ex-marinheiro de segunda classe e que havia feito um curso de administração na Universidade do Colorodo". O Presidente, entretanto, manteve a importância total, para o Exército e a Marinha no orçamento de 1947/8, em onze biliões e meio de dólares. Os republicanos, que estão atualmente com a liderança no Congresso, parecem dispostos a cortar até mesmo isto.

MARSHALL TOLHIDO PELA ECONOMIA

QUANDO o secretário Byrnes pediu demissão, o general do exército George C. Marshall, de regresso da mal sucedida missão diplomática à China, assumiu a pasta da Secretaria de Estado. As cartas de Forrestal nos falam da fraqueza dos meios de que dispunha o novo secretário para a tarefa que ia empreender:

2 de fevereiro de 1947 — Para o Almirante R. E. Schuirmann

...HA inquietações em todos os setores administrativos. O govêrno enfrenta uma tarefa gigantesca — o equilíbrio orçamentário. Terá que ouvir os protestos naturais, em virtude das reduções nas despesas militares, embora todos desejem que o país se mantenha fortemente militarizado, para impor a sua autoridade e o equilíbrio universal. Ao general Marshall coube a parte mais difícil da tarefa, pois, de acôrdo com as considerações por mim citadas, o sucesso da sua missão depende delas. Todavia, a tenacidade humana e a sua capacidade hão de encontrar um meio para vencer...

24 de fevereiro de 1947 — A Charles Thomas

COMO você sabe, eu nunca fui contra o voto objetivo e principalmente quando orientado por pessoa inteligente. Não estou criticando os métodos dos republicanos que se encontram na Câmara e no Senado e que acham que devemos ser cortados. Só Deus sabe o encargo medonho que o nosso país enfrenta, a fim de conservar a economia e a sociedade livres. Os próximos dezoito meses, na minha opinião, serão os mais críticos que a nação já enfrentou e negar a Marshall as cartas para jogar, justamente quando as apostas estão no auge, é uma decisão gravissima. (Pouco depois surgiu uma nova crise).

24 de fevereiro de 1947 — Almôço do Gabinete

HOJE temos que almoçar com o Presidente e pouco antes Marshall mostrou um memorandum que acabava de receber de Acheson, ao deixar seu gabinete, o qual dizia que o embaixador inglês tinha estado, pela manhã, na Secretaria do Estado para informar ao govêrno dos Estados Unidos que a Inglaterra não podia mais continuar como fonte financeira militar de auxílio à Turquia e à Grécia. O referido auxílio, disse o Embaixador, provoca despesas que vão quase a duzentos e cinqüenta milhões de dólares no ano corrente e a Grã-Bretanha não pode mantê-lo. Marshall declarou que isso seria para nós uma carga pesadissima que nos jogavam às costas e que equivalia à abdicação da Inglaterra no Oriente médio, com as evidentes complicações para o seu sucessor...

Vinte mil soldados, reunidos na praça em frente ao edifício da Câmara Municipal de Manila, manifestam seu descontentamento pelo demorado sistema de desmobilização conforme êste flagrante tomado em 15-1-1946.



OS DIVERSOS PROBLEMAS NACIONAIS

TINHAMOS diante de nós mais um problema sério, de vastas complicações e, nos dias que sucederam, foi muitissimo discutido. Forrestal convidou o novo presidente da Comissão de Compras da Câmara, o deputado John Taber, e outros membros do Departamento Naval, para uma exposição do orçamento da Marinha e sentiu que isso, pelo menos, tinha causado algum efeito nos economistas relutantes do Congresso.

5 de março de 1947 — Comissão de Compras da Câmara

NA exposição que fiz aos membros da comissão, disse que a Marinha estava bem informada sôbre a grande tarefa imposta ao Congresso, procurando assegurar uma receita digna da tremenda responsabilidade que o país teria de suportar; que havia conflitos entre os diversos designios da mentalidade nacional, como por exemplo, a semana de cinco dias, seis horas de trabalho com salário elevado, baixa do preço para as manufaturas, redução de taxas, equilíbrio orçamentário, amortização de dividas, Exército e Marinha poderosos, política internacional firme e enérgica com a Rússia, mas sempre evitando a guerra. Disse também que não encontrava dificuldade nos objetivos; pô-los em prática é que era difícil, pois até mesmo os oficiais de marinha, que não são tolos em economia, reconheciam que a confiscação de uma economia eficiente poderia levar o país diretamente ao socialismo estatal, como se para isso tivessemos contribuido.

A atitude da comissão era perfeitamente compreensível, embora a exposição pouco tenha afetado a disposição de Taber, no que diz respeito aos cortes. Não há dúvida que as conclusões referentes à Grécia forçaram o Congresso a pensar mais sèriamente na posição dos Estados Unidos no pôsto de árbitro dos negócios internacionais.

7 de março de 1947 — Gabinete

NA reunião matinal de hoje, o Presidente prolongou-se sôbre a questão dos gregos e disse que a decisão do assunto era a mais séria que já enfrentara um Presidente. Era de parecer que os fatos fôssem trazidos ao conhecimento do Gabinete, para que fôssem bem discutidos e depois indicados os meios e as atitudes a serem tomadas.

Acheson analisou a posição da Grécia e a da Turquia. "Os inglêses", disse o Secretário, "concordaram em continuar com as responsabilidades militares na Grécia por mais três meses e, esgotado êsse prazo, êles se retirarão. As despesas mensais estão calculadas em $ 8,000,000. O govêrno grego não nos é simpático, pois dêle fazem parte muitos elementos reacionários e o sucesso da propaganda russa dentro do país é, em grande parte, devido à corrupção e à ineficácia do povo".

Harriman declarou concordar com as observações referentes ao caráter do povo grego, mas que não deviamos esquecer que foram os Gregos os primeiros a combater os alemães; que o país se encontra devastado, com as comunicações, os transportes e outros elementos de uma sociedade organizada completamente arruinados.

O conceito geral entre os secretários era

que devíamos auxiliar a Grécia e convencermos o Congresso e a nação da necessidade disso.

Nas minhas advertências, disse que o que está acontecendo é uma simples confirmação do que se encontrava em desenvolvimento nos últimos quatro anos; que se tivermos a sorte de vencer, teremos que reconhecer que se trata de uma luta fundamental entre a nossa sociedade e a dos russos, e êstes só responderão pela fôrça. Disse também que precisamos de homens capazes e inteligentes, justamente como fizemos durante a guerra, e que a capacidade e o talento se unirão numa fôrça única. As palavras que pronunciei querem dizer que teremos de trabalhar fazendo negócios, uma vez que o assunto que agora discutimos representa realmente a esperança das nações arruinadas pela guerra, mas que desejam reviver, e o único meio que temos para isso são as transações comerciais. O govêrno sòzinho nada pode fazer e as transações só poderão ser feitas quando ajudadas pelos governos de parte a parte. Assim sendo, teremos que abolir certas restrições e determinadas impaciências consumidoras de tempo, logo que seja possível, de modo que os homens de negócios tenham tempo suficiente para se dedicar de corpo e alma aos problemas reais.

No dia 12 de março o Presidente compareceu ao Congresso, para ler a mensagem em que pede $400 milhões para auxílio econômico e técnico, bem como armamentos para os dois países, isto é, Grécia e Turquia. Êste pedido já estava sendo esperado. O que impressionou foram a firmeza e a franqueza da linguagem presidencial, como também a amplitude por êle dada à política anunciada — uma política de ajuda às nações livres em todo o mundo, "contra movimentos opressivos que procuram impor regimes totalitários".

Apresentação parcial de Truman. Byrnes acha que os russos são tenazes e inflexíveis e que não se assustam.

10. PRIMAVERA AGOURENTA

ENTRE as notas no diário de Forrestal se encontra uma em que êle nos faz uma apresentação parcial do Presidente Truman e que é interessante:

20 de dezembro de 1946 — O Presidente

ONTEM o Presidente jantou com Byrnes, secretário do Estado, Averell Harriman e outros. Antes do jantar mostrei-lhe um exemplar do livro "A Nova República" e disse-lhe que o daria no Natal, a Jimmy Byrnes. No referido livro havia uma caricatura do Senador Taft, juntamente com um retrato do pai. O Presidente ao ver a caricatura não pôde deixar de rir, mas depois disse que aquilo era uma pilhéria de mau gôsto, pois tratava-se de um ex-Presidente e que já estava morto.

Citei o fato porque veio reforçar a impressão que tenho do tradicionalismo do Presidente e a importância que êle dá à dignidade do govêrno. As referências que êle fêz, hoje de manhã à Comissão de Serviço Militar Universal, revelam novamente seus sentimentos acrescidos de uma dedicação sincera e profunda ao govêrno e ao povo americano.

OS RUSSOS NÃO SE ASSUSTAM

E' interessante outra nota de Byrnes, depois que deixou o Departamento do Estado:

30 de abril de 1947 — S. Excia. James Byrnes

JAMES BYRNES chegou hoje de manhã e, em conversa a respeito dos russos, disse que "êles são tenazes, inflexíveis e que não se assustam". Lembrei-lhe a conversação que tivemos, há dois anos, quando êle me censurou por causa do meu extremismo contra os russos, quando lhe disse que êle estava muito enganado, alimentando a ilusão de que poderia conversar com os russos da mesma maneira que conversava com a oposição republicana no Senado. Na ocasião, disse-lhe também que quando êle falou, usando talvez uma linguagem na terceira dimensão, os russos falaram na quarta e não havia escada de uma para a outra.



O Tte. Gen. A.C. Wedemeyer, cmte. geral das fôrças na guerra da China, e o Chefe do E. Maior de Chiang Kai-Shek, presidem a uma conferência entre oficiais norte-americanos e chineses, em Chungking, a 22-6-45.

Byrnes declarou que o sistema russo é pregado com grande ênfase nas escolas e quartéis. Referiu-se também a um incidente divertido, ocorrido na última reunião em Moscou, quando êle se viu isolado de Connally, de Vandenberg e dos auxiliares que o acompanhavam. O motivo disto é que, para a mentalidade russa, os senadores são de ordem inferior. Connally e Vandenberg não gostaram absolutamente da brincadeira.

Na primavera de 1947 o plano de auxílio greco-turco parecia prometedor, mas não trouxe solução alguma para os outros problemas.

25 de abril de 1947 — Almôço no Pentágono

NO almôço realizado hoje no Edifício Pentágono, tomaram parte Judge Patterson, o Almirante Nimitz e os Generais Eisenhower e Epaatz... Nesta ocasião os Departamentos da Marinha estavam instalados no Edifício da Marinha, em Potomac Park.

Patterson era o Secretário da Guerra e protestou contra o gasto de reservas militares com tropas de ocupação, principalmente na Coréia. O fato de o país ser obrigado a manter a ocupação na Coréia, além de ser um escoadouro infindável dos nossos recursos, é também uma fonte de reclamações por parte dos pais dos rapazes que lá se encontram, que se julgam infelizes, descontentes e agastados...

Eisenhower, expondo sua abalizada opinião, disse que os Russos não precipitarão uma guerra antes de cinco anos, quer seja por estupidez ou por desatino, continuando, entretanto, na exportação da sua manufatura, que é um combinado de caos, anarquia e confusão. Os russos, continuou Eisenhower, não se preocupam com o número de vidas perdidas entre o seu povo, durante a guerra nunca cuidaram do número de mortos ou de desaparecidos, não havendo nos exércitos russos registro pessoal. Os campos minados eram limpos por sêres humanos e não por meio de aparelhos mecânicos. Em suma, na marcha da guerra predominava a mais positiva e cruel desconsideração pela vida dos soldados.

O secretário Marshall estêve na conferência de Moscou e três dias depois, num almôço do Gabinete, narrou a entrevista que teve com Stalin.

28 de abril de 1947 — Almôço do Gabinete

MARSHALL leu para Stalin uma longa lista de propostas e comunicações dirigidas aos russos e que continuavam sem respostas. Disse que esta conduta, além de incorrer na falta de elementar cortesia, era ainda agravada por verdadeira atitude de menosprêzo e que, se a intenção russa era captar a nossa má vontade, êles estavam seguindo o bom caminho. Quanto à lista lida por Marshall, Stalin disse apenas que era "relaxamento do govêrno" e em seguida referiu-se a um pedido de empréstimo que fizera aos Estados Unidos há dois anos e que até ao momento continuava aguardando resposta. Diante desta conjetura, Bedell Smith tomou a palavra para dizer que há um ano foi enviada a resposta, havendo apenas a demora de um ano...

UNIFICAÇÃO DAS FÔRÇAS ARMADAS

FORRESTAL, desde que terminou a guerra, vem tentando encontrar uma solução para uma reorganização em regra das Fôrças Armadas. Em Janeiro de 1947 foi afinal por êle conseguida a aprovação do Presidente, juntamente com a do Exército, a da Marinha e a da Fôrça Aérea, para que se fizesse uma unificação apenas coordenada em lugar de centralizada. O Congresso recebeu o projeto na primavera e houve receio de que o Exército começasse a insistir na idéia de um comando único, pondo assim em perigo a posição da Marinha. Em abril, Forrestal conversou sôbre êste assunto com o Senador Millard E. Tydings de Maryland.

16 de abril de 1947 — O Senador Tydings

EU disse que me sentia um tanto ofendido com a possibilidade de uma intransigência por parte do Exército no que diz respeito ao conceito de uma cadeia de comandos, pois, como é sabido, durante a guerra não partiu dêles uma só ordem para MacArthur e agora muito menos. Eu disse tudo o que pensava sôbre o referido projeto e que, se os civis nomeados para os diversos cargos não trabalhassem na melhor harmonia, a execução do projeto redundaria numa trapalhada. E fiz ver ainda que caso se tratasse de oficiais o resultado seria idêntico. Contei a dificuldade que tive com a asserção irresoluta do Exército dizendo que bastava uma portaria ou uma ordem para se obter disciplina, quando na realidade eu vi muito pouca dentro do próprio exército. A cooperação e a harmonia estão constantemente se esforçando, da mesma maneira que a imaginação, a fim de evitar as cousas que podem criar conflitos.

E's uma excelente prova da filosofia de Forrestal com relação ao problema da unificação e da administração como um só todo. Mas, enquanto se cuidava dêstes problemas internos, a situação mundial tornava-se cada vez mais sombria.

23 de junho de 1947 — Almôço do Gabinete

ANTES de nos retirarmos, pedi permissão ao presidente para fazer-lhe uma pergunta que na Quinta-feira passada tinha feito ao Secretário do Estado: — Que fará o país, política e militarmente, se nos defrontarmos no verão com uma manobra russa acompanhada de agitações na França e na Itália? O Presidente respondeu que teríamos de enfrentar a situação e disse que, pouco antes do almôço, êle e Marshall estiveram trocando idéias sôbre isto. Acrescentou ainda o Presidente que a resposta encontrava-se na História quando fala das lutas entre Romanos e Cartagineses, entre Atenas e Sparta, entre Alexandre o Grande e os Persas, entre a França e a Inglaterra e entre a Inglaterra e a Alemanha. Êle tinha esperança de que a situação do momento não seja resolvida da mesma maneira.

O próximo artigo "O Primeiro Secretário da Defesa".

HÁ MEIO SÉCULO

19-X-1901



SANTOS DUMONT contornava a TORRE EIFFEL, dando ao mundo o dominio do espaço.

HÁ UM QUARTO DE SÉCULO

1927



Inaugurava a "CRUZEIRO DO SUL" suas primeiras linhas, dando ao BRASIL o mais poderoso instrumento de sua prosperidade.



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL LTDA.

Informações:
- Av. Rio Branco, 128 -- Tel. 42-6060
- Av. Nilo Peçanha, 26 A - Tel 32-4177

O PREÇO DE UM CRIME













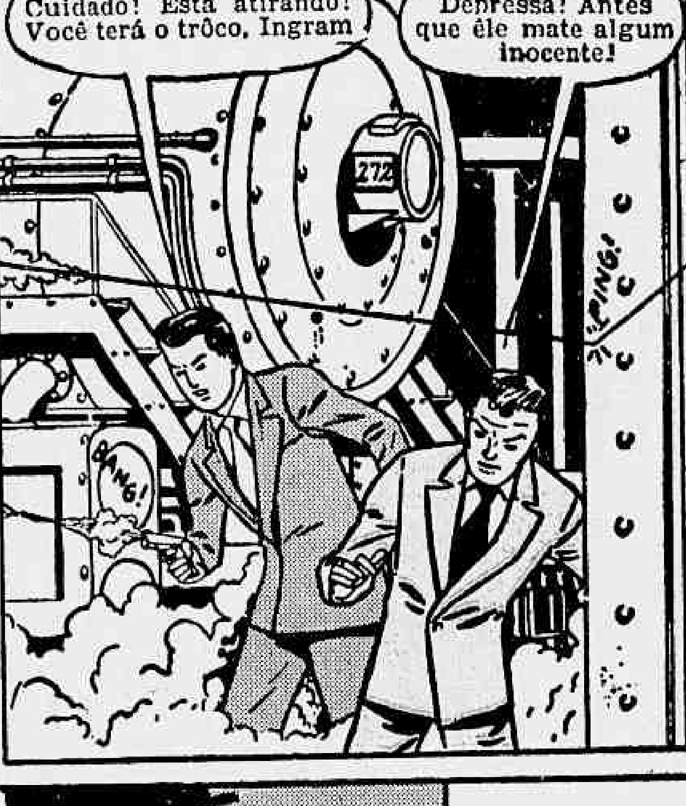






















ELEGANTES



PARA mocinhas, aqui está uma alegre coleção de modelos, que embora esportivos, nem por isso deixam de ser bastante elegantes. Em todos êles a simplicidade das linhas faz-se notar, tornando-os mais accessíveis e de execução bastante fáceis. Empregue tecidos leves, dando preferência às côres lisas, porém bastante vivas, para que melhor se adaptem aos dias quentes e claros a que se destinam.





MÁSCARAS

TERÇA-FEIRA. Carnaval. Transpirava perfume a cidade frenética. Imersas em confete e serpentina, as ruas comprimiam multidões.

Marisa dissera-se farta do barulho e, de manhã, pedira-lhe que a deixasse ir à casa da mãe. Visita igual às outras. Voltaria na manhã das Cinzas. Acedera. Por que não? Como sempre, Simão não planejara passeio algum, nem se dispunha a levá-la a bailes. Abominava o Carnaval, raramente dançava. Ainda que não houvesse trabalho, não a acompanharia. Porque era um ilhado.

Estava a concluir o curso de engenharia quando conheceu Marisa. E como vivesse arredio do convívio feminino e aquela jovem, insinuante e bela, tanto o inquirisse a respeito de seus planos, tardiamente despertou. Amava. E encontrava no sorriso frouxo de Marisa mais alento para esquecer contingências tristes da vida. Sabia que ela havia amado outros, tinha sido noiva, alvoroçava-se por um baile e um namorisco.

— Sei muito bem. Mas acho que a felicidade não consiste nisso, ponderara.

— Eu estou mesmo cansada de tudo, foi a resposta.

Casaram meses após a formatura e a conquista de emprêgo rendoso. Em ano e meio de vida conjugal, um mútuo entendimento proporcionava-lhe felicidade calma. Fácil encontrá-los em casa: Simão fazendo cálculos e projetos; Marisa lendo, recostada no divã, junto ao rádio, ou a cuidar dos misteres domésticos de que a criada não se desincumbia.

. . . .

Vida feliz. Simão fechou a porta e desceu pela Avenida S. João. Dissera a Marisa que não sairia à noite. E agora sorria: enganara-se, mentira-lhe. O trabalho intenso o fatigara. Sentiu necessidade de música, distração. A voz da cidade, cantando, gingando, penetrou a sala de trabalho, chamou-o para compartilhar os estertores da orgia.

Noite avançando. Na Avenida desembocam foliões e espectadores, num afluxo contínuo. Homens vestidos de mulher, bamboleando o corpo em imitações ridículas, espalham-se por entre bandos desordenados, aqui e ali.

Em paralamas de automóveis que deslisam sem pressa, prostitutas de saiotes esvoaçantes e blusas minúsculas aspergem a noite com perfume. Cantam e há tédio e desespêro em suas vozes cansadas. Flutuam no ar estandartes multicores. De aspaço a espaço, avança uma escola de samba. Espectadores, então, recuam de um lado e outro. A baliza, azul e branco, rodopia em tôrno de dedos exímios, arremessa-se para o alto. Cai. Acolhem-no os dedos que continuam a esgrimi-la.

Abrindo alas, mulatas ágeis patenteiam fôlego e destreza. Esmeram-se em passos ligeiros. Quedas de joelhos. Saltos com as pernas têsas em ângulo. Corridas como que sôbre brasas. Paradas súbitas. Carnes trementes parecendo desprender-se dos ossos. Pernas a girar em pés fincados querendo perfurar o solo. Cambalhotas inesperadas. Dentes brancos brilhaindo em bôcas escancaradas. Um apito, de repente, estrangula sons e movimentos. Suspenso. Outro, a seguir, ressuscita-os. Diante do automóvel que esgueira entre a populaça, o mulato mais ágil se joga de joelhos. Acompanhando a cadência da batucada, seus braços avançam e recuam em flexões isócronas. As pernas escrevem letras no espaço. O corpo é feito de molas comprimidas, sempre aptas a um gesto inédito, geométrico. Braços se retesam, ondulam, fecham-se.

A batucada prossegue. Atrás do porta-estandarte, ao som de pandeiros e chocalhos, pés serpeiam pelo asfalto, ancas golpeiam o ar, corpos rodam, incansáveis, bagas de suor escorrem de testas escuras por rostos que não usam máscaras.

"Passou o tempo das máscaras", pensa Simão.

Simão admira aquêles que foram adeptos do Carnaval e conseguiram desvencilhar-se do hábito. Marisa... não, Marisa não serve de exemplo. Marisa fôra sociável, gostara de galanteios sem conseqüência. Encontrara em Simão a fronteira dos prazeres antigos e adaptara-se à nova vida. "Estou cansada de tudo", dissera. Todavia, no início, ela, que gostava de exibir-se, tentara arrastar o marido. Simão, lentamente, convenceu-a do tédio que sobreviria a um baile ou festa na alta roda. Inpingiu-lhe livros sôbre o "Bem Viver" e ela os leu, interessada mas descrente. Aos poucos se foi contentando com ir ao cinema de quando em quando e as visitas quinzenais à mãe, no bairro do Ypiranga. Ah!... as visitas quinzenais... Marisa se aprestava jovial, atulhava a bôlsa com objetos de toalete, rejuvenescia. Êle a deixava ir só — sábado sim, sábado não — para voltar na segunda-feira.

. . . .

Passou num bar, pediu conhaque, bebeu. Pediu mais, tornou a beber, saiu. Tão extravagante era beber! Naquela noite tudo

(Cont. na pág. 46)

Conto de ELIAS MIGUEL RAIDE ★ Ilustração de GIL RIBEIRO



MODAS

DETALHES ORIGINAIS

UM vestido, por mais elegante e moderno que seja, não estará completo se não apresentar em seu conjunto um toque qualquer de originalidade. Os pequenos detalhes, tornam quase sempre, o modêlo mais atraente, distinguindo-o dos demais. Êstes cinco detalhes apresentados, constituem, sem dúvida, o que de mais moderno poderá exigir a elegância feminina.

Para uma pianista

ELA é suave e clara e leve e musical, tem um ar de "bergère", vem de um "Concêrto Real" de Couperin, talvez... As mãos harmoniosas, sôbre o teclado, são duas pétalas de rosas, cujo perfume é som, beleza, encantamento; música — "food of love" — que, momento a momento, nos traz um sonho novo, um êxtase, a emoção que, inesperada e grave, agita o coração...

Ela toca — e é o prodígio. E' como se ela fôsse a essência musical, como se a pura e doce harmonia viesse ou da luz dêsse olhar — que é lindo e misterioso e verde como o mar — ou, então, do sorriso alígero, impreciso — que lhe floriu na bôca e é um beijo num sorriso... Como se viesse dela, de seu ser musical, criatura de poesia, exul, imaterial — raio branco do luar de Debussy ou flama do "Amor Brujo", de Falla — a flama de quem ama... Diáfana gôta dágua a recordar Chopin... Estampa de Mompoo: "Jeune fille au Jardin" — de um jardim encantado a que nos leva, em que a vida transfigura, a nos tocar Fauré...

Um jardim encantado, onde ela é, com certeza, tôda feita de sons, de graça e de beleza, a imagem singular daquelas sedutoras amadas imortais, grandes inspiradoras — a Giucciardi, a Wodzinsk — Julieta ou Maria, criaturas de amor, de sonho e fantasia que deixaram na pauta uma nota de dor ou um sorriso de luz, um acorde maior...

Ela é suave e clara e leve e musical. ***LYSE***











VARIAÇÕES DA MODA



A necessidade sempre presente de uma renovação do vestuário feminino, exige dos figurinistas uma variedade constante de idéias nos modelos apresentados. Os mais diversos e originais feitios, concorrem para estas variações que constituem, sem dúvida, a preocupação máxima de tôda mulher elegante. Nestas duas páginas vocês poderão encontrar algumas sugestões bastante elegantes e também bem sugestivas.





MATERIAL GRÁFICO
VENDE-SE

MÁQUINA IMPRESSORA

Marca WALTER SCOTT, formato 4 B, com motor General Eletric de 5 HP, dupla rotação, alimentador manual e equipada com 1 chave de fenda, 1 macete, 2 escovas, 1 chave de cunhos, 16 cunhos, 3 ramas, 3 chaves de caixa, 6 chaves de pino, 1 lingueta do batente e 11 quilos de guarnição de ferro.

GUILHOTINAS

Marca AUGUSTA com 1 metro de bôca, formato 66x 96 cms., com motor Westinghouse de 1 HP e controle elétrico autônomo.

Marca MARRIL & SONS com 1 metro e 49 cms. de bôca, 2 metros e 38 cms. de mesa, fita métrica de precisão, instalação elétrica com caixa blindada, mecanismo de proteção para o operador e motor MEECH de 3 HP.

Quatro cavaletes com as respectivas caixas e corrediças de ferro.

CORTADOR

Um cortador de entrelinhas com chanfrador combinado.

BANHEIRAS

Quatro de pedra sabão para ácidos.

FUNDIDORA MONOTYPE

Equipada para fundir tipos, fios, entrelinhas, vinhetas e tarjas. Equipamento: 1 bomba sobressalente, 1 molde para fundir tipos de corpo 18 a 24, 1 molde para fundir tipos de corpo 30 a 36, 1 molde para fundir fios de fantazia corpo 6 com matrizes diferentes. 5 matrizes para fios de corpo 5: liso, finos, duplos, meio prêto, prêto e quadrado. 6 matrizes para fios corpo 3: finos, duplos, meio prêto e prêto. 1 molde corpo 2, 1 molde corpo 3, 1 molde corpo 6 para fundir entrelinhas e fios. 11 lâminas para moldes de entrelinhas e fios, correspondentes a cada corpo. 64 matrizes para vinhetas e tarjas. 71 matrizes de corpo 14, 18, 24, 30, 36 e 40 pontos.

Propostas e informações com o sr. WENCESLAU — CIA. EDITÔRA AMERICANA — Tel.: 22-8647 — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO.





GALANTINE DE GALINHA

Limpa-se, parte-se pelas juntas uma galinha, cozinhando-se em água com sal, cheiros verdes, dois ou três cravos da Índia, um alho porró, e duas cenouras inteiras. Estando tudo cozido, retiram-se a galinha e as cenouras e côa-se o caldo. A galinha cozida aproveita-se para croquetes ou para um outro prato qualquer, menos o peito, que se pica em pedacinhos, reservando-se. Picam-se também as cenouras em estrelinhas ou em cubos e reserva-se o caldo coado, juntam-se um cálice de vinho branco e o sumo de uma laranja, prova-se se está bom de sal e côa-se de novo em um guardanapo molhado. Mede-se depois êsse caldo e para cada xícara obtida põem-se duas fôlhas de gelatina branca, leva-se o caldo de novo ao fogo com uma clara de ôvo batida em neve, faz-se ferver, côa-se outra vez e deixa-se esfriar. Toma-se, então, um prato fundo de vidro liso, ligeiramente untado de azeite, e dispõem-se no seu fundo pedacinhos de picles, outros de presunto, outros de língua cozida e outros do peito da galinha que foi guardado. Cobre-se tudo com o môlho de gelatina e leva-se à geladeira para gelar. Se não se quiser usar um prato grande de vidro, pode-se usar forminhas Pirex ou mesmo de alumínio. A gelatina fica muito melhor quando feita de véspera. No momento de servir, vira-se a fôrma com muito cuidado sôbre uma travessa forrada de fôlhas de alface.

RIM EM PALITOS

Limpa-se o rim de todo o sebo, deixa-se de môlho por algum tempo e depois corta-se em pedacinhos, temperando-se com sal e alho, pimenta-do-reino e um pouco de caldo de limão ou vinagre. Pica-se também em pedacinhos um pouco de toucinho fresco ou defumado e enfiam-se em palitos, alternadamente, um pedacinho de rim, outro de toucinho, até encher todo o palito. Levam-se os palitos assim preparados a refogar em gordura quente até tomar côr. Junta-se cebola em rodelas, uns tomates, pinga-se água, deixando-se ferver por uns minutos para que o môlho engrosse. O rim assim feito, serve-se quente.



COROA DE LEGUMES

Cozinhe em água, sal e 1 colher de açúcar, vagens, cenouras e batatas-doce. Depois escorra, corte tudo em pedacinhos de 1 cm, junte 1 lata de "petits-pois" e 1 colher de manteiga e despeje numa fôrma em forma de coroa, grande, bem untada de manteiga e polvilhada de pó de pão. Bata uns 3 ou 4 ovos, as claras em neve, despeje sôbre os legumes e leve a assar no forno. Pronto, desenforme num prato redondo e encha o centro com vitela ensopada ou outro qualquer ensopado.



LIGA DE ÔVO

Desmancham-se 2 gemas em uma xícara de môlho. Depois de bem misturadas, junta-se o resto do môlho e leva-se ao fogo sem deixar ferver.

MASSA DELICIOSA PARA EMPADINHAS

Misturam-se muito bem num alguidar 500 gr de farinha de trigo, 200 gr de gordura, sal à gôsto e 200 gr de manteiga e vai-se amassando tudo com gemas de ovos até que a massa tome uma boa consistência, podendo-se abrir na palma da mão.

TARTELETES DE CAMARÃO OU GALINHA

Fazem-se as tarteletes e depois de prontas, enche-se com um recheio de camarões ou de galinhas. Depois de cheias as tarteletes, enfeita-se em cima com môlho de maionese (no caso do recheio ser frio) ou com Kentchup (no caso de se usar o recheio quente), servindo-se imediatamente.

AMERICAN GROG

½ colher de açúcar, 1/2 colher de rum, ½ colher de conhaque, 1 rodela de limão com casca, 2 cravos, acabe de encher a xícara com água fervendo.

NA COZINHA

PUDIM DE CASTANHAS

1 kg de castanhas descascadas, 100 gr de açúcar, 100 gr de manteiga, 5 ovos.

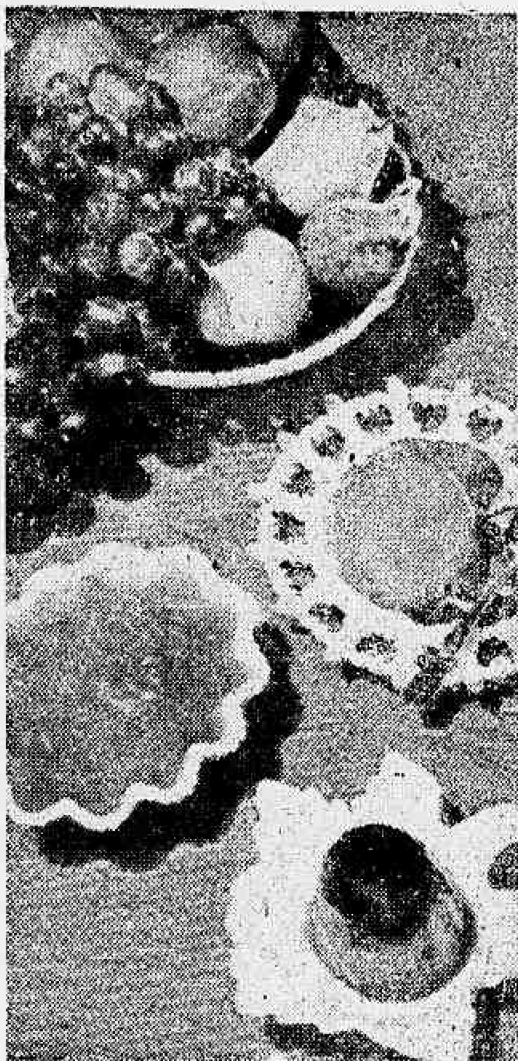
Deitam-se as castanhas durante alguns minutos em água fervente até sair a película. Servem-se com um pouco de açúcar até amolecerem, passam-se pela peneira ou pela máquina, misturam-se com manteiga e açúcar, põem-se no fogo e mexem-se até secar.

Mistura-se êsse mingau com as gemas, juntam-se as claras batidas, põe-se em uma fôrma untada e cozinha-se em banho-maria quase 2 horas. Serve-se com môlho de baunilha ou de chocolate.

STRUDEL DE NOZES

125 gr de nozes picadas, 125 gramas de pinhões cozidos e picados, 100 gr de abricós secos, 1 ponta-de-faca de gengibre ou canela em pó, 2 colheres-de-sopa de farinha de pão embebida em nata, 2 a 3 colheres-de-sopa de mel, 1 ôvo, um pouco de sal e massa de strudel.

Misturam-se as nozes e os pinhões com os abricós bem picados, com o gengibre e o mel. Junta-se, então, o sal, espalha-se esta massa sôbre a massa de strudel estendida, enrola-se esta, põe-se em assadeira untada, em feitio de caracol, rega-se com manteiga e assa-se durante 20 a 30 minutos. Serve-se com calda de frutas.



CREME DE VINHO

Tome 6 gemas, 6 colheres de açúcar e 2 cálices de vinho do Pôrto. Bata bem as gemas com o açúcar como para gemada, e quase na hora de servir leve ao fogo em banho-maria, mexendo sempre e vá juntando o vinho. Deve ficar um creme espêsso. Sirva quente sôbre fatias de bôlo de pão-de-ló ou de biscoitos palitos.

MANJAR DOS ANJOS



Ponha de môlho, em ½ xícara de água fria, oito fôlhas de gelatina. Depois dissolva em três xícaras de leite fervendo, junte açúcar à vontade, baunilha, três gemas e leve ao fogo sem deixar ferver. Retire do fogo e depois de frio junte uma dez gramas de passas sem caroços, cem gramas de nozes picadas, cem de cerejas cristalizadas partidas ao meio, e 250 gr de creme de leiteria batido. Misture, deite numa fôrma forrada com açúcar queimado e guarde na geladeira. Desenforme na hora de servir.

TORTA DE GÊNOVA

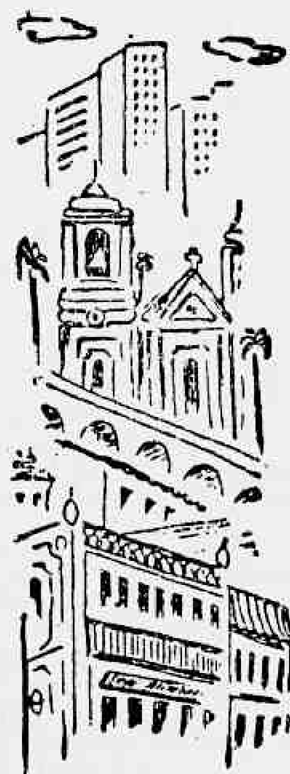
250 gr de açúcar, 220 gr de manteiga, 250 gr de amêndoas raladas, 3 colheres-de-sopa de água, 6 ovos, 65 gr de cidra e laranja cristalizadas, picadinhas, 10 gr de canela, um pouco de cravo em pó, 125 gr de farinha de trigo e 2 colheres-de-chá de fermento em pó. Bate-se como creme a manteiga e o açúcar, juntam-se as amêndoas, as gemas, a água e os outros ingredientes, a farinha e o fermento peneirados e as claras bem batidas. Enche-se com essa massa uma fôrma bem untada e forrada com farinha e o fermento peneirados e as claras bem batidas. Enche-se com essa massa uma fôrma bem untada e forrada com farinha de pão e leva-se ao forno médio. Quando fria, cobre-se com glacé de limão e enfeita-se com frutas.

CASA PEDRO



Curioso jôgo (sapatos e bôlsa) em pelica branca com vermelho e prêto. Sensacional criação para o verão de 51 da CASA PEDRO URUGUAIANA, 11 — 1.º andar — Rio.
Para o interior sòmente contra cheque ou vale postal. Peçam catálogo.

O Sr. já viajou à BAHIA pela Nacional?



É o caminho mais curto... mais cômodo... mais confortável para a sua viagem

RIO - SALVADOR

via G. Valadares e Ilhéus

Visite a Bahia servindo-se da nova linha da Nacional. Três vezes por semana, às segundas, quartas e sextas-feiras, às 10 horas.

Reservas e informações:
Rua Santa Luzia, 685-B - Tels. 32-7399 e 32-6119

Nacional
TRANSPORTES AÉREOS

NA BÔCA DO LÔBO

NA repartição dos correios da cidade Gary, Indiana, o inspetor postal Gruber é assassinado por Regas, capanga a serviço do perigoso Earl Boettinger, indivíduo que é gerente de um hotel e chefe de uma quadrilha de malfeitores. Boettiger está planejando um grande roubo de valores postais e não querendo que a cidade de Cary seja invadida pelos agentes federais, dá ordem a Regas e outro capanga, Soderquist, para que levem o cadáver de Gruber para La Porte.

O morto é colocado num carro, que é deixado abandonado num beco. No trajeto, êles são vistos por uma freira, a Irmã Augustine, que se apressa em comunicar o fato à polícia. Examinando várias fotografias que lhe apresentam, a Irmã Augustine reconhece a de Joe Regas. Diligências são feitas e o cadáver é encontrado, mas os bandidos já haviam fugido.

O inspetor-postal Al Goddârd, frio, decidido e implacável, quando realiza caçadas humanas, recebe do inspetor-chefe Ahearn, a incumbência de elucidar o caso. Êle vem a descobrir que Paul Ferrar, motorista do correio, recusou um aumento de 500 dólares para continuar no seu caminhão. Goddard vê, aí, um roubo postal em formação. Sem perda de tempo, êle vai ao encontro da Irmã Augustine, que já havia voltado para o seu convento, em Fort Wayne. Sendo ela a principal testemunha, é



CINE NOVELA





a única pessoa capaz de identificar um dos homens que transportavam o cadáver, ou seja Soderquist. A bondosa e prestativa freira reconhece o capanga numa fotografia e presta-se a ir a Gary, em companhia de Goddard, para depor no inquérito.

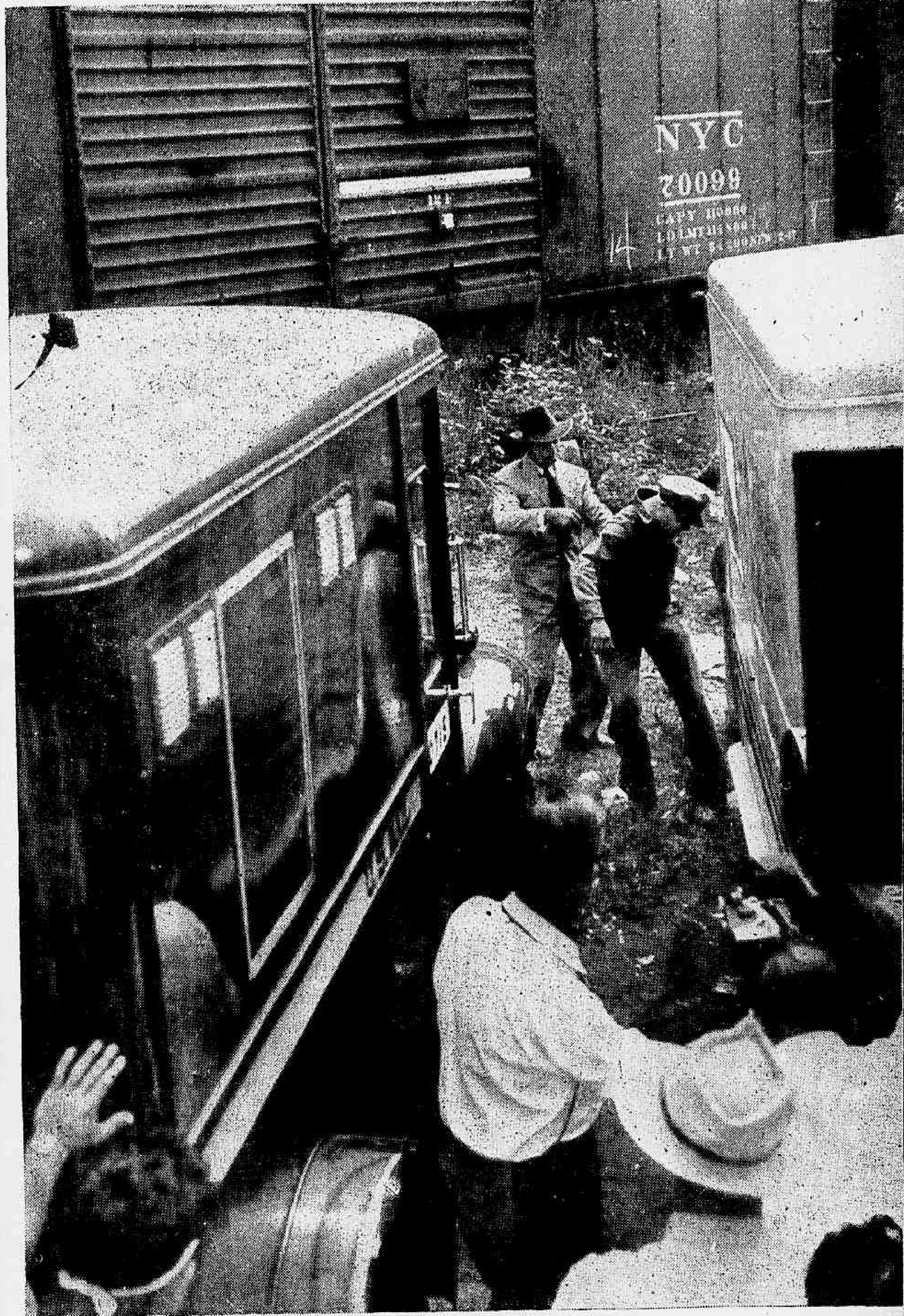
Antes, porém, que o assassino possa cair nas mãos da polícia, é mandado para bem longe por determinação de Boettiger e lá assassinado por Regas, que afasta assim a hipótese de uma possível confissão na polícia. Regas passa a ter como única preocupação a Irmã Augustine, que êle sabe ter chegado à cidade de Gary. Seu desejo é matá-la antes do seu provável reconhecimento, mas acontece que Boettiger dera instruções para evitar novos crimes.

Perambulando pelo convento de San Michael, onde a freira se acha hospedada, Regas prepara um «acidente» que não chega a atingir o seu objetivo. Numa conversa com Goddard, a Irmã Augustine, serenamente, assegura-lhe de que êle nada deve temer, pois conta ela com a proteção do seu anjo da guarda.

Goddard e Ahearn reunem provas de que Ferrar, funcionário postal que transporta as malas, mantém ligações com o grupo que matou Gruber. Impacientando-se com a demora das providências, God-







dard consegue convencer Ferrar à levá-lo à presença de Boettiger. Junto ao «gangster», está sua amiga, a loura Dodie La Verne. Com a sua calma peculiar e seu olhar decidido, Goddard diz a Boettiger que está muito necessitado de dinheiro e está pronto não só a fechar os olhos, como até a cooperar no roubo da mala do correio, que êle e Ahearn tinham em mente levar a efeito. Apenas o que êle quer é a quantia de 25.000 dólares.

Boettiger acredita nos planos de Goddard e concorda em revelar-lhe os seus, quanto ao golpe. O mesmo já não acontece com Regas e Ferrar, que suspeitam do rapaz e por pouco não o pegam numa armadilha. Goddard sabe que sua vida não valerá um níquel se os bandidos souberem suas intenções. Mas, está disposto a correr o risco e continuar fornecendo a Ahearn detalhes dos planos da quadrilha. Neste meio tempo, Dodie, a amiga de Boettiger, descobre a verdadeira identidade de Goddard, mas, ao invés de tudo revelar ao **amante, foge.**

Ferrar surpreende Goddard no local onde a polícia encontrara o corpo de Soderquist, mas, antes que pudesse comunicar alguma cousa a Boettiger, morre ao ser atingido por um tiro dado pelo inspetor postal.

Chega o dia do grande roubo. Uma vultosa quantia será baldeada de um trem para outro, na estação de Cary. Goddard já havia enviado instruções a Ahearn a respeito do ponto de concentração da quadrilha, entretanto, à última hora, Boettiger decidiu mudá-lo. Sucede, porém, que Ahearn, homem precavido e fino, concentrara policiais em todo o distrito.

Enquanto isto, Regas rapta a Irmã Augustine e leva-a para o local da concentração, com o intuito de matá-la, evitando assim sua possível identificação. Mas, Goddard chega a tempo de salvá-la, embora com risco da própria vida. Na excitação do momento, a Irmã Augustine chama Goddard de «inspetor», e Boettiger descobre tôda a trama. Trava-se uma renhida batalha, na qual resulta sair morto o bandido Regar. A polícia intervindo, pronta e eficazmente, mata Boettiger e seus asseclas. O dinheiro é recuperado, encerrando-se, assim, a ação dinâmica dos denodados inspetores postais contra os inimigos da lei!

(Appoiment with Danger)

ELENCO:

Al Goddard	ALAN LADD
Irmã Augustine	PHYLLIS CALVERT
Dodie La Verne	JAN STERLING
Earl Boettiger	PAUL STEWART
Joe Regas	JACK WEBB
Paul Ferrar	STACY HARRIS
George Soderquist ..	HENRY MORGAN
David Goodman	DAVID WOLFE
Mrs. Ambrose	GERALDINE WALL
Maury Ahearn	DAN RISS
Taylor	HARRY ANTRIM
Gene Gunner	PAUL LEES
Leo Gronin	GEORGE J. LEWIS

Argumento de Richard Brenn e Warren **Duff ★ Fundo musical de** Victor Young **★ Produzido por Robert** Fellows **★** Direção de **Lewis** Allen.

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa .	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

(DEDICADO AS COMEMORAÇÕES A SANTOS DUMONT)

1 — A QUEM DEVEMOS AS PRIMEIRAS TENTATIVAS DE APROVEITAMENTO DA AERONAUTICA A SERVIÇO DO EXÉRCITO:

Ao Marechal Hermes?
A Afonso Pena?
A Artur Bernardes?

2 — EM QUE ANO FOI INAUGURADA A ESCOLA DE AVIAÇAO NO CAMPO DOS AFONSOS:

1928?
1919?
1912?

3 — EM QUAL DESTAS GUERRAS CIVIS SE EMPREGOU, PELA PRIMEIRA VEZ O AVIÃO A SERVIÇO BÉLICO:

No Contestado?
Na revolução de 1930?
Na revolta da Armada?

4 — QUAL A PRIMEIRA MULHER EM TÔDA A AMÉRICA DO SUL QUE RECEBEU «BREVET» DE AVIADORA COMERCIAL:

Ada Rogato?
Anésia Pinheiro Machado?
Lúcia de Castro?

5 — SÔBRE QUE IGREJA, NO BRASIL, CAIU A AERONAUTA MARIA AIDA, COM SEU BALÃO, EM 1909:

Candelária?
A catedral de Curitiba?
A de São Paulo?

6 — QUEM REALIZOU, PELA PRIMEIRA VEZ, O RAIDE AÉREO RIO-BUENOS AIRES:

Santos Dumont?
Bleriot?
Edu Chaves?

7 — QUEM, NO BRASIL, REALIZOU, PELA PRIMEIRA VEZ, ASCENSÃO EM BALÃO:

O gen. dr. Francisco Pinheiro Guimarães?
Bartolomeu de Gusmão?
Augusto Severo?

8 — DE QUE LUGAR LEVANTOU VÔO PLANCHUT, NO SEU RAIDE RIO-NITERÓI, EM 1911:

Do Campo dos Afonsos?
Do Morro de Santo Antônio?
Da Avenida Rio Branco?

9 — QUEM FOI A PRIMEIRA VITIMA DA AVIAÇAO BRASILEIRA:

O ten. Ricardo Kirk?
Júlio de Castilhos?
Afonso Pena?

10 — A QUEM SE DEVE A DIVISA «DÊEM ASAS AO BRASIL»

A Ruy Barbosa?
A Setembrino de Carvalho?
Ao jornalista Vitorino de Oliveira?

11 — EM QUE ANO FOI INAUGURADO O CORREIO AÉREO NACIONAL:

1915?
1931?
1928?

12 — QUEM FOI O IDEALIZADOR DO CORREIO AÉREO MILITAR:

Eduardo Gomes?
Gen. Leite de Castro?
Hermes da Fonseca?

13 — QUEM FOI O EXECUTOR DO PLANO DO CORREIO AÉREO MILITAR:

Eduardo Gomes?
Cordeiro de Faria?
Edu Chaves?

14 — QUE FOI O PIONEIRO DO CORREIO AÉREO MILITAR

Ricardo Kirk?
Cap. Muniz?
Cap. Antônio Lemos Cunha?

15 — EM QUE PARTE DO BRASIL COMEÇARAM OS TRANSPORTES AÉREOS:

No Rio?
No Rio Grande do Sul?
Em São Paulo?

(Respostas ao teste na página 50)

ADÉLIA SERÁ . . .

(Cont. da pág. 22)

— Só o tempo nos poderá responder — disse o deputado Lino Machado — e acrescentou: quem sabe se a sensatez, o equilíbrio, a conduta, enfim, do atual governante, desligado do reinado da domesticidade, poderá salvá-lo ainda de um possível naufráfio?"

*

Também êsse é o pensamento do sr. José Neiva, influente deputado maranhense, e que tem a primazia de ter lembrado o nome do sr. Eugênio de Barros para governador do seu Estado, antes de êle romper com o senador Vitorino Freire. Tudo foi feito à minha revelia — disse-nos o sr. José Neiva. A decisão do T.S.E. era irrecorrível. Agora, devemos dar tempo ao tempo e esperar pelas atitudes do governador. Talvez êle possa fazer uma boa administração.

O deputado Clodomir Teixeira Millet não quis pronunciar-se... Disse apenas que o *caso do Maranhão* o aborreceu tanto que o levou à cama.

O sr. Evandro Viana (suplente de senador) disse palavras de louvor para com Raimundo Bastos, acentuando que a rebelião maranhense, embora não tenha atingido a vitória, deixou consignado o protesto do povo contra a decisão injusta.

Em verdade, todos se estribam na decisão do T.S.E. O líder Antônio Justa, que é advogado, poeta e jornalista, e que comandou os acontecimentos na capital, disse:

— "A luta do Maranhão, principalmente na Ilha São Luis, deixou de ser uma luta política para ser um movimento de caráter social, isto porque os políticos, nos vários incidentes ocorridos, acompanhavam ou obedeciam ao povo, em vez de o povo obedecer aos politicos; tanto assim que o sr. Eugênio de Barros ofereceu Secretarias de Estado às oposições, por intermédio do general Edigardino Pinta, e estas, consultando ao povo, não as aceitou.

— Acha que o sr. Eugênio de Barros se manterá no poder? — perguntamos.

— "Sim, uma vez que aumentou o efetivo da sua policia; mas continuará enfrentando obstáculos da vontade popular que, embora não tenham armas para enfrentar as fôrças do governador, é um povo politizado e consciente de que não elegeu o sr. Eugênio de Barros. Quero com isso afirmar que a resistência moral é um fato; a tolerância para com o governador dependerá dos próprios atos dêste, que consistirão em um alijamento do Vitorino."

— No caso de novas eleições ambas as partes seriam prejudicadas, devido ao incêndio do Tribunal, não é verdade?

— "Sim. Quanto a isso não há dúvida. Mas... o incêndio do Tribunal Regional Eleitoral, do Maranhão, para nós que nos batemos pela restauração da justiça, é considerado como um feito que encerra o maior protesto contra os mercadores e abastardores da justiça. Êste feito há de por certo servir de exemplo contra a malta de magistrados venais que infestam as togas da justiça e que se colocam acima da lei para, com êsse procedimento, prejudicar a coletividade e a vida do regime. Estou certo de que, se assim não fôr entendido, muitos outros Estados da União terão que imitar o gesto do povo maranhense."

Por fim colhemos um autógrafo do senador Clodomir Cardoso, que, parodiando Vieira, disse:

— "Sou breve porque não tenho tempo de ser longo. Mas... que posso eu dizer, num resumo, sôbre o caso maranhense, senão que estou hoje, como estava ontem e como estarei amanhã, com o povo de minha terra? Quanto a êste, ninguém se iluda, em nada mudou. E como podia mudar, povo altivo e digno, se tudo continua como vinha sendo? Melhor do que eu, por êle hão de falar os fatos."

MÁSCARAS

(Cont. da pág. 38)

era inédito, opôsto ao cotidiano! Êste raciocínio que tomara para si justificava-lhe o ato de beber.

Junto ao Paisandu deteve-se. Cordões e escolas de samba desfilavam em direção do Anhangabaú. Dísticos e máscaras gigantescas emergiam da noite. A freqüência das máscaras, desusada, intrigou Simão.

"Máscaras... voltamos ao Carnaval dos velhos tempos?"

Bandos de mascarados desfilam diante dêle. Uns cantando. Silenciosos outros. De repente idéias confusas o assaltam. "Todos usam máscaras. E' a regra". Sentia-se mal, estranho a si mesmo. A cabeça zonza, rodando. A mão convulsa ergue-se à altura das faces, apalpando-as.

Entretanto, o braço de alguém, rodeando-lhe as costas, aperta-o. Simão estremece. Volta-se. O fantasiado fita-o sorridente.

— Simão velho do peito!

Não compreendia. Teve mêdo daquele rosto inesperado, inexpressivo. O fantasiado tirou o chapéu, fitou firme o rosto de Simão.

— Não me conhece mais, Simão?

Como um pássaro libertado, a voz deixou a bôca:

— Raimundo!

Abraçaram-se. Falaram dos velhos tempos. Não, Raimundo não tinha viajado para o estrangeiro, conforme pensavam muitos. Continuava em São Paulo. Não procurava os antigos colegas pois lhe doía confessar: fracasso na profissão. Uma série de êrros graves. Pudera! A boêmia em vez do estudo... Andava desnorteado à espera de uma resolução. Enquanto isso, do interior o pai mandava-lhe a mesada, boa parte da qual empregava em aventuras noturnas. E arrematou:

— Esta noite você se diverte comigo: é numa casa onde todos usam máscara, sempre, não só no Carnaval. Há um salão, muitos quartos e, principalmente, belas mulheres que gostam de entregar-se a desconhecidos.

Simão vacilou. Considerou a vida que levava, lembrou-se das ânsias abafadas de solteiro. Não é rico. Mas tem o necessário para financiar-se uma bacanal de tempo em tempo. Como não lhe ocorrera isso antes? Se é feliz, vê estagnação nessa felicidade sempre a mesma, sem depressões nem arrebatamentos, ao lado de uma mulher que se tornava dia a dia mais apática.

Raimundo insiste.

— As mulheres usam máscara e calças compridas para não se darem a conhecer... Você também levará máscara.

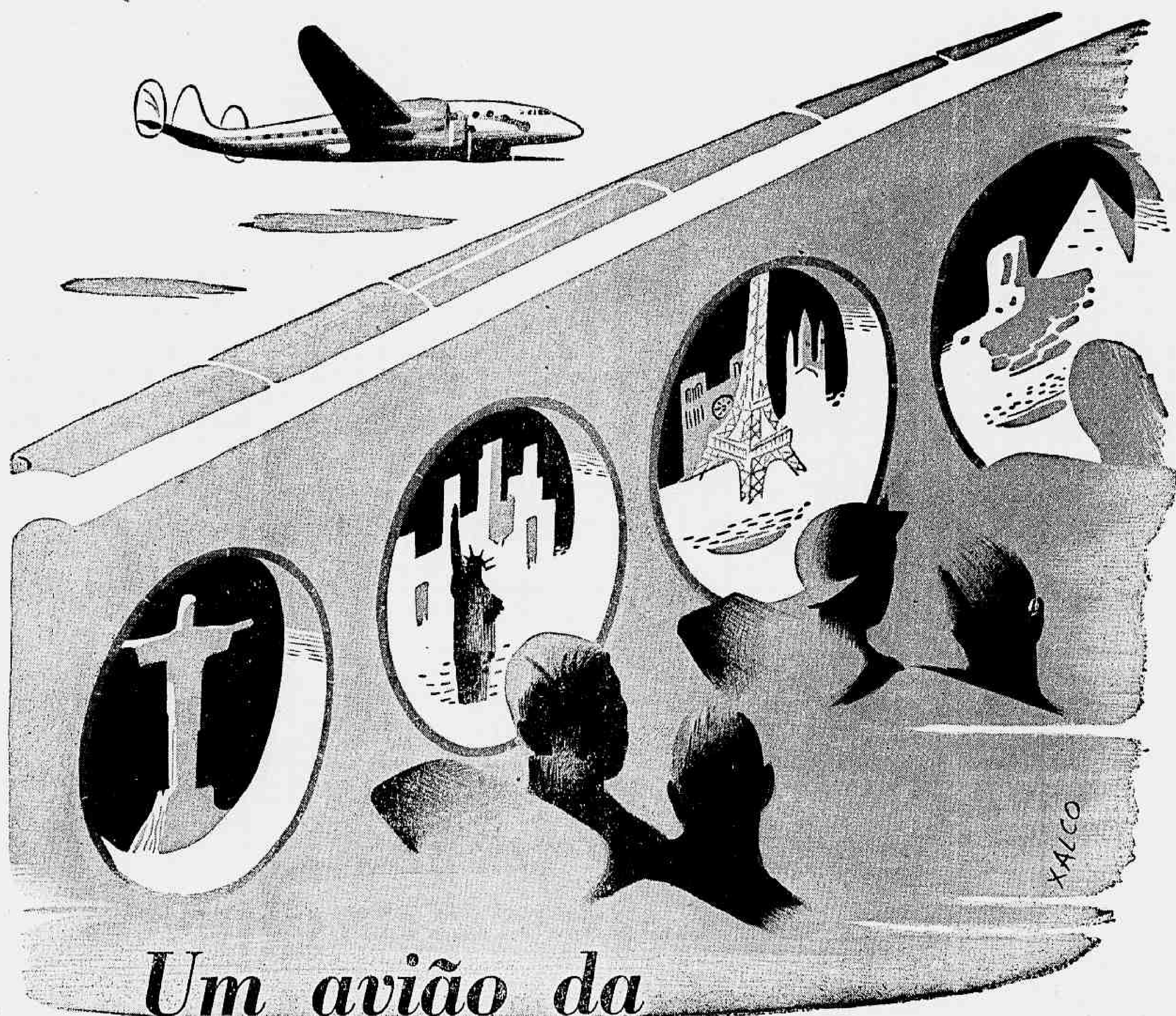
Raimundo o persuadiu com sua insistência. Emprestou a Simão uma enorme capa vermelha usada na véspera, um boné e a máscara com orifícios para os olhos, narinas e boca.

Foram, depois de sorver bons tragos de bebidas fortes no bar fronteiro.

. . . .

No salão, minutos corridos, Simão sentia-se oprimido entre a multidão de mascarados. Nenhum rosto. Nenhum rosto? O álcool ferve em suas veias, envolve-lhe o cérebro numa atmosfera baça. Corpos sensuais, bustos esplendidos, cabelos de mulher, estalidos de copos a entrechocar-se aos "vivas" e "saúdes", atitudes lúbricas de mulheres abandonadas em divãs, corpos que se colavam, máscaras nas paredes berrantes, perfu-

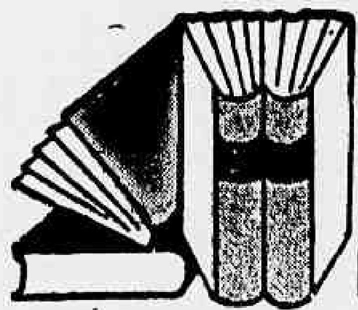
(Cont. na pág. 50)

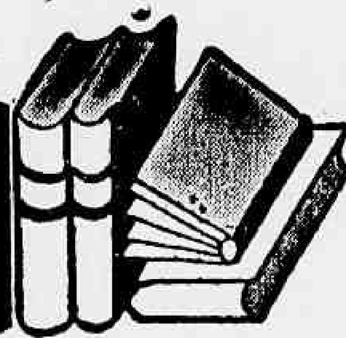


AIR FRANCE

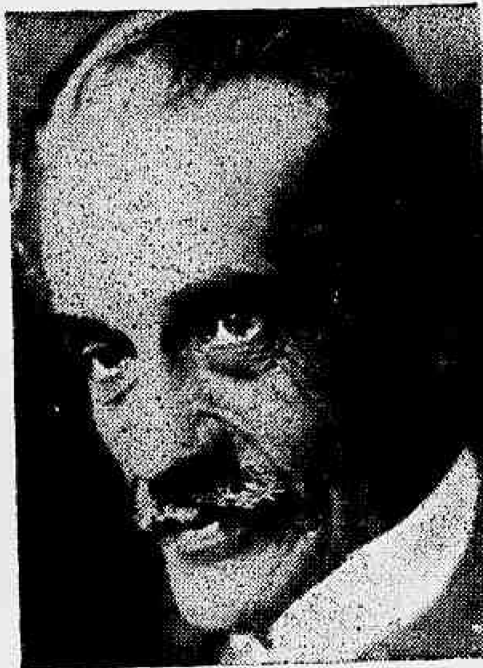
é a chave de novos horizontes...

RIO DE JANEIRO — Av. Rio Branco, 257-A - Tel. 42-8838
SÃO PAULO — Rua Líbero Badaró, 184 - Tel. 32-3902
RECIFE —— Av. Guararapes, - 210 - Tel. 7549





ÁLBUM DE FAMÍLIA



NESTOR VICTOR

NESTOR VICTOR — Transcorreu, no dia 13 de outubro, o 19.º aniversário do falecimento de Nestor Victor, que foi escritor, poeta e jornalista. Foi também professor da antiga Escola Normal do Distrito Federal, deputado estadual no Paraná e adido consular em Paris. Colaborou em inúmeras fôlhas do país, inclusive no "Correio da Manhã", no "Jornal do Comércio", no "Globo" e no "Correio Paulistano". Amigo de Cruz e Souza, de quem era compadre, encarregou-se de difundir-lhe a obra, de que fêz uma edição completa. Durante a primeira Grande Guerra, exerceu o cargo de secretário da Liga Pró-Aliados, tendo sido sua dedicação pela causa premiada com a Medalha da Ordem da Coroa e da Legião de Honra da França.

Uma das mais completas organizações de escritor em que contaram as letras brasileiras, o nome e a memória de Nestor Victor representam um culto permanente para quantos conheceram seu espírito, no seu convívio ou no convívio de sua obra. Ainda agora, quase há vinte anos de seu desaparecimento, a data de sua morte foi lembrada por tôda a parte, com o carinho que soube inspirar por sua vida eficiente e harmoniosa.

NA POEIRA DOS ARQUIVOS

★ ESTILISTA culto, que não se limita aos estudos médicos simplesmente, José Martinho da Rocha publicou excelente livro, fora do mercado, sob o título de «Introdução à História da puericultura e pediatria no Brasil», Rio, 1947. Numa das páginas, lembra o consagrado pediatra e puericultor: «... viajantes, cronistas e missionários dos séculos XVI e XVII. São todos unifórmes ao descrever o trato amoroso das índias com seus filhos. Carinhosa e vigilante, a primitiva mãe brasileira cingia sempre o filhinho ao seio, com faixa de algodão fiada por suas mãos a fim de não privá-lo ao seu desvêlo ainda quando trabalhava». Herança que, a despeito da época desmoralizada, a mulher brasileira sabe honrar.

★

★ VÃO AS CIDADES de nossa terra acompanhando os surtos de cultura e arte das grandes capitais. São freqüentes, em Marquês de Valença, as reuniões artísticas e culturais — onde se admiram a voz magnífica de Rosita Fonseca, sensibilidade fidalga; os méritos pianísticos de Mário de Azevedo, a encantadora poesia de Nabor Fernandes.

★

★ HÁ SÍMBOLOS, na mitologia, tão saborosamente irônicos! Mercúrio era o deus que os romanos escolheram para os comerciantes e os ladrões...

★

★ QUEM RECOLHESSE as anedotas que, sôbre figuras e acontecimentos, o carioca está sempre e sempre criando — faria uma série de volumes realmente imortais! Certo que lhes poderia dar o nome de «Clarões da gente mais espirituosa do mundo».

★

★ PREFÁCIOS, raros dêles são espelhos do livro. Mas êste, da «Farândola», novelas de João da Silva Correia, êste o é! Fê-lo o autor com o coração — de tal maneira singelo, sentido, humano, que ficamos moralmente obrigados a ler-lhe as páginas, estampadas pela Editorial Inquérito, Lisboa, 1945. Terminada a leitura, bendizemos o prólogo, que nos levou a conhecer um escritor de incontestáveis méritos.

★

★ GRAVES EMBARAÇOS têm sofrido os estudos históricos relativos ao Rio de Janeiro. E, dentre os mais acentuados, Roberto Macedo, culto e infatigável diretor do Departamento de História e Documentação da Prefeitura, frisou muito bem: «a invasão de Duguay Trouin, em 1711, seguida de saque, assim como o terremoto de Lisboa, em 1755, e o incêndio do Senado da Câmara, em 1790, acarretaram irreparável perda de documentos».

O poeta e ensaísta Jamil Almansur Haddad acaba de publicar o seu anunciado livro de versos: «Lua de Remorso». Trata-se de uma obra de intenso lirismo, onde o autor das «Novas Orações Negras» demonstra mais uma vez a sua ascenção poética.

★

Maria de Lourdes Lebert está escrevendo diàriamente uma crônica para o «Diário da Noite» de S. Paulo. A conhecida escritora e declamadora se esconde sob o pseudônimo: Mabert.

★

Paulo Bonfim, autor de um livro de versos chamado: «Antônio Triste», acaba de publicar «Transfiguração», coletânea de sonetos à moda de Shakespeare. Muito deve Paulo Bonfim ao grande poeta português, contemporâneo, Campos de Figueiredo...

★

Ziembinsky é o diretor de «Harvey», famosa comédia norte-americana, e próximo sucesso do Teatro Brasileiro de Comédia. A peça será estreada por ocasião do vigésimo-quinto aniversário da entrada de Ziembinsky para o teatro, informa o cronista Matos Pacheco.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

Foi organizada em Belo Horizonte uma exposição coletiva de obras dos seguintes pintores paulistas: Flávio de Carvalho, Darcy Penteado, Maria Leontina Franco e Milton Dacosta. A escultora Elizabeth Nobiling também expôs os seus últimos trabalhos: esculturas, desenhos e cerâmicas.

★

Será «A Dama das Camélias» o próximo grande cartaz do Teatro Brasileiro de Comédia. O principal papel foi confiado a Cacilda Backer. E a direção a Luciano Salce. O espetáculo realizar-se-á no Teatro Municipal de São Paulo e será, sem dúvida, um acontecimento.

★

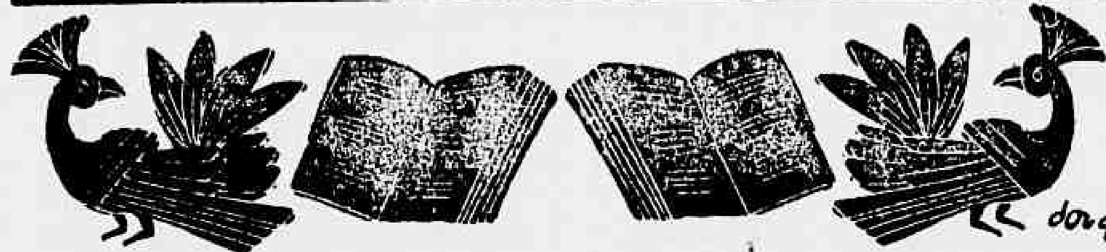
Voltou a circular o suplemento do «Diário de São Paulo», agora saindo tôdas as quintas-feiras. A página literária intitulada «Leitores, Autores e Livros» é organizada pelo ensaísta e contista Antônio d'Elia.

★

Mais um número de «Anhembi», a revista dirigida por Paulo Duarte. Calaboradores: Albert Dauzal, Jacques Bernard Herzog, Sérgio Buarque de Holanda, Clemente Pereira, Manuel Bandeira, Eunice Duarte, Giulio A. Bragaglia, Indro Montanelli, Nicanor Miranda, Caldeira Filho, B. J. Duarte.

★

O Museu de Arte e a Associação Cultural e Esportiva Piratininga promoveram uma exposição de arte japonêsa (Escola de Kyoto), que está sendo realizada nos salões do Museu de Arte, à rua Sete de Abril, 230, segundo andar.





Darcy Penteado, um dos nossos melhores retratistas é autor do desenho acima reproduzido e pertencente à coleção particular do escritor Paulo Duarte.

★

Estêve em São Paulo, durante dez dias, o jovem intelectual baiano Pedro Moacyr Maia, que tanto se tem destacado nos «Cadernos da Bahia». Pedro Moacyr Maia hospedou-se na casa dos romancistas José Geraldo Vieira e Maria de Lourdes Teixeira.

BODAS DE PRATA



A senhora e o escritor Pedro Calmon comemoraram, a 29 de setembro ultimo, suas bodas de prata. Neste ensejo, recebeu o distinto casal inúmeras homenagens. Entre as demonstrações de carinho feitas ao ilustre acadêmico e à sua distinta consorte, muitas se inspiraram nas simpatias intelectuais que cercam Pedro Calmon. Na foto, feita na residência do casal naquela data, aparecem, além do escritor e sua exma. senhora, alguns amigos e entre êles a genitora de Pedro Calmon, que veio da Bahia, especialmente para partilhar das alegrias daquele dia.

LETRAS MINEIRAS

ACABA de aparecer o livro de poesias de Antero de Alencar, sob o título «Dentro de mim Mesmo», mais uma tiragem das Edições Mantiqueira, apresentando um trabalho gráfico de primeira ordem. Êste livro que estava sendo ansiosamente esperado pelo público leitor de Belo Horizonte, constitui um acontecimento de relêvo nos meios literários de Minas Gerais, dada a popularidade de que goza o poeta, entre os cultores do verso e os admiradores da boa poesia. Antero de Alencar exprime nos seus versos o lirismo puro, a beleza extraordinária das paisagens, se tornando, às vêzes, colorido panteísta.

★

ENCONTRA-SE em Belo Horizonte, em gôzo de férias, a poetisa e declamadora patrícia, Dulcinéa Paraense. Trata-se de uma das mais perfeitas artistas da arte de dizer, ao mesmo tempo inspirada cultora do verso.

★

DENTRO em breve estará nas livrarias da cidade, a «História da literatura francesa» de Alber Thibaudet, numa tradução muito cuidada de Vinicius Meyer.

★

HORA ATUAL

DIRCEU QUINTANILHA

És, agora, ausência de emoção:
— Em fôlhas sêcas meus dedos
Te transformam.

Não mais serás sonoridade li-
[quida
De cantantes riachos em pedras
Derramados.

Em chuva eu te vesti:
— Horizontes limitados
Em cinza-escuro.

Na desolação marítima,
Esparramei teu olhar
Sôbre as águas:
— Águas de naufrágios.

Teu riso, apenas,
De imutável permanece:
— É sol ainda, maldito sol,
Na negra planície em que fi-
[caste.

Fora do Prelo

O LIVRO DA SEMANA: "MURAL"

A NOIVA E A MORTE

NÃO podemos deixar de citar Jean Paulhan, a propósito dêste livro de contos com que faz sua estréia o jovem escritor Saldanha Coelho. É nos lembra Paulhan devido àquele repositório de contradições enfileiradas pelos críticos mais eminentes, falando de um mesmo livro. Isto quer dizer que a crítica, no geral, confunde e interpreta mal os autores, principalmente os novos, quando fala de suas obras. Antes, por exemplo, de abrir êste livro (Revista Branca, Rio) em bem feita obra gráfica, lemos, na contra-capa do volume, algumas opiniões da crítica autorizada brasileira a respeito do escritor. Essas opiniões, algumas grandemente elogiosas, se basearam... em um conto do autor, publicado na "Antologia de escritores novos do Brasil". E eis o que diz essa crítica: ... uma figura realmente representativa (Álvaro Lins).... admirável (Gilberto Freyre)... o líder dos jovens escritores (Dinah Silveira de Queiroz)... um autor com manifesta vocação para o gênero... o de melhor formação dentre os mais novos (Herberto Sales)...

Paramos aqui para indagar do leitor se pode merecer fé uma crítica que, diante de algumas páginas de um conto, se descabela em tamanhos e tão gratuitos elogios... Não oporíamos qualquer restrição se essa crítica dissesse do conto em questão (A Mulher do Comerciante) que era genial. Mas, por oito páginas de um conto concluir tudo isso que afirmaram do autor — é exagêro.

O resultado aí está. Saldanha Coelho não procurou apurar nenhuma de suas qualidades, nem corrigir seus defeitos. A literatura exige uma experiência técnica e desprezá-la representa suicídio. Êste livro mostra que o autor do conto da antologia parou ali. Os outros contos do volume não revelam nenhum progresso em sua arte de ficcionista, de narrador. Um ano perdido, pois a antologia é do ano passado. O autor de "A Mulher do Comerciante" nada nos deu de nôvo nos demais contos do volume. Escreve com grandes incertezas, sem um maior domínio da literatura. Nem venham dizer que literatura é outra coisa. Repisemos o velho conceito de que o conto, na prosa, é como o sonêto, na poesia. Não é preciso fazer um bom sonêto para ser poeta, mas para fazer um sonêto é preciso saber fazê-lo. Podemos fazer um bom, um grande romance, sem literatura, e temos muitos casos. Uma peça de teatro, também. Um conto, não podemos. Saldanha Coelho, por exemplo, maneja mal o diálogo. Tem ainda dificuldades de fechar suas histórias. Há alguns contos péssimos, no volume. Sobretudo como técnica. Quanto aos assuntos, evoluem em tôrno do tema da noiva e do tema da morte, chegando a tornar o livro monocórdio e monótono. O que vemos aqui, antes de tudo, é a forte personalidade do autor, sobrepairando à obra a que faltou qualquer espírito de auto-crítica, para selecionar o material que nos apresenta. O contista de "Mural" é apenas um estreante, com algumas sensíveis qualidades de ficcionista. Mais, porém, do que Carlos Drummond de Andrade — é um aprendiz do conto.

Edmundo Lys

PELO MARAVILHOSO REINO DA MÚSICA — Lucília de Figueiredo — Editôra A Noite — Rio de Janeiro. A escritora Lucília de Figueiredo, fazendo o comentário de alguns programas musicais da Rádio Ministério da Educação, reuniu uma série de trabalhos de mérito real, despretenciosos, alguns já impressos em jornais e revistas, principalmente no «Boletim Informativo» daquela emissora oficial: Agora, quase um ano depois do falecimento da autora, publicado pelo carinho de sua mãe, dona Sebastiana de Figueiredo, aparecem, em volume da Editôra A Noite, os pequenos estudos e comentários a respeito de peças musicais de classe, artigos que versam, em particular, sôbre autores e obras menos estudados e conhecidos, entre outros de maior popularidade.

Êste livro representa um guia para o melômano incipiente, necessitando de indicações sôbre algumas das obras mais importantes da música de todos os tempos, gostando, também, de uma explicação sôbre algumas páginas musicais menos vulgarizados. Cada um dos comentários — como os chamou a autora — é acompanhado de rápida síntese da obra dos autores. Se o livro é, assim, obra indispensável a estudantes e professôres de música, da mesma forma constitui precioso auxiliar para os amadores e profissionais que queiram estar informados sôbre música, como para quantos desejem iniciar, de maneira fácil, uma cultura musical de que êste será o melhor ponto de partida.

★

COLETANEA DE POETAS PERNAMBUCANOS - Oliveira e Silva reuniu nesta coletânea (Editôra Minerva — Rio) com o mesmo espírito com que nos foi dada, há pouco, a antologia dos poetas da Bahia, uma revista dos poetas de Pernambuco, desde o padre Antônio Gomes Pacheco (1741) até Ladjane Bandeira de Lira (1927), um modernista do Recife, um «novo», como estamos a ver pelo seu poema apresentado aqui — «Saudades apenas». O autor, abrindo a «Coletânea», informa que não teve qualquer preconceito de escola, na seleção de poetas, incluindo no livro — «tudo o que lhe parecera valioso ou expressivo como revelação de talento poético». Muito curiosa a pequena justificação do prefacista, sôbre a omissão de Bento Teixeira, neste volume. Mas o principal mérito do livro, com nos oferecer uma visão conjunta do lirismo pernambucano, é a sensibilidade de verdadeiro poeta com que foram selecionados os poemas que ilustram a coletânea. O que êle nos dá, por exemplo, de Manuel Bandeira, embora possamos sentir a falta de «Evocação do Recife» — naturalmente indicada para uma obra como esta — representa, perfeitamente, a poesia dêle. E há coisas outras, surprêsas, por exemplo, como a de encontrar aqui Celso Vieira, poeta, fato muito inesperado para nós que o conhecíamos apenas como o lapidar prosador de tantas obras admiráveis.

CRÔNICAS ESCOLHIDAS — Rubem Braga selecionou cinqüenta crônicas de seus quatro livros já publicados e nos deu esta preciosa antologia que nos apresenta o novo mestre do gênero, em uma visão de conjunto, certamente das mais significativas. Um livro de Rubem Braga, mesmo quando não se trata de obra novinha em fôlha, mas de simples seleção de coisas publicadas, como neste caso — é sempre um alto prazer para o leitor. Acresce que seus livros, antes publicados, onde constam estas páginas, já estão esgotados. O leitor atual que o perdeu das outras vezes, pode se deliciar aqui, encharcando-se, aliás, de deleite, tão saborosas por tudo são estas páginas, escritas com o estilo inimitável, único, todo novidade e sedução, dêste prosador excepcional, verdadeiro inventor de nossa crônica moderna. Enquanto esperamos, nós os velhos fãs de Rubem Braga, o seu livro de crônicas européias, suas impressões de Paris, onde viveu por tanto tempo, com os existencialistas e outros, regados a «fine à L'eau», vamos matando a saudade de suas páginas nesta revista dos livros anteriores.

O LIVRO ILUSTRADO



Ilustração de Fritz Kredel para o livro «Moonfleet», de J. Meade Falkner, obra publicada em 1890, pela primeira vez, e agora reeditada. Falkner, cujo mundo é um mixto dos territórios de Stevenson e de Poe, faleceu em 1932.



★ Todos os dados e métodos da ciência astrológica resumidos nestes famosos Anéis Zodíaco. Fina obra de joalheria com seu signo, símbolo, planetas e pedra preciosa do seu mês de nascimento. Joia maravilhosa portadora da sorte e felicidade. Modelos elegantes e modernos em prata, com ouro 18 Kls, e pec' a, artisticamente trabalhados à mão em relêvo.

★ Todos os anéis Zodíaco Talisman, são confeccionados especialmente para cada pessoa, obedecendo a todos os dados astrológicos matemàticamente calculados de acôrdo com dia e mês de nascimento.

★ O anel Zodíaco será sua joia de estimação.



Tabi Delicado
PARA MOÇAS
Cr$ 260,00



Bagdad
Cr$ 180,00



Oriental
Cr$ 360,00

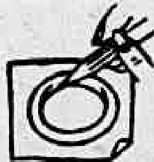


Yogi
Cr$ 260,00

GRATIS: A todos os compradores será fornecido gratuitamente um Horóscopo e Guia Astrológico pessoal para os acontecimentos e negócios de importância. Predições Diárias para 12 meses com dias favoráveis. Um guia indispensável para você.

NÃO MANDE DINHEIRO

Fazemos Remessa para todo o Brasil pelo Serviço de Reembolso. Basta indicar no seu pedido o dia e mês de nascimento; Envie a medida do anél conforme desenho ao lado.



DINAL
RUA QUINTINO BOCAIUVA N. 255
1o s/loja Cx. Postal, 7206
SÃO PAULO

MÁSCARAS

(Cont. da pág. 46)

me, fumaça, máscaras cobrindo rostos, serpentina (quantos rostos existem no mundo?), confête, máscaras, máscaras. Estonteado, agarrou o braço de Raimundo.

— Deixe-me ver o seu rosto. Tire a máscara.

O amigo sorriu.

— Para que?

Apreensivo, alçava a mão para arrancar-lha, mesmo a fôrça, quando Raimundo o deixou, empolgado por alguém que passava:

— Ei-la! Até que enfim! Está vestida como sempre...

Simão precipitou-se fora do salão, entrou no primeiro quarto, deteve-se diante do espelho. Puxou a máscara, hesitante, contemplou-se. Tinha graça. Tinha graça aquêle aturdimento inexplicável. Seu rosto não se alterara. Permanecia o mesmo. O mesmo. Repôs a máscara. Ajudou o cabelo e o boné, voltou-se, defrontou Raimundo que entrava.

— Voce vai com ela. Vai ver que mulher, que mulher! Renuncio a ela, hoje, para festejar nosso encontro.

— Quem é ela?

— A mais graciosa de quantas aparecem por aqui. Vem raramente, passa um ou dois dias, depois some. Quer que a chame de Eterna Colombina. Aceita?

— Vou.

Cruzaram o salão, entraram por um corredor, detiveram-se diante da última porta, ao fundo.

— Já está combinado, disse Raimundo. Ela o espera! Felicidades!

Açulado pela ânsia do desconhecido, Simão abriu a porta, sem delongas, entrou. Perfume sutil, que êle sentira outrora, não se lembrava onde, excitou-lhe as narinas.

Sob a luz débil, deitada no leito fôfo e colorido, havia alguém, uma mulher, braços jogados atrás da cabeça, sorrindo através da máscara, luzindo os olhos maliciosamente. Estonteado, parecia-lhe nunca ter visto lábios iguais, tão atraentes.

Simão observou-lhe os dedos da mão e ela exibiu-os, balbuciando, num sôpro:

— Nem noiva, nem casada. Sou de ninguém.

Ergueu-se, fê-lo sentar a seu lado. Havia um rosto atrás daquela máscara. Rosto! a palavra o arrebatou. Num ímpeto, arrancou-lhe a máscara, sorriu triunfante, inclinou-se para beijá-la, estacou.

Era Marisa quem estava entre seus braços.

Esbugalhado, a voz congestionada, o nome escorreu-lhe dos lábios, lento que nem baba:

— Ma-ri-sa...

Ela teve um sorriso frouxo:

— Como sabe meu nome?

Súbito, diante dos olhos de Simão as máscaras desfilavam céleres, avançavam e recuavam, vinham e fugiam, eram milhares e riam, riam, com espasmo, com malícia, com ingenuidade, as máscaras. Máscaras fantásticas, másacaras singelas, máscaras perfeitas que nem rostos, olhos que brilhavam e eram artificiais, lábios que se moviam e não tinham vida.

Lentamente se refez, tudo lhe parecia lúcido, encontrou Marisa surprêsa nos seus braços, fitando-o. Ofegou. Que máscara era aquela? Ofegou: que máscara perfeita!

— O rosto! O rosto! quero ver o rosto!

Passou a mão pelas faces da espôsa.

Máscaras penduradas em balizas, máscaras de monstros lúbricos, máscaras de atrizes, (qual seria o rosto, o rosto?), pedidos de dinheiro para fins inexplicados, rosto plácido e inexpressivo como máscara, apatia, Marisa, Marisa... e o rosto?

— O rosto! O rosto!

Os dedos de unhas curtas curvaram-se, apertaram-lhe as carnes das faces, querendo arrancá-las. Ela uivou, apavorada, olhou a porta, a mão direita do homem constringia-

(Cont. na pág. 52)

CORREIO DA REVISTA

Recebemos a seguinte carta:

São Paulo, 8 de outubro de 1951.

Senhor Diretor: Tenho a grata satisfação de referir-me à nota publicada na «Revista da Semana», em 1º de setembro último, sôbre o apêlo feito a esta Universidade pelo dr. Tatsu Morito, Reitor da Universidade de Hiroshima, Japão, o qual teve a mais ampla repercussão na imprensa do país.

Na referida nota, diz, entre outras coisas, a «Revista da Semana»: «Não sabemos qual a providência que a direção da Universidade de São Paulo já tomou, a fim de atender ao apêlo do colega do Japão».

A respeito, tenho o máximo prazer em informar a V. Excia. que, logo após receber a comovente mensagem do dr. Tatsuo Morito, recomendei a sua imediata tradução para o português, encaminhando-a, por meio de ofício, a tôdas as Faculdades e Institutos anexos à Universidade de São Paulo, ao Serviço Florestal do Estado de São Paulo e a todos os jornais do Brasil. A êstes, a Universidade de São Paulo informava quais as providências que haviam sido tomadas a fim de atender ao apêlo da Universidade de Hiroshima.

Em expressiva manifestação de solidariedade, a imprensa do país acolheu, com a máxima simpatia e carinho, o apêlo do Reitor Morito. Simultâneamente, chegavam à Reitoria da nossa Universidade as primeiras respostas dos diretores das Faculdades, Institutos e instituições às quais me dirigira, comunicando-me a remessa de livros, publicações, sementes e árvores à Universidade de Hiroshima.

Ao transmitir-lhe esta informação, tenho a satisfação de enviar-lhe, em anexo, cópia do meu ofício nesse sentido, bem como da tradução integral do apêlo à Universidade de S. Paulo.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Excia. os meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

ERNESTO LEME — Reitor.

J. PEIRANO MACIEL — Pôrto Alegre — Recebemos seus dois contos, «Um equívoco» e «O advogado». Quanto ao anterior, «Jacques da Cruz», não passou pelo crivo dos examinadores.

RAIMUNDO MELO FILHO — Rio — Já está com a Comissão Julgadora o seu trabalho «Os três pecadores».

JORDALINO CAVALCANTI — Júlio Mesquita, São Paulo — Agradecemos a remessa que nos fêz, embora não possamos publicar.

PÉRICLES LEAL — Rio — Já está aprovado o seu «Golpe de Misericórdia».

B.P. — Rio — «Aquêles olhos» não pôde ser aprovado. O enrêdo está fraquinho, sem o necessário vigor nos contos daquela natureza.

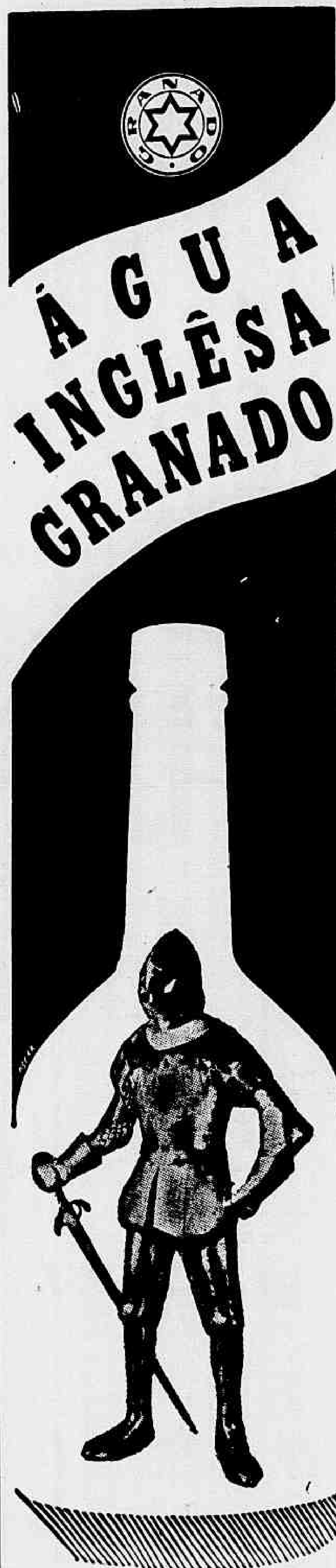
EDGAR DE SOUZA MACHADO — Maceió — Seu conto «Velha Cadeira de Balanço» está com os ilustradores. Quanto ao «Confidências Veladas», foi publicado em nossa edição de 30-6-51.

WALTER MACEDO — Vitória — «O Chefe» não passou. Procure melhorar sua sintaxe.

J. DA ROCHA ACIOLI — Aprovado o seu conto «História Bizarra».

M.A.M. — Rio — Não foi aprovado o seu «Um homem fraco». Não está mal escrito, apesar de alguns lapsos de linguagem. O que atrapalhou foi

(Cont. na pág. 52)



TÔNICA-APERITIVA
NAS CONVALESCENÇAS

Um livro mágico e com mais de 300 páginas

Tudo vê — Tudo informa — Tudo recorda

ALMANAQUE

Indispensável para tôdas as classes

EU

Tôdas as Profissões · Tôdas as Religiões
Todos os Gostos... · Em qualquer Idade.

Com o minucioso relato sôbre o ano

SEI

Católico · Aeronáutico · Científico · Artístico
Moçulmano · Israelita · Evangélico

Dados e informações gerais sôbre o mês

TUDO

Horoscópico · Agrícola · Fases da Lua ·
Ciclo Solar · Calendário Perpétuo ·
Festas Móveis Etc. Etc.

Um Romance Conpléto: A célebre novela de Robert Nathan "A ESTRÊLA DA MANHÃ"

Uma Comédia para representar. + Contos + Centenários Mortos do Ano + Páginas de Árte + Medicina Astrologia + Páginas recreativas + Quebra-cabeças Testes + 100 artigos diversos + Milhares de informações e um

TRATADO SÔBRE A HERÁLDICA
belo, minucioso, em côres

Preço: Cr$ 25,00

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, a sua côr natural.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquillage e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessa pelo reembôlso
A venda nas boas Farmácias

OUTRA PRIMAVERA

(Cont. do número anterior)

em desespêro e declara que, , real mente deve uma explicação, pois guarda um segrêdo. Afirma: "Sua mãe não morreu do coração, ela suicidou-se! Nunca contei porque não queria escândalo , e porque temia perder o amor de Amélia. O Dr. Xavier é testemunha. A meu pedido atestou uma causa-mortis falsa". Ao confessar êste detalhe, Artur retira-se para o seu gabinete num tremendo excitamento.

O Dr. Xavier, interpelado por que atestara falsamente, toma a palavra e promete que, ali mesmo, fará uma revelação .que assombrará a todos Adverte que é o mais incrível dos relatos de sua vida: "Maria Amparo não se suicidou por saber dos amôres de Artur com Amélia, suicidou-se por Artur mesmo, mas êle não sabe". "Na noite do triste evento, eu mesmo relatei a Maria Amparo o resultado de minhas observações sôbre Artur". "Declarei-lhe que Artur era portador de uma tara que o levaria à loucura. Contei-lhe que seus pais e avós, donos desta mesma casa, morreram loucos. Lembrei-lhe que um dêles tinha a mania de perseguição, o que o fêz construir pesados muros nas janelas, o que privou êste solar, por mais de cem anos, da entrada da luz. Maria Amparo suicidou-se por isso. Tomou uma forte dose de sedativo."

Ao ouvir o relato do médico, a jovem corre em lágrimas para o seu quarto. O desespêro havia se apossado dela, porque ia ser mãe e temia que seu filho pudesse ser portador da tara. Queria, covardemente, se rebelar contra a natureza e as leis de Deus. Amélia, percebendo, corre ao seu encontro e, com palavras de pura bondade e arrancadas do coração, mas ditas de modo áspero e desafiando os brios de mulher, impede que a jovem leve a têrmo o seu intento.

O jantar é servido. O advogado desafiara o médico a provar as suas afirmações sôbre o estado mental de Artur. Xavier, então, pacientemente, desencadeia uma batalha psicológica em que Artur se vê envolvido e cai num delírio de grandeza, de perseguições, acusando o próprio filho de persegui-lo por inveja.

Todos compreendem a verdade e a conselho do médico deliberam internar Artur num sanatório para o resto da vida. Amélia insurge-se. Cuidará dêle enquanto fôr viva.

Havia, entretanto, um obstáculo; como demover aquêle homem altivo de abandonar as rédeas da família, como fazê-lo abandonar a sua siderurgia? Amélia usa um estratagema. Manda que o médico diga a Artur que ela, Amélia, está louca e precisa internar-se num sanatório. Artur, que realmente ama Amélia, declara que não, que êle cuidará dela por tôda a vida e renunciará a tudo. O casal despede os filhos e fica como duas sombras naquela mansão, sob cujo teto viveu um dos mais maravilhosos amôres de que é capaz de sentir o ser humano.

CORREIO DA REVISTA

(Cont. da pág. 50)

o estilo. A autora se perde em ampliações inúteis, tornando enfadonha a narrativa. E' isso grave defeito no gênero conto literário.

A.F. — Santa Maria — R.G. do Sul — Não houve jeito de aprovar o seu «Firmino Fredão». Seria de real proveito que o amigo melhorasse o estilo, abandonando neologias incríveis como aquela «calafriei-me» (sentir calafrios). Quando se referir a têrmos regionais, faça de tal forma que o leitor saiba o que significam.

BRUNO PAVEL — Rio — Foi aprovado o seu conto «A Moeda de Prata».

MARIA CRUZ — São Paulo — «Pensão» não foi aproveitado. Não use nomes próprios fàcilmente identificáveis, melhore o português e o estilo, bastante monótono.

MÁSCARAS

(Cont. da pág. 50)

lhe o pescoço e a outra se lhe cravava no rosto, mão ansiosa como a de quem escava a terra em busca de um tesouro certo.

Marisa fremiu, o segundo grito estertorou-lhe na garganta. Seus olhos se abriram, desmedidos, fixando aquela enorme cabeça enfurecida que, levantada diante de si, ia desaparecendo lentamente, como se uma núvem escura a envolvesse. Agitaram-se-lhe os lábios para a última palavra que não brotou, porque os lábios esterreceram, duros.

Houve minutos de quietude. Lassos, os dedos de Simão abandonaram aquêle rosto, aquela garganta e, trèmulamente, vagaram no ar tateando rostos invisíveis.

Depois, ao longo de seu corpo, os dedos desceram. Como uma árvore esquecida, Simão desabou sôbre êles, soluçando.

Fora, o batuque escorre pelas ruas, sacudindo as ancas.

Respostas ao teste

1—Ao Marechal Hermes, em 1906
2—1919
3—No Contestado, 1914
4—Anésia Pinheiro Machado
5—Catedral de Curitiba, ficando prêsa ao pára-raios.
6—Edu Chaves (Dezembro de 1920, em quatro dias)
7—Francisco Pinheiro Guimarães, 24-6-1866
8—Da Avenida Rio Branco
9—Ten. Ricardo Kirk (28-2-1915, no Contestado)
10—Ao jornalista Vitorino de Oliveira, então redator de «A Noite»
11—1931
12—Gen. Leite de Castro
13—Eduardo Gomes (então major)
14—Cap. Antônio Lemos Cunha
15—Rio Grande do Sul.



Limpa e embeleza a cútis. Dá maravilhosa brancura e esplendor de juventude.



CREME RUGÓL

MANTEM EM SEGREDO SUA IDADE!

SABÃO RUSSO






Em 3 tamanhos **Líquido, sólido e bastões para barba**

Limpos os póros com a antisetica espuma do supremo SABÃO RUSSO, a cutis se conserva sã, fina e com o aspecto juvenil.

Êste sabão puro cientificamente preparado com escolhidas substâncias medicinais as mais afamadas, é a base do tratamento da pele.

SABÃO RUSSO desde 1830 ao serviço da higiene, saúde e beleza.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2 BÉL-HORMON, à base de hormônios, um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....
NOME ....
RUA .... Nº .....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



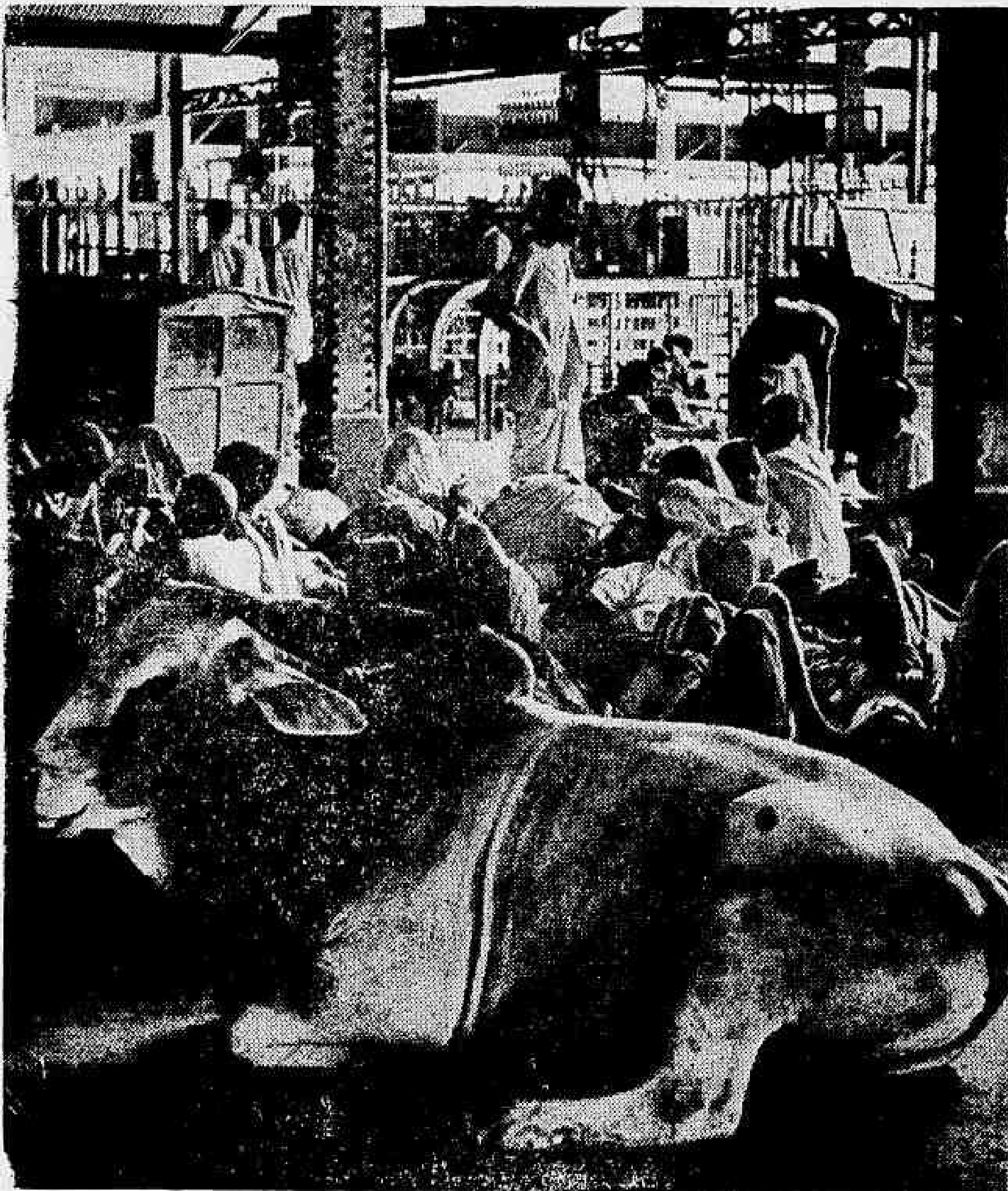
O DRAMA DO PAQUISTÃO

Quando o Paquistão se constituiu politicamente em nação separada do domínio da Índia, a Muslim League, considerou um nome capaz de reunir tôdas as qualidades para continuar a política de independência do país, não sòmente pela sua formação moral, como pelos vastos conhecimentos de política regional e internacional de que tanto precisava a nação: Liaquat Ali Khan. Êsse estadista, nascido a 1 de outubro de 1895, foi o herdeiro da política do falecido Mr. Jinnah, ao lado de quem trabalhou durante anos. Educado no M.A.O. College, Aligarh, Allahabad University e no Exeter College, Oxford, distinguiu-se como um lídes político da Índia, tendo sido Membro do Conselho Executivo do Vice-rei em 1946, Ministro das Finanças em 1946-7 e, finalmente, Membro do Conselho para a formação do novo Estado do Paquistão. Nomeado Primeiro Ministro de seu país, Liaquat Ali Khan teve que enfrentar os mais sérios problemas, não sòmente os de natureza política, como os de caráter social. Um dos grandes casos a desafiar a argúcia de um Primeiro Ministro do Paquistão, é a pacificação da zona de Cachemira, confinando com o Tibét, China e Afganistão, onde fervem os ódios religiosos. A Índia disputa essa região, foco pêrmanente de conflitos e desarmonias. Liaquat Ali Khan tombou, recentemente, assassinado por um fanático, e o seu povo registrou mais êsse capítulo em seu drama milenário. O Paquistão conta hoje com população superior a 70 milhões de habitantes, para 360 mil milhas quadradas, mais ou menos o Estado de Minas.

Visões da Noite de Saint Cloud



O Jockey Club Brasileiro, o Rotary Club do Rio de Janiero e as Fôrças Armadas do Brasil, na noite de 17 de outubro próximo passado, prestaram especial homenagem a Santos Dumont. Estas páginas são uma supervisão da noite memorável em fotos de Adalberto Mendes, Newton Viana e Nódgi Lustosa, especialmente feitas para a REVISTA DA SEMANA.



ESTA CENA É EM CALCUTÁ na Índia. Na plataforma de Howrak, principal estação da estrada de ferro daquela cidade, uma pequena multidão de indianos espera o «Expresso de Bengala». Um novilho zebu entrou, calmamente no recinto e, como se quisesse também esperar o comboio ou embarcar nêle, deitou-se comodamente e se pôs a ruminar. Como êsse animal é sagrado no país, ninguém se atreveu a enxotá-lo. Mesmo que um indiano esteja morrendo de fome, jamais abaterá uma rez, pois ali estão almas dos antepassados...



ANNAMARIA MUSSOLINI, voltou à Itália, depois de ter estado durante cinco meses em Buenos Aires, hóspede de seu irmão Vittorio, que reside na capital argentina, em companhia de sua mulher e filhos desde os fins de 1947. Annamaria retomará sua vida normal em Roma, em companhia de sua mãe e do irmão Romano. Essa moça, quinto rebento do ex-Duce italiano, é alourada e de cabelos castanhos. Apesar de ter sofrido paralisia em criança, nada demonstra em seus atuais 22 anos, pois é desportista, estuda muito e é louca por cinema.

TUDO ISTO

PAPAGAIO!

AQUÊLE homem comprara um papagaio do sertão do nordeste. Mas o bichinho, estranhando o clima e a gente estranha, não quis falar. Vivia triste, macumbúzio, sorumbático. Que teria o "louro"? Com certeza estava doente. Deram-lhe umas gôtas mas o papagaio não topou aquilo de jeito nenhum. Foi inútil tentar abrir-lhe o bico. Êle embirrou que nem bode em beira de riacho. E não bebeu. O dono, penalizado, perguntava-lhe delicadamente. "Meu louro, que é que você tem?" Saudades do sertão, com certeza, achavam outras pessoas de casa. A senhora do comprador da ave já começara a dar palpites: "Êsse bicho não sabe é falar nada. Você foi enganado, meu caro". E todo dia vinham fazer experiências junto ao papagaio. Nada. Calado, mudo, triste, o lourinho não parecia querer entabular conversa com pessoa nenhuma de sua nova residência. O mutismo do papagaio foi irritando o dono que, um dia, decidiu jogá-lo fora. Para não cometer uma atrocidade, não o matariam. Sairia com êle pela rua e, bem distante, o deixariam exilado em algum local onde pudessem vê-lo. Que fôsse amolar outros com sua incapacidade vocabular. Com certeza era papagaio surdo-mudo. No dia em que estava decretada a sentença do pobre bichinho, ali pelas vinte-e-duas horas, quando o casal voltava do cinema, o papagaio bradou: "Ladrão! Ladrão!". Foi um choque. O dono da casa empalideceu. Estava desarmado e não poderia enfrentar o ladrão que deveria estar em sua casa. Telefonou para a policia e, imediatamente, compareceu um policial. Deram busca em tôda a casa e nada encontraram. Tudo em seus lugares, sem nada violado. Então o dono da casa se aproximou do papagaio: "Além de mudo és mentiroso, hein?" Que vergonha! Mas o papagaio lhes respondeu imediatamente: "Ladrão... de papagaio" (E' que êle não o comprara coisa nenhuma. Furtara-o...).



TROCAM-SE ESPÔSAS

EM Rock Island, Illinois, nos Estados Unidos, o Sr. John Shield, de 31 anos de idade, e Robert Irvin, de 26, trocaram suas espôsas, filhos e casas, que se encontravam uma ao lado da outra na pequena ilha em que se passou a história. Foi a mais curiosa transação de que há memória naquele país de excentricidades. Os dois vizinhos tinham casas que regulavam, mais ou menos, o mesmo valor. Cada um possui uma mulher e três filhos. Mas, entre os respectivos cônjuges não havia muita vontade de manter o estado de casado em plena harmonia, e um vizinho passou a ver que a outra familia era muito melhor do que a sua; o mesmo pensamento contaminou o amigo ao lado, que passou a desejar a "mulher do próximo". Como é falando que a gente se entende, cada qual explicou à espôsa respectiva o que estava pensando acêrca da mulher do outro. Com surprêsa para os maridos as mulheres declararam que estavam também pensando em passar-se para os braços dos maridos vizinhos, o que não chegaram ainda a fazer porque havia os filhos... Mas tudo se acomodou muito bem e em paz. Os filhos seriam trocados quando se desse a troca de consortes. As negociações legais chegaram a bom têrmo nos registros do juiz Leonard Helen, que concedeu divórcio às mulheres seguindo os novos matrimônios minutos depois: Mrs. Irvin passou a ser Mrs. Shield, e esta Mrs. Irvin. Como as casas são delas, os homens só tiveram mesmo o incômodo de levar as roupas... Que século engraçado êste XX!



A BARRA DE OURO

O operário José Gabriel da Cruz, residente na cidade de Sabará, em Minas Gerais, estava um dia a cismar à janela de sua pequena casa numa das ruas daquela localidade, quando viu uma coisa a luzir no quintal. Embora sabendo que "nem tudo que reluz é ouro", êle foi ver de perto o que estava a brilhar, e encontrou apenas uma barra de ouro maciço e velho. Pesado o achado, verificou-se que valia cêrca de 420 contos de réis. Para quem não está muito bem de finanças, era uma mão na roda da fortuna. O rapaz foi a Belo Horizonte e entregou o ouro a um advogado, para que êste o depositasse num Banco de confiança, e voltou a Sabará disposto a obter das autoridades uma concessão para escavacar por ali em busca de mais barras de ouro. Mas sucedeu uma dos diabos: ao visitar novamente a capital, a fim de entender-se com o advogado, teve a surprêsa desagradável de saber que o causídico sumira com seu ouro! Que fazer? Dar queixa à polícia? Mas se nem mesmo guardou o Gabriel da Cruz o nome do advogado! Nem mesmo sabe em que Banco foi o tesouro guardado! Possuía êle o recibo dêsse estabelecimento de crédito; mas o advogado pediu sob qualquer pretexto e nem mesmo êsse documento está em poder do pobre Cruz. E o homem tem estado com a "cabeça quente", segundo diz sua espôsa Maria Benta da Cruz. Com tanta Cruz, está êle na iminência de ser levado ao Calvário, enquanto o advogado do diabo está gozando a vida à custa do ouro do sabaraense, vitima de sua boa-fé.



ACONTECEU

QUE CIÚME!



É da Bahia aquêle episódio doloroso e histórico, do modesto professor de inglês que se apaixonou por uma jovem da alta aristocracia local, quando lhe ensinava a língua de Shakespeare. Não houve obstáculos, apesar dos preconceitos de então. Mas o casamento teve um fim trágico, porque a moça passou a namorar um outro jovem de altos coturnos. O noivo, tomado de ciúmes, mandou fundir as duas alianças (a dêle e a dela), fabricando uma bala. Carregou com essa bala de ouro uma pistola e desfechou um tiro na ingrata. Foi prêso, cumpriu pena e nunca se arrependeu da vingança. E' da Bahia que nos vem agora êste outro episódio de ciúme mórbido de um rapaz que se apaixonara por uma linda baiana. Benicio de Castro Leal é o seu nome, isto é, o nome dêle. Ela, uma jovem de 16 janeiros, muito bonita e alegre, aceitou a côrte de um outro, sem comunicar a situação a Benicio. Um dia, indo Benicio Leal conversar com a eleita do seu coração, teve a infeliz surprêsa de vê-la em colóquios com um concorrente desleal. Enfurecido, o rapaz golpeou o rosto da amada com uma gilete, produzindo-se profundo talho, sôbre o qual os médicos aplicaram nada menos de trinta-e-seis pontos! Na polícia, depois de prêso, declarou que não estava arrependido, e que aquêle talho deixaria na face da perjura uma cicatriz denunciando sua traição. Nunca mais haverá quem olhe para ela" — concluiu o Otelo da Bahia. E ficou satisfeito na cadeia, onde não poderia vê-la com outro...

QUE MUNDO PEQUENO



NO Hayden Planetarium, instituição científica que funciona em Nova York, na qual os cientistas e demais interessados se dedicam aos problemas das comunicações interplanetárias, já se inscreveram 25 mil pessoas para as próximas viagens através do Infinito. Segundo o programa já delineado, a excursão pelo firmamento azul (se não estiver chovendo) será de uma viagem à Lua, depois a Marte, e, por fim a Vênus. Se o combustível e a coragem permitirem, ainda os viajantes farão uma viagem circular pelos domínios de outros planêtas mais próximos da Terra, como o pequenino Mercúrio. Mas, segundo dizem os diretores do projeto, o que fascina os excursionistas é a Lua. Todo mundo deseja visitar o nosso pálido satélite. Vê-se que há nisso, não desejo de natureza científica e sim sentimentos românticos como se a Lua, vista lá mesmo, fôsse alguma coisa capaz de inspirar poetas... Quando os candidatos vão inscrever-se, recebem êste aviso: "Quando chegar sua vez de embarcar, faremos a comunicação do dia e hora da partida". Mas, quando será isso? — perguntaram os mais apressados. E a discussão começa entre êles, havendo até apostas. Para uns, a viagem será realizada no decorrer do ano próximo. Para outros, os mais desiludidos e pessimistas, só se poderá ir à Lua lá para os fins dêste século. O mais engraçado é que as viagens são de ida e volta, como quem compra um bilhete nos trens da Central do Brasil. Não há dúvida que estamos mesmo no mundo da Lua...

OS CEGOS VIRAM



UM telegrama da U.P. (United Press) num dos jornais desta capital, do dia 12 de outubro, diz que, na cidade de Odessa, o cirurgião russo V. P. Filatov, com seus discípulos, conseguiu devolver a vista a mais de quatro mil pessoas completamente cegas no espaço de dois anos. Êsse oculista e cirurgião está empregando um processo com instrumento de sua invenção, com o qual perfura pequeno orifício na pupila cega, transplantando parte da córnea sadia, tirada de pessoa viva, de cadáver ou de animais que para tanto se prestem. Afirma-se que o método conduz a êxitos absolutos. O citado cirurgião já fêz, êle sòzinho, mais de mil e duzentas operações, com sucesso pleno e indiscutível. Os seus assistentes conseguiram outras mil, com êxito seguro. A intervenção ocular para restituir a vista a cegos pela transplantação da córnea de olhos sãos, a pessoas cegas, não é nova. Mas, pelo que parece, a técnica do professor de Odessa é sistema muito novo e ainda não usado em nenhuma clínica especializada do mundo. Seja como fôr, é isto mais uma esperança para aquêles que tiveram a infelicidade suprema de perder o mais precioso dos sentidos: a visão. Dar luz aos olhos daqueles que vivem em plena escuridão, é a maior obra de humanidade que se pode imaginar. E' como que ressuscitar um morto, retirar da indigência um homem válido, dar alegria ao espírito em permanente escuridão. Seria interessante que os nossos cientistas se interessassem pelo processo Filatov, e o experimentassem nos cegos do Brasil.



ESTA LOURA ALEMÃZINHA, de dezenove primaveras, trabalhava anonimamente como estenógrafa, em uma fábrica de aço na pequenina cidade teutônica de Saalfeld, na parte germânica sob a dominação russa. Um belo dia, os dirigentes comunistas a convidaram para tomar parte em competições industriais e ela se deixou empolgar pelos concursos de produção. Em face de sua atividade e presteza, passou a jovem Trude Eisenborn a ser objeto de grande publicidade, sendo classificada como a «rainha dos laminados». Mas Trude se cansou e fugiu para a Alemanha Ocidental...



CARL JOHAN BERNADOTTE é um dos muitos filhos do atual rei da Suécia, Gustavo VI. O príncipe Carl, casado com Kerstin, de sangue não real, renunciou por isso todos os seus direitos ao trono sueco, mas é louco por sua espôsa e pelas crianças. Indo a um orfanato, lá escolheu em companhia da mulher, uma criança de 14 meses, a quem deu o nome de Christian Bernadotte, nome da família real. E vão adotar brevemente uma menina na mesma fonte: o orfanato. Eis como uma criança do povo, de origem modesta, se converte em príncipe ou princesa.

A REVISTA Há 50 anos

(Domingo, 3 de novembro de 1901)

Finados

Já houve tempo em que na homenagem prestada aos mortos ia de envôlta com a dor saudosa uma espécie de penitência da alegria instalada em todos os lares, da felicidade protegendo todos os casais, do confôrto velando o sono e equilibrando o moral de pobres e ricos, moços e velhos, brancos e negros, filhos desta e das estranhas terras. Corria a vida tão fácil, sentia-se a alma tão bem-disposta para o repouso e para o trabalho, nas noites serenas e nas madrugadas claras, que quase pedíamos perdão aos mortos de assim perturbarmos o sono, em risos e cantares, durante a primavera perene dos doze meses gregorianos. A fortuna cantava dentro de nós uma canção eterna, o riso elegera domicilio na família brasileira e o nosso egoísmo de criaturas contentes quase chegara a ponto de julgá-lo nacionalizado, pelo muito que a nossa terra o seduzira. Quando nas fôlhas européias as nossas donas de casa, as mães, as espôsas, as filhas, liam os dramas tenebrosos da miséria, as tragédias das desgraças, quase sempre rematavam a leitura com esta exclamação ingênuamente sincera: — "Mas por que não vêm êles para o Brasil?". E muitos vinham, com efeito, e todos eram felizes porque a fortuna de cada mesa dava de sobra para os convivas do acaso.

Como tudo mudou em tão poucos anos! Basta percorrer os cemitérios em dias de finados e observar a expressão desolada de algumas fisionomias. Não é mais temor de que julguem sacrilega a vid'airada dos que ficam, é a inveja mal dissimulada aos que se foram. Para alguns os mortos são rivais, gozando no Paraíso a eternidade das delicias, enquanto na terra, cada dia mais daninha, pedregosa e estéril, o suor pinga, escorre, cascateia em jorros, sem que o esfôrço centuplicado, dê coisa que se pareça com a loura espiga de outros tempos. Felizes êles, os que tendo morrido em paz com Deus e a consciência, passaram suavemente de um mundo que já era bom para outro infinitamente melhor. E dá-se, então, uma coisa estranha: a nostalgia do Nirvana de onde viemos, a náusea da vida, a ânsia irreprimível de acabar com isto, de pôr têrmo a isto, de emigrar para o Céu, acompanhando a revoada das andorinhas da alma. "Las golondrinas del alma no vuelven mas si se van".

Não! Eu não lamento os mortos. Maior pena, muito maior, tenho dos vivos. Para muitos a vida é um túmulo e a cova um berço. Muitos só começam a viver morrendo.

JACQUES BONHOMME

TEATROS

★ NOVIDADES absolutas, não as houve esta semana, em nenhum dos teatros, e parece que não as haverá antes das anunciadas estréias das companhias de opereta, nacional, que irá para o Apolo e italiana da Tomba, que ainda não está assente se representará primeiramente nesta capital se em Buenos Aires. Entretanto Dias Braga vai passando de revista ao seu antigo repertório, dando-nos «Milagres de Santo Antônio», «Cavalaria Rústicana», «De Petrópolis a Paris» e outros, fazendo, entretanto, ensaio de recordação da peça histórica de Eduardo Vitorino «Pedro Álvares Cabral» que breve subirá à cena.

★ A COMPANHIA do Apolo fêz «reprise» do «Barba Azul» e «Noite e Dia» e ensaia com atividade a opereta nova «Capitão Teresa», de Bisson, com música de Robert Plaquette. No Recreio reapareceu a sempre desejada revista «O Rio Nu», original de Moreira Sampaio, e os teatros do gênero cançoneta e variedades vão distraindo o seu público com espetáculos chistosos. Como se vê, a temporada entra na sua fase massante. Uma choldra, como diria o outro.

NOTICIÁRIO

NO dia 28 do mês passado efetuou-se no Leme, acampamento do 1º batalhão de infantaria, um combate simulado, que surtiu belíssimo efeito e ao qual assistiram altas patentes do exército acompanhadas de seus estados-maiores. Começou o combate nos terrenos baldios daquela zona, perto de Copacabana, às 4 horas da manhã, por alguns tiros de fuzil entre a vanguarda das fôrças atacantes e as avançadas do 1º que tinham pressentido o inimigo. Pouco depois a refrega generalizou-se sendo a fôrça situada atacada simultâneamente por vários lados, mas combatendo valorosamente e portando-se com denodo. O fogo durou cêrca de uma hora, sem que os sitiantes conseguissem apoderar-se do acampamento atacado. A êsse tempo um oficial do 1º, empunhando a bandeira branca, foi parlamentar com o comandante das fôrças atacantes a quem entregou uma intimação do tenente-coronel Júlio Barbosa, comandante do forte do Leme, convidando-o a render-se a discrição. Aceita esta, fraternizaram os corpos e no meio do maior entusiasmo entraram no acampamento. Foi um belo exercício militar e o povo, que assistiu de longe, teve um bonito espetáculo.

HUMORISMO



O EXPLORADOR: — Depois dos últimos sucessos, veja lá o que faz, seu Chim!

O CHIM: — O que nós fazemos é sòmente por pagode. Quando a cousa for séria eu te previno no dia... seguinte.

★

Na rua do Ouvidor:

— Olha, lá vem o Brito.

— Como, se o Brito morreu há três meses!?

— Homem, é verdade. Se fôsse êle estaria de luto.

★

Calino pára diante de um sujeito, em plena rua:

— Mas então v.s. não é o Viana?

— Não, senhor.

— Pois olhe, se não é o Viana é o diabo por êle.

— Muito obrigado!

★



PIC-NIC da guarnição da baleeira «Pátria», do Clube Internacional de Regatas, na Ilha do Bom Jesus.

Ao Polo Norte em submarino

O engenheiro alemão Auchutz Kampfe está construindo um submarino com o qual projeta chegar ao pólo norte. Segundo seus cálculos, o submarino poderá permanecer debaixo de água quinze horas seguidas. Supondo que só ande três milhas por hora, poderá percorrer, sem necessidade de vir à superfície, uma extensão de 45 milhas, o que lhe daria grandes probabilidades de êxito, visto os exploradores polares estarem todos de acôrdo em afirmar que é raro encontrar planície de gêlo sem alguma solução de continuidade. O submarino será tripulado por cinco homens. Se ao cabo de seis horas de navegação não encontrar nenhuma solução de continuidade sob o gêlo, tratará de abrir um orifício na neve, o qual, por muito pequeno que seja, bastará para renovar a provisão de ar respirável. Resta saber se tal viagem dará algum resultado.

REVISTA DA SEMANA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cr. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da RAVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

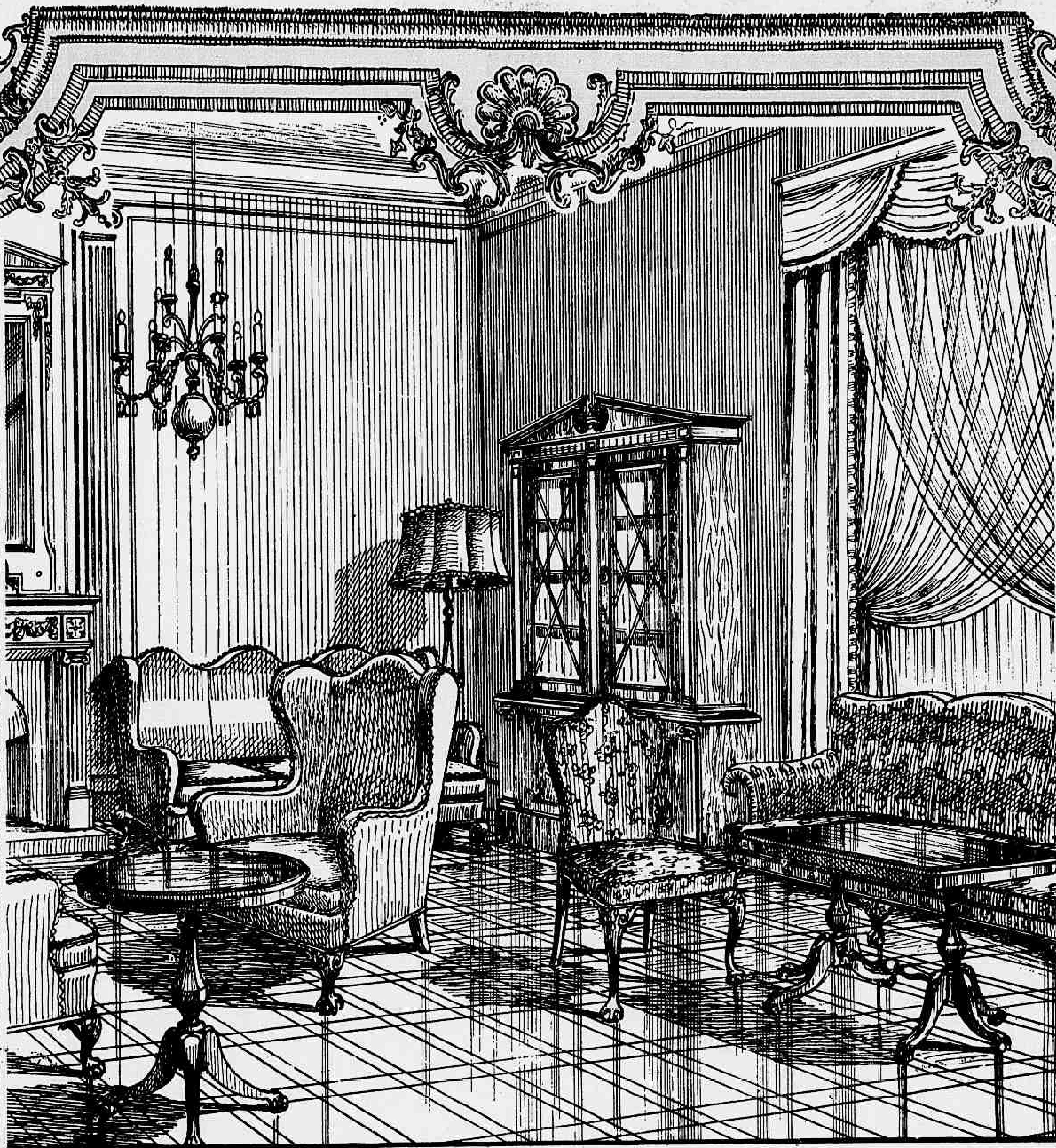
Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5802 ★ Gerência: 228647 ★ Contabilidade: 22-2550





TAPETES E PASSADEIRAS DE FORRAÇÃO
EM CÔRES LISAS E COM FLORES

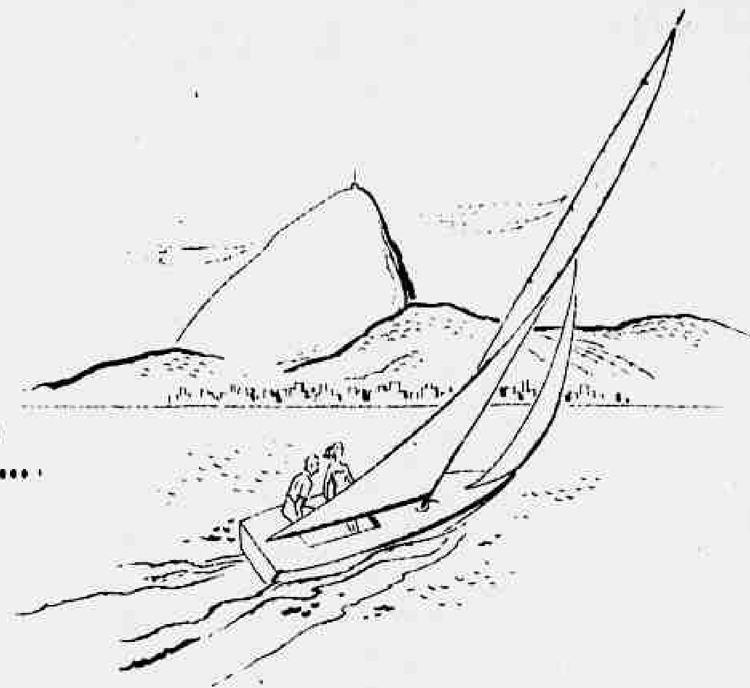
MÓVEIS E DECORAÇÕES
ORÇAMENTOS POR TÉCNICOS ESPECIALIZADOS

GRUPOS ESTOFADOS
ESPECIALIDADE
DE NOSSAS OFICINAS



65 — RUA DA CARIOCA 67 — RIO

uma consagração que se deve a você....





A você e a milhares de outros que sabem apreciar as coisas boas da vida — como os sports do mar — Hollywood deve a sua inequívoca consagração.



cigarros **Hollywood**

uma tradição de bom gosto

H-88 091

UM PRODUTO SOUZA CRUZ